

**UNIVERSIDADE DO ESTADO DE SANTA CATARINA - UDESC
CENTRO DE CIÊNCIAS HUMANAS E DA EDUCAÇÃO – FAED
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM GESTÃO DA INFORMAÇÃO - PPGInfo
MESTRADO PROFISSIONAL EM GESTÃO DE UNIDADES DE INFORMAÇÃO**

CRISTIANO SARDÁ DA CONCEIÇÃO

**LEITURA NAS BIBLIOTECAS DO INSTITUTO FEDERAL DE SANTA CATARINA
(IFSC) - CÂMPUS DA GRANDE FLORIANÓPOLIS: PERCEPÇÕES E PRÁTICAS
DOS BIBLIOTECÁRIOS.**

**FLORIANÓPOLIS-SC
2020**

CRISTIANO SARDÁ DA CONCEIÇÃO

**LEITURA NAS BIBLIOTECAS DO INSTITUTO FEDERAL DE SANTA CATARINA
(IFSC) - CÂMPUS DA GRANDE FLORIANÓPOLIS: PERCEPÇÕES E PRÁTICAS
DOS BIBLIOTECÁRIOS.**

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Gestão da Informação da Universidade do Estado de Santa Catarina, como requisito parcial para obtenção do título de mestre em Gestão de Unidades de Informação.

Linha de pesquisa: Informação, memória e sociedade.

Orientadora: Professora Dra. Gisela Eggert Steindel.

**FLORIANÓPOLIS-SC
2020**

Conceição, Cristiano Sardá da

Leitura nas bibliotecas do Instituto Federal de Santa Catarina (IFSC) - Câmpus da Grande Florianópolis: percepções e práticas dos bibliotecários / Cristiano Sardá da Conceição. -- 2020.

117 p.

Orientadora: Gisela Eggert Steindel

Dissertação (mestrado) -- Universidade do Estado de Santa Catarina, Centro de Ciências Humanas e da Educação, Programa de Pós-Graduação em Gestão da Informação, Florianópolis, 2020.

1. Leitura. 2. Incentivo à leitura. 3. Práticas de leitura. 4. Institutos federais de educação, ciência e tecnologia. I. Eggert-Steindel, Gisela. II. Universidade do Estado de Santa Catarina, Centro de Ciências Humanas e da Educação, Programa de Pós-Graduação Profissional em Gestão de Unidades de Informação. III. Título.

Ficha catalográfica elaborada pelo programa de geração automática da Biblioteca Setorial do FAED/UDESC, com os dados fornecidos pelo autor.

CRISTIANO SARDÁ DA CONCEIÇÃO

**LEITURA NAS BIBLIOTECAS DO INSTITUTO FEDERAL DE SANTA CATARINA
(IFSC) – CÂMPUS DA GRANDE FLORIANÓPOLIS: PERCEPÇÕES E PRÁTICAS
DOS BIBLIOTECÁRIOS.**

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Gestão da Informação da Universidade do Estado de Santa Catarina, como requisito parcial para obtenção do título de mestre em Gestão de Unidades de Informação.

BANCA EXAMINADORA

Orientadora: Dra. Gisela Eggert Steindel
Universidade do Estado de Santa Catarina

Dra. Eliana Maria dos Santos Bahia Jacintho
Universidade Federal de Santa Catarina

Dra. Daniella Camara Pizarro
Universidade do Estado de Santa Catarina

Dra. Andréa Figueiredo Leão Grants (suplente)
Universidade Federal de Santa Catarina

Dra. Felícia de Oliveira Fleck (suplente)
Universidade do Estado de Santa Catarina

Florianópolis, 18 de dezembro de 2020.

À memória de minha mãe, Rosana, pelo amor e carinho, e por me fazer acreditar que na vida nada é impossível.

AGRADECIMENTOS

A Deus, por me conceder a vida e a saúde necessária para ir em busca dos meus sonhos.

Aos meus filhos, Lucas e Bernardo, por me ensinarem algo novo todos os dias.

À minha companheira, Camila, pelo incentivo, colaboração e paciência, principalmente no difícil período de isolamento social.

À minha irmã, Flávia, por compartilhar momentos de aflição e superação no curso.

À minha orientadora, Gisela Eggert Steindel, pela parceria e comprometimento em todas as fases da pesquisa.

À Daniella Camara Pizarro, Eliana Maria dos Santos Bahia Jacintho, Felícia de Oliveira Fleck e Andréa Figueiredo Leão Grants, por aceitarem compor a banca examinadora e pelas importantes contribuições.

Ao corpo docente do Programa de Pós-Graduação em Gestão da Informação, pela oportunidade e pelos conhecimentos compartilhados.

Aos servidores da secretaria do curso e da biblioteca, pelos serviços prestados.

Aos bibliotecários e às bibliotecárias do IFSC, por contribuírem com a coleta de dados para esta pesquisa.

Aos colegas, José Neto, Hilda e Toni Picalho pelas dicas e sugestões importantes.

Aos demais colegas de curso, pelo convívio e pela troca de experiências.

RESUMO

O que a leitura representa para os bibliotecários que atuam nas bibliotecas do Instituto Federal de Santa Catarina? Essa pergunta norteou como objetivo geral compreender a leitura no âmbito das bibliotecas do Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia de Santa Catarina (IFSC), sob a ótica dos bibliotecários atuantes nos câmpus da região da Grande Florianópolis (SC), com os seguintes objetivos específicos: a) traçar o perfil dos bibliotecários pesquisados; b) compreender a visão dos bibliotecários em relação à leitura; c) conhecer as práticas de incentivo à leitura realizadas nas bibliotecas do IFSC. Trata-se de uma pesquisa de natureza qualitativa. O instrumento de coleta de dados utilizado foi o questionário eletrônico enviado por meio da ferramenta *Google Forms*. Para a análise dos dados utilizou-se da análise de conteúdo de Bardin (2009). Participaram da pesquisa dez bibliotecários lotados nas bibliotecas dos câmpus: Florianópolis, Florianópolis-Continente, Palhoça e São José. Concomitante à coleta de dados empíricos, realizou-se um levantamento bibliográfico na Base de Dados Referencial de Artigos de Periódicos em Ciência da Informação (BRAPCI) e na Biblioteca Digital Brasileira de Teses e Dissertações (BDTD). Neste esforço, poucos foram os estudos identificados nestas bases no âmbito dos institutos federais, nenhum deles direcionado às bibliotecas do IFSC. O referencial teórico fundamentou-se em Petit (2009; 2010; 2013), Martins (2006) e Silva (2009), para discutir a leitura no sentido amplo, e optou-se pela abordagem na perspectiva da leitura de mundo defendida por Freire (2003) para a construção de um leitor crítico. Os resultados da pesquisa apontam que, no conceito destes bibliotecários, a leitura é um ato de interpretação e produção de sentidos, pressupondo que a leitura tem uma estreita relação com a informação e com o conhecimento. Tais bibliotecários têm na leitura uma possibilidade de transformação, quer seja na leitura para estudo, ou na leitura de fruição, e relacionam a leitura com liberdade e compreensão de mundo e reconhecem a sua importância para a formação pessoal, acadêmica e profissional. Dentre as práticas de incentivo à leitura que desenvolvem, foram identificadas atividades lúdicas sobre obras de literatura de ficção, como roda de leitura, leitura e debates e sarau literário, e atividades de divulgação do livro e da leitura, como exposição de livros, indicação de obras literárias e troca-troca de livros. Foram revelados fatores motivacionais que influenciam diretamente as práticas de incentivo

à leitura e a formação de leitores nas bibliotecas do IFSC, como a escassez de tempo dos bibliotecários, comprometidos com outros serviços como o processamento técnico de materiais bibliográficos; a dificuldade em trabalhar a leitura com um público diversificado de diferentes níveis de ensino; a limitação do acervo; a necessidade de interação entre bibliotecários e docentes; e o perfil tecnicista dos bibliotecários. Pautados nos resultados, como característica do mestrado profissional é proposto, no apêndice A, Curso de Capacitação em Mediação da Leitura. O alvo do curso em tela são os bibliotecários e demais técnicos das bibliotecas para que se possa aperfeiçoar e formar novos mediadores da leitura.

Palavras-chave: Leitura. Incentivo à leitura. Práticas de leitura. Institutos federais de educação, ciência e tecnologia.

ABSTRACT

What does reading represent for librarians working in libraries at the Federal Institute of Santa Catarina? This question guided the general objective of understanding reading within the libraries of the Federal Institute of Education, Science and Technology of Santa Catarina (IFSC), from the perspective of librarians working on the campus of the Greater Florianópolis (SC) region, with the following specific objectives : a) outline the profile of the researched librarians; b) understand the librarians' view of reading; c) know the reading incentive practices carried out in the IFSC libraries. It is a qualitative research. The data collection instrument used was the electronic questionnaire sent using the Google Forms tool. For data analysis, Bardin's content analysis (2009) was used. Ten librarians from the campus libraries participated in the research: Florianópolis, Florianópolis-Continente, Palhoça and São José. Concomitant to the collection of empirical data, a bibliographic survey was carried out in the Reference Database of Journal Articles in Information Science (BRAPCI) and the Brazilian Digital Library of Theses and Dissertations (BDTD). In this effort, few studies were identified on these bases within the scope of federal institutes, none of them directed to the IFSC libraries. The theoretical framework was based on Petit (2009; 2010; 2013), Martins (2006) and Silva (2009) to discuss reading in the broad sense and opted for the approach in the perspective of world reading advocated by Freire (2003) for the building a critical reader. The research results point out that in the concept of these librarians, reading is an act of interpretation and production of meanings assuming that reading has a close relationship with information and knowledge. For those librarians, reading has a possibility of transformation, whether in reading for study or in reading fruition, as they relate reading to freedom and understanding of the world and recognize its importance for personal, academic and professional training. Among the reading incentive practices that they develop, playful activities were identified on works of fiction literature such as reading, reading and debates and literary soirees, and activities for the dissemination of books and reading such as book exhibitions, indication of literary works and book exchange. Motivational factors that directly influence reading incentive practices and the training of readers in IFSC libraries were revealed, such as the shortage of time for librarians, committed to other services such as the technical processing of bibliographic materials; the difficulty in

working on reading with a diverse audience of different levels of education; the limitation of the collection; the need for interaction between librarians and teachers; and the technical profile of librarians. Based on the results, as a characteristic of the professional master's degree, it is proposed, in appendix A, Training Course in Reading Mediation. The target of the course on screen is librarians and other library technicians so that they can improve and train new reading mediators.

Keywords: Reading. Reading incentive. Reading practices. Federal institute of education, science and technology.

LISTA DE FIGURAS

Figura 1 – Câmpus do IFSC	30
Figura 2 – Organograma da Pró-Reitoria de Ensino do IFSC	34

LISTA DE GRÁFICOS

Gráfico 1 – Faixa etária	68
Gráfico 2 – Gênero	69
Gráfico 3 – Instituição da graduação em Biblioteconomia	69
Gráfico 4 – Ano da graduação em Biblioteconomia	70
Gráfico 5 – Possui outra formação de nível superior? Qual?	71
Gráfico 6 – Nível de formação	71
Gráfico 7 – Qual curso de pós-graduação realizou?	72
Gráfico 8 – Em que ano ingressou no IFSC no cargo de bibliotecário?	73
Gráfico 9 – Atividade que realiza com mais frequência na biblioteca	73
Gráfico 10 – Atividade que mais gosta de realizar na biblioteca	74
Gráfico 11 – Com que frequência você lia na infância?	82
Gráfico 12 – Qual a sua preferência de leitura literária?	84
Gráfico 13 – Você se considera um bibliotecário leitor?	91

LISTA DE QUADROS

Quadro 1 – Bibliotecários Grande Florianópolis e bibliotecários respondentes.....	61
Quadro 2 – Termos de busca nas bases de dados	65
Quadro 3 – Referências selecionadas da base BRAPCI	66
Quadro 4 – Referências selecionadas da base BDTD	66
Quadro 5 – Comparativo entre frequência e preferência das atividades	75
Quadro 6 – Íntegra das respostas sobre leitura	76
Quadro 7 – Unidades de registro e categorias	77
Quadro 8 – Frequência das categorias	78
Quadro 9 – Você já participou de cursos relacionados à área de leitura e/ou formação de leitores? Quais?	93
Quadro 10 – Práticas de incentivo à leitura realizadas	94

LISTA DE SIGLAS E ABREVIATURAS

CEFET – Centro Federal de Educação Tecnológica
CEPE – Colegiado de Ensino, Pesquisa e Extensão
CERFEAD – Centro de Referência em Formação e Educação a Distância
CONSUP – Conselho Superior
ETFSC – Escola Técnica Federal de Santa Catarina
FIC – Formação Inicial e Continuada
IF – Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia
IFLA – Federação Internacional de Associações e Instituições Bibliotecárias
IFSC – Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia de Santa Catarina
OCDE – Organização para a Cooperação e Desenvolvimento Econômico
PISA – Programa Nacional de Avaliação de Estudantes
PPGInfo – Programa de Pós-Graduação em Gestão da Informação
RFEPCT – Rede Federal de Educação Profissional, Científica e Tecnológica
SiBI/IFSC – Sistema de Bibliotecas Integradas do IFSC
UDESC – Universidade do Estado de Santa Catarina
UFSC – Universidade Federal de Santa Catarina

SUMÁRIO

1 INTRODUÇÃO	15
1.1 PROBLEMA DE PESQUISA	18
1.2 OBJETIVOS	19
1.3 JUSTIFICATIVA	20
1.4 ESTRUTURA DO TRABALHO	27
2 O INSTITUTO FEDERAL DE SANTA CATARINA	29
2.1 CÂMPUS DA REGIÃO DA GRANDE FLORIANÓPOLIS	31
2.2 SISTEMA DE BIBLIOTECAS INTEGRADAS (SiBI/IFSC)	33
2.3 BIBLIOTECAS NOS INSTITUTOS FEDERAIS	36
2.4 BIBLIOTECÁRIOS NOS INSTITUTOS FEDERAIS	41
3 LEITURA – UM REFERENCIAL TEÓRICO	44
3.1 A LEITURA NA CONSTRUÇÃO DE SI	50
3.2 MEDIAÇÃO DA LEITURA	54
4 CAMINHOS METODOLÓGICOS	59
4.1 O PRODUTO DO ESTUDO	63
4.2 LEVANTAMENTO BIBLIOGRÁFICO	65
5 A LEITURA SOB A ÓTICA DOS BIBLIOTECÁRIOS DO INSTITUTO FEDERAL DE SANTA CATARINA	68
5.1 OS BIBLIOTECÁRIOS DO IFSC: UM PERFIL	68
5.2 COMPREENSÃO SOBRE LEITURA	75
5.3 PRÁTICAS DE INCENTIVO À LEITURA	93
6 CONSIDERAÇÕES FINAIS	102
REFERÊNCIAS	106
APÊNDICE A – CURSO DE CAPACITAÇÃO EM MEDIAÇÃO DA LEITURA	113
APÊNDICE B – MODELO DE QUESTIONÁRIO	114
ANEXO A – TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO	117

1 INTRODUÇÃO

O mecanismo da leitura e sua prática certamente são umas das formas mais importantes para se adquirir informação e conhecimento. Ela se constitui em um dos meios de interação social e estimula a reflexão sobre diversos temas, favorecendo a formação de um sujeito crítico. Há diferentes formas de leitura possíveis. Esta pesquisa considera as três principais defendidas por Silva (2009): a leitura mecânica, a leitura de mundo e a leitura crítica. A primeira é a leitura realizada no sentido de decifrar códigos e símbolos. Por muito tempo, acreditou-se que a alfabetização consistia essencialmente nisso, no ato de ler as palavras e formar frases. A segunda, denominada por Paulo Freire como leitura de mundo, consiste na prática de ler o mundo a partir de vivências individuais. Na perspectiva da leitura de mundo mesmo antes de aprender a ler a palavra escrita o indivíduo já faz uma leitura de mundo com base na sua interação com o ambiente ao seu redor. A terceira é a leitura crítica, na qual o indivíduo associa a leitura mecânica à leitura de mundo e desenvolve a habilidade de leitor crítico. Essa forma de leitura permite ao leitor compreender, interpretar e atribuir sentido ao que está sendo lido, independente da linguagem em que está sendo veiculada, pois, conforme aponta Silva (2009, p. 67), “não se leem apenas os livros, lê-se o mundo, que se revela ao leitor atento sob múltiplas linguagens: lê-se um filme, um texto ou uma imagem publicitária, um rosto, um gesto, um tom de voz.” Ou seja, tudo o que está ao nosso redor pode ser lido, na medida que se apresente com a possibilidade de ser interpretado.

O exercício da cidadania passa pelo acesso à informação, ou melhor, todo indivíduo precisa estar bem informado para exercer o seu papel na sociedade. A leitura possibilita a construção de uma sociedade consciente de seus direitos e de seus deveres, permite que se tenha uma visão de mundo e de si mesmo (SOUZA, 2007). Neste sentido a leitura crítica é fundamental, pois, por meio dela, adquire-se conhecimento, amplia-se o vocabulário e desenvolve-se o senso crítico. Para ascender a um nível mais elevado de vida, viver em sociedade e com democracia, é necessário investimento em cultura e estímulo à leitura. Dessa forma, a leitura apresenta-se como um tema muito relevante e sua discussão torna-se necessária, principalmente nos dias atuais.

Dentro dessa temática, a presente pesquisa foi realizada no âmbito das bibliotecas do Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia de Santa Catarina (IFSC).

Atualmente, o IFSC faz parte da Rede Federal de Educação Profissional, Científica e Tecnológica, vinculada ao Ministério da Educação. Apesar de ter este nome há pouco tempo, o IFSC é uma instituição centenária.

Por meio do Decreto nº 7566 de 23 de setembro de 1909, o presidente da República dos Estados Unidos do Brasil, Nilo Peçanha, cria nas capitais brasileiras as Escolas de Aprendizes Artífices, para o ensino profissional primário e gratuito.

Em Santa Catarina, a Escola de Aprendizes Artífices foi instalada no dia 1º de setembro de 1910, em Florianópolis, na Rua Almirante Alvim, nº 17, em um prédio cedido pelo governador do Estado, Coronel Gustavo Richard.

Ao longo das décadas, a instituição teve várias alterações em sua nomenclatura: Liceu Industrial de Florianópolis, Escola Industrial de Florianópolis, Escola Industrial Federal de Santa Catarina, Escola Técnica Federal de Santa Catarina e Centro Federal de Educação Tecnológica de Santa Catarina. Somente em 2008 a instituição passou a se chamar Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia de Santa Catarina.

A Lei 11.892, de 29 de dezembro de 2008, instituiu a atual Rede Federal de Educação Profissional, Científica e Tecnológica (RFEPCT), e criou os Institutos Federais de Educação, Ciência e Tecnologia (IFs).

A RFEPCT foi constituída pela união das seguintes instituições: Institutos Federais de Educação, Ciência e Tecnologia (IFs); Universidade Tecnológica Federal do Paraná (UTFPR); Centros Federais de Educação Tecnológica Celso Suckow da Fonseca do Rio de Janeiro (CEFET/RJ) e de Minas Gerais (CEFET/MG); Escolas Técnicas vinculadas às Universidades Federais; e Colégio Pedro II.

Uma das características centrais da formação da Rede Federal de Educação Profissional, Científica e Tecnológica (Rede Federal) foi a implantação de uma nova concepção sobre o papel e a presença do sistema de ensino federal na oferta pública da educação profissional e tecnológica. Essa característica se materializa no desenho de um novo padrão de instituição, os denominados Institutos Federais de Educação, Ciência e Tecnologia (Institutos Federais ou IFs), estruturados a partir dos vários modelos existentes e da experiência e capacidade instaladas especialmente nos Centros Federais de Educação Tecnológica (Cefet), nas escolas técnicas e agrotécnicas federais e nas escolas técnicas vinculadas às universidades federais.

Os Institutos Federais são instituições, pluricurriculares e multicampi (reitoria, campus, campus avançado, polos de inovação e polos de educação a distância), especializados na oferta de educação profissional e tecnológica (EPT) em todos os seus níveis e formas de articulação com os demais níveis e modalidades da Educação Nacional, oferta os diferentes tipos de cursos de EPT, além de licenciaturas, bacharelados e pós-graduação *stricto sensu* (BRASIL, 2020, *online*).

Assim como os IFs, as suas bibliotecas também têm essa característica marcante: atendem a comunidades que abrangem diferentes níveis de ensino. Essas unidades de informação destacam-se por essa peculiaridade: a biblioteca de um mesmo câmpus¹ pode atender a estudantes do ensino técnico integrado ao ensino médio, estudantes de graduação, pós-graduação, cursos de qualificação, entre outros. Sendo assim, pode-se imaginar como o público dessas bibliotecas é variado.

Um estudo realizado por Santos, Gracioso e Amaral (2018) destaca que as bibliotecas dos IFs não se enquadram nos conceitos de bibliotecas já reconhecidas conceitual, social e institucionalmente, como, por exemplo, a biblioteca escolar, a biblioteca universitária ou a biblioteca pública.

Quando se tem um público específico em uma biblioteca, os serviços são, de certa forma, direcionados a este tipo de público. Talvez não seja muito comum promover a hora do conto em uma biblioteca universitária, assim como a capacitação em bases de dados internacionais em uma biblioteca escolar. Não que isto não seja possível, mas, provavelmente não será prioridade.

Com a leitura não é diferente. Nas bibliotecas dos IFs, com um público tão diversificado, a temática leitura ganha um novo olhar. A maneira como os leitores são abordados, as estratégias para formação de leitores, as ações de promoção da leitura, tudo isso precisa ser repensado.

A criação da RFEPCT e dos IFs, inicia uma nova fase para as suas bibliotecas abrindo, assim, um leque para novas pesquisas.

A produção de literatura específica sobre as bibliotecas dos institutos federais está em fase inicial, uma vez que a configuração administrativa e pedagógica da instituição impactou diretamente nas bibliotecas e no trabalho dos bibliotecários, gerando assim uma

1 Para este estudo optou-se por utilizar a palavra “câmpus” tanto no singular quanto no plural, sem grafia em itálico e sem a variação “campi” para o plural, conforme o Manual de Redação do IFSC (2016).

necessidade de novos estudos sobre as práticas biblioteconômicas pertinentes a essas bibliotecas (SANTOS; GRACIOSO; AMARAL, 2018, p. 33).

O presente estudo, aplicado com os bibliotecários do IFSC sobre o tema leitura, vem a contribuir com a literatura sobre as bibliotecas dos institutos federais.

1.1 PROBLEMA DE PESQUISA

O Brasil é um país no qual os índices de leitura não são muito favoráveis. Historicamente, a leitura em nosso país é um privilégio para poucos. Neste sentido, Luckesi et al (2001, p. 127) denuncia que a leitura no Brasil se inicia com uma grave discriminação, “aos senhores era assegurado esse direito; aos outros, que nas suas culturas de origem certamente já o exerciam, era usurpado este mesmo direito, em nome da superioridade da raça dos que aqui aportaram como descobridores e benfeitores.” A questão da democratização da leitura ainda parece algo distante, como mostram os dados da pesquisa do Programa Internacional de Avaliação de Estudantes (PISA), realizada a cada três anos. Na pesquisa realizada em 2012, o Brasil ficou em 55º lugar no item “leitura”, atrás de países como Tailândia, Uruguai e Chile. Em relação aos resultados da pesquisa do PISA 2015, o desempenho do Brasil não foi muito diferente. De acordo com o relatório OCDE (Organização para a Cooperação e Desenvolvimento Econômico) – PISA 2015, o desempenho dos estudantes no Brasil no item “leitura” está abaixo da média dos estudantes de outros países da OCDE (407 pontos comparados à média de 493 pontos). Dados mais recentes do PISA 2018 apontam que 50% dos estudantes brasileiros com 15 anos de idade não possuem o nível básico em leitura, ou seja, não alcançaram o mínimo de proficiência que estudantes devem ter até o final do ensino médio. Esses resultados deixam o Brasil em penúltimo lugar entre os países sul-americanos no item “leitura”, empatado tecnicamente com a Colômbia e à frente apenas da Argentina e do Peru. A média dos países da OCDE em 2018 é de 487 pontos e o Brasil figura na faixa de 55º e 59º lugar com 413 pontos. Esses números revelam que o estudante brasileiro tem grande deficiência em leitura, o que pode prejudicar seu prosseguimento nos estudos e dificultar o acesso ao ensino superior. As autoras Rosa e Oddone (2006, p. 183) avaliam que “o baixo índice de leitura de sua população talvez seja o obstáculo mais comprometedor para a superação das

dificuldades e é uma consequência das condições socioeconômicas e educacionais da população do país.” Entretanto, grande parte da população não tem consciência disso. Não muito raro as pessoas tratam a leitura como algo supérfluo, sem muita importância. Não têm consciência do poder de transformação que a leitura tem em suas vidas, uma vez que, por diferentes razões, não foram alçados à cultura do livro e da leitura.

Portanto, vale refletir e questionar, como conscientizar essas pessoas? Paulo Freire ensinou que não se trata de conscientizar, mas de fazer compreender que homens e mulheres podem ser sujeitos da sua própria história. Na concepção de Freire (2003), a educação é um instrumento de libertação e o ato de ler consiste em um processo que não depende apenas da habilidade de decodificar sinais e decifrar textos, mas da capacidade de interpretar e dar sentido a eles. Em um mesmo argumento, Lacerda Júnior e Higuchi (2017, p. 103) apontam que “o sujeito que lê se descobre capaz de transformar a realidade social na qual está inserido a partir de um sonho e um projeto de mudança tecido no diálogo entre o seu mundo e o mundo da coletividade.” E Freire (2003) alerta que, em um mundo cercado pela desigualdade, é muito importante conhecer a realidade, compreender o mundo a nossa volta e estar atento às mudanças, fazendo parte delas.

Diante desse contexto e identificada a questão da leitura no Brasil, surge a pergunta de pesquisa: o que a leitura representa para os bibliotecários que atuam nas bibliotecas do Instituto Federal de Santa Catarina?

1.2 OBJETIVOS

A pesquisa tem como objetivo geral compreender a leitura no âmbito das bibliotecas do IFSC sob a ótica dos bibliotecários atuantes nos câmpus da região da Grande Florianópolis. Neste sentido, foram relacionados os seguintes objetivos específicos:

- a) Traçar o perfil dos bibliotecários pesquisados;
- b) Compreender a visão dos bibliotecários em relação à leitura;
- c) Conhecer as práticas de incentivo à leitura realizadas nas bibliotecas do IFSC;
- d) Propor capacitação continuada sobre a temática leitura para os bibliotecários.

1.3 JUSTIFICATIVA

Iniciei meus estudos do ensino fundamental no Colégio Estadual Getúlio Vargas, situado no bairro Saco dos Limões, no município de Florianópolis, estado de Santa Catarina. Foi nessa escola que estudei todo o ensino básico, desde o pré-escolar até a conclusão do ensino médio. Essa escola tinha uma biblioteca, na realidade tem até hoje. Porém, a forma como aqui me dirijo a ela se refere à época em que lá estudei (1989 a 2002).

A escola foi fundada em 1940 com o nome Grupo Escolar Getúlio Vargas. O então presidente da República, Getúlio Vargas, esteve presente na solenidade de inauguração e participou da plantação da muda de uma árvore Pau-Brasil na escola. Essa muda foi doada por crianças pernambucanas daquela época. Foi plantada, cresceu e existe até hoje. Esse Pau-Brasil tem um significado muito especial para o colégio e, por isso, o esforço de todos em preservá-lo.

Minha primeira visita à biblioteca do Colégio Getúlio Vargas foi na primeira série do ensino fundamental. A professora Mari nos levou para conhecer. Naquele ano de início à alfabetização, ainda não usávamos livros nem fazíamos muitas leituras além de atividades de uma cartilha didática direcionada para estudantes daquele primeiro ano. Nossa visita à biblioteca foi mais para conhecer o local. Lembro-me de ter visto uma senhora sentada numa mesa com uns fichários e uma papelada, algumas estantes metálicas com livros e enciclopédias, algumas mesas para estudo e uma mesa com jornais. Foi uma visita rápida.

No ano seguinte, já na segunda série, a professora Maristela começou a nos levar semanalmente à biblioteca para retirar livros infantis emprestados. No primeiro dia recebemos uma breve orientação daquela senhora, que eu achava que era bibliotecária, sobre o funcionamento da biblioteca. O acervo de livros infantis era muito pequeno e, logo, começávamos a pegar os mesmos livros já lidos anteriormente. Naquele época eu nem achava ruim porque sempre tinha um livro ou outro que eu gostava mais, então fazer uma releitura dos que eu gostava não era a pior coisa do mundo. Foi assim até a quarta série, quando a professora Ivonete, de língua portuguesa, começou a exigir fichas de leituras valendo nota. O primeiro livro que li para fazer ficha de leitura foi *A ilha perdida*, da coleção Vagalume, escrito por Maria José Dupré. Confesso que nunca gostei dessa atividade. Eu cheguei a desgostar um pouco de ler por conta dessa exigência. Até então, eu levava um livro

para casa e lia sem pressão. Algumas vezes, pegava o livro nas mãos com a intenção de olhar apenas as figuras. Por curiosidade, lia uma frase antes ou uma depois das figuras para entender o que a figura representava e muitas vezes era assim que acabava lendo o livro todo, quando aquela frase antes ou depois das figuras despertavam-me a curiosidade de ler toda a história. Às vezes gostava e lia o mesmo livro mais de uma vez na mesma semana, antes de devolver. Quando se passou a exigir ficha de leitura me senti pressionado, até porque, só o fato de ouvir falar que valia nota já me tirava um pouco o prazer de ler.

Nos anos finais do ensino fundamental – naquela época chamava-se de ginásio – me distanciei um pouco da biblioteca. O número de disciplinas aumentou. Outro fator relevante para se distanciar da biblioteca era o fato de ela estar situada no prédio dos anos iniciais – chamava-se de primário – na parte de cima da escola, enquanto as salas de aula dos anos finais situavam-se na parte de baixo.

Foi nos anos finais do ensino fundamental que começamos a usar livros didáticos para quase todas as disciplinas. Lembro que naquela época (década de 1990) o governo não fornecia os livros didáticos. Os professores indicavam os livros e nossos pais tinham que comprar. Muitos desses livros eram caros e alguns pais não tinham condições de comprar. Era comum estudantes precisarem tirar cópias de algumas páginas para realizar as tarefas de casa e, durante a aula, passavam o ano inteiro se sentando ao lado de colegas para conseguir fazer as atividades. Atualmente, existe o Programa Nacional do Livro Didático (PNLD), do governo federal, e todas as escolas públicas, municipais, estaduais e federais cadastradas no censo escolar recebem esses livros para distribuir aos seus alunos gratuitamente.

Fora as constantes atividades realizadas com esses livros didáticos, pouco (ou quase nunca) se usava a biblioteca da escola. Eu ia mais a biblioteca para olhar os jornais, principalmente as páginas de esporte. Quando tinha rodada do campeonato catarinense de futebol na noite anterior, chegava cedo à biblioteca e corria para a mesa dos jornais para ver os resultados da rodada e a classificação do meu time na tabela. Era uma alegria! As crianças de hoje jamais saberão o que é fazer isso, pois ficam sabendo dos resultados em tempo real por meio de seus *smartphones*. Sempre gostei de ler jornais, inclusive em casa. Esse gosto eu herdei da minha avó, ela lia bastante jornais e toda semana pedia para que eu fosse à padaria comprar o “diário de domingo”, como ela chamava a edição de domingo de um jornal local. Jornais sempre tínhamos em casa, livros nem sempre. Tínhamos

uma enciclopédia na estante da sala e eu a usava para algumas pesquisas solicitadas pelos professores como tarefa para a casa. As primeiras vezes que a utilizei foram com o auxílio e a orientação da minha mãe.

No ensino médio pouca coisa mudou em relação à leitura e ao uso da biblioteca. O ensino era voltado mais para a preparação para o vestibular, e a leitura literária sempre deixada para segundo plano. Não tenho recordação de ter tido um professor no ensino médio que incentivasse a leitura, tampouco bibliotecário, pois não havia esse profissional na biblioteca da escola. Quem trabalhava na biblioteca eram professoras, quase sempre recém retornando de licença para tratamento de saúde.

A minha experiência em bibliotecas durante os anos de escola não teve uma intimidade muito forte com a leitura de livros. Mas em casa sempre fui incentivado a estudar. Minha mãe me incentivava bastante nos estudos. Ela gostava muito de arte e, entre as várias atividades que fazia, gostava de pintar telas. Era servidora pública federal e chegou a iniciar o curso superior de Desenho na Universidade do Estado de Santa Catarina (UDESC). Eu sempre a via fazendo palavras cruzadas e lendo revistas que comprava em uma banca de jornais próximo ao trabalho dela. Recordo-me de minha mãe comprar bastante gibis para mim, e eu gostava. Meus avós maternos, que praticamente me criaram enquanto a minha mãe trabalhava, também me incentivavam nos estudos. Principalmente a minha avó, dona Cilene. Esta criara cinco netos todos juntos, nos ajudava nas tarefas de casa enquanto cuidava da comida no fogão. A vó Cilene era muito inteligente, havia feito o Curso Técnico em Contabilidade na Academia do Comércio antes de se casar, mas virara *do lar* para se dedicar integralmente ao esposo e à família. Algumas vezes deixou a comida queimar enquanto estudava comigo as questões de prova. Lembro que a minha vó muito me dizia que o estudo era importante, para que eu pudesse me tornar um médico, um dentista ou um advogado.

No ano 2002, ao me formar no ensino médio, pretendia prestar o vestibular, mas, por não saber qual era a minha vocação, tinha muitas dúvidas entre qual curso escolher. Flávia, minha irmã mais velha, falava muito sobre o curso de Biblioteconomia. Ela era aluna regular do curso na Universidade Federal de Santa Catarina (UFSC). Flávia chegava das aulas sempre muito motivada e falava bastante sobre a informatização das bibliotecas e sobre as novas possibilidades de atuação do bibliotecário. Entre uma conversa e outra, Flávia me convenceu a prestar

o vestibular para Biblioteconomia na mesma universidade, e assim o fiz. Após a aprovação no vestibular para a turma com ingresso em 2003/2, fiz a matrícula, mas não cursei devido a gravidez inesperada da mãe do meu primeiro filho, na época minha namorada. Arrumei um trabalho em uma loja de conveniências e o horário de trabalho coincidia com o do curso. Foi preciso escolher entre estudar ou trabalhar. E para quem ia se tornar pai, ficar sem trabalhar estava fora de cogitação. Passados alguns anos, em 2007 resolvi prestar novamente o vestibular e dessa vez eu sabia exatamente qual curso escolher. Fui aprovado para o curso de Biblioteconomia da UFSC para o semestre 2008/1.

Como aluno regular, tive a oportunidade estagiar desde a primeira fase do curso. O primeiro estágio foi realizado no período de 2008 a 2010 no Arquivo Público do Estado de Santa Catarina. Lá conheci excelentes profissionais, o que me rendeu muitos ensinamentos na área de gestão documental. A oferta de estágios para estudantes de biblioteconomia em arquivos públicos e privados era maior que em bibliotecas. Isso ocorria, principalmente, devido a não existência até então de cursos de arquivologia no estado de Santa Catarina. A partir de 2010, com a criação do Curso de Arquivologia na UFSC, essa tendência começou a mudar, visto que essas vagas passaram a ser ocupadas por estudantes desse curso.

Após quase dois anos de estágio no arquivo público, fui trabalhar no Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE) como supervisor no censo demográfico de 2010, atividade sem relação direta com a profissão bibliotecária.

Somente na sétima fase do curso de biblioteconomia tive contato com bibliotecas por meio de estágios. O primeiro estágio foi realizado de março a julho de 2011 na biblioteca do Serviço Social do Comércio (SESC), Unidade Prainha, em Florianópolis, com a supervisão da bibliotecária Verônica Santos. Na ocasião, o trabalho de processamento técnico de livros era centralizado e realizado pelas bibliotecárias do departamento regional, em outro local. Dessa forma, a bibliotecária e os demais colaboradores da biblioteca dessa unidade na qual estagiei tinham boa parte dos trabalhos voltados para atividades culturais promovidas pela própria biblioteca e pela instituição. Em todas as ações da unidade a biblioteca estava presente, promovendo o acesso aos livros à toda a comunidade, em eventos dentro e fora da instituição. Essa vivência me aproximou da leitura de forma bastante significativa, foi quando pude passar mais tempo em contato com os livros. Foi uma experiência muito relevante para mim, mesmo que por pouco tempo.

Entre os meses de agosto e setembro do mesmo ano fiz o estágio obrigatório do curso de Biblioteconomia na Biblioteca Central da UFSC (BU/UFSC). No curto estágio de 270 horas tive uma breve passagem pelos diferentes setores da biblioteca, sendo a maior parte direcionado ao processamento técnico, especialmente a catalogação de materiais bibliográficos.

Por recomendação de ex-colegas de trabalho, fui indicado para retornar ao Arquivo Público do Estado, dessa vez contratado por uma empresa terceirizada. Nessa oportunidade, atuei por oito meses até passar no processo seletivo para trabalhar como assistente de biblioteca na mesma biblioteca do SESC em que havia estagiado. Pude reviver toda aquela vivência da época do estágio em biblioteca.

Após um período de nove meses como colaborador da biblioteca do SESC, saí para assumir o cargo de auxiliar de biblioteca no IFSC, campus São José, após ser aprovado em concurso público no ano 2013, cargo em que me encontro atualmente.

O campus São José possui duas vagas de bibliotecário para atuação na biblioteca. Passados sete anos de atividades no campus, devido a rotatividade de servidores, entre uma remoção e outra tive a oportunidade de trabalhar com diferentes bibliotecários, cinco ao todo, cada qual com o seu perfil. Na função de auxiliar de biblioteca, ocupo a maior parte do tempo com o atendimento ao público, que são servidores técnicos administrativos, docentes e, principalmente estudantes. Sempre disponível diante do balcão de atendimento da biblioteca, realizo atividades como empréstimos e devoluções de livros, orientações em pesquisas escolares e acadêmicas, organização do acervo, leitura de estante e outras atividades administrativas. Outra atividade que ocupa bastante tempo é o gerenciamento dos livros didáticos do Programa Nacional do Livro Didático (PNLD) utilizados pelos estudantes dos cursos técnicos integrados ao ensino médio.

Os servidores da biblioteca do campus têm a sua rotina bem definida e com pouco tempo destinado a atividades culturais. O horário de atendimento da biblioteca é muito extenso, das 7h30 às 22h30, geralmente são dois servidores por turno, sendo que, muitas vezes, devido ao afastamento por férias ou licenças, trabalha apenas um por turno, o que impossibilita a realização de outras atividades que não sejam as de rotina.

A ausência de atividades culturais e de práticas de incentivo à leitura no meu ambiente de trabalho me motivou a pesquisar sobre a temática no Curso de

Especialização em Gestão de Bibliotecas Escolares da Universidade Federal de Santa Catarina (UFSC), com a realização do trabalho de conclusão de curso intitulado *A importância da leitura para os alunos do Curso Técnico Integrado de Telecomunicações do IFSC – campus São José*. Nessa pesquisa, o objetivo foi investigar a leitura na visão dos estudantes dessa instituição com idade entre 14 e 17 anos. A pesquisa teve como alvo estudantes de apenas um curso de determinado câmpus. Como resultados, identificou-se tipo de leituras realizadas; quantidade de obras lidas em determinado período; fatores que motivam e desmotivam a leitura; entre outros, pela amostra investigada.

A realidade constatada ampliou a necessidade de explorar mais o tema leitura, identificar quais ações são realizadas nas demais bibliotecas do IFSC, as dificuldades encontradas pelos bibliotecários para a realização de ações voltadas para o fomento à leitura, analisar o perfil deste profissional. A frase de Caldin (2005, p. 163) me foi inquietadora “o êxito de uma biblioteca escolar em cativar leitores depende de duas variáveis: do acervo bibliográfico e do profissional que nela atua”. Inscrito no universo dos institutos federais, instigou o meu interesse em estudar o tema a partir dos bibliotecários, para conhecer “o outro lado”.

A diversidade de público das bibliotecas do IFSC também foi um fator motivador para essa pesquisa. As peculiaridades de cada uma dessas bibliotecas são abordadas na subseção *2.3 Bibliotecas nos Institutos Federais*.

Outro aspecto relevante para essa pesquisa é decorrente da leitura do artigo intitulado *Uma história intelectual da Ciência da Informação em três tempos*, no qual Araújo (2017) apresenta os resultados de uma pesquisa teórica sobre a história da ciência da informação. O autor constrói um quadro em que a Ciência da Informação é dividida em três grandes momentos:

o período fundacional, em que a ciência da informação nasce como resultante de cinco fenômenos distintos (década de 1960); o período de ampliação das problemáticas, com a constituição de seis subáreas (décadas de 1970 a 1990); e as perspectivas contemporâneas, [...] com a identificação de treze distintas abordagens desenvolvidas nos últimos vinte anos (ARAÚJO, 2017, p. 10).

Nas diferentes perspectivas contemporâneas, o autor destaca o tema “memória”. Segundo Araújo (2017), o tema memória sempre esteve presente no

campo da ciência da informação. “Nas últimas duas décadas, contudo, tem tido maior destaque, passando a designar áreas de investigação, linhas de pesquisa em programas de pós-graduação e grupos de trabalho em associações científicas” (ARAÚJO, 2017, p. 22). O autor ressalta, ainda, que estudos recentes têm se voltado para as condições de produção, de circulação e de acesso (de modo a garantir um acesso mais democrático) da informação na constituição da memória. O presente estudo se encaixa, justamente, na linha de pesquisa Informação, Memória e Sociedade, do Programa de Pós-Graduação em Gestão da Informação (PPGInfo), da Universidade do Estado de Santa Catarina (UDESC).

Outra tendência que merece destaque é o fortalecimento do diálogo entre as áreas da Arquivologia, Biblioteconomia e Museologia com a Ciência da Informação. De acordo com Araújo (2014), nas três áreas percebe-se uma sintonia entre as perspectivas teóricas mais recentes. Para Araújo (2017), os estudos nessas três áreas possuem uma ideia em comum: o estudo das maneiras pelas quais uma sociedade lida com o conhecimento que ela própria produz.

Arquivos, bibliotecas e museus, seus fazeres e seus profissionais são entendidos como mediações, interferências específicas realizadas no âmbito da dinâmica informacional mais ampla de uma sociedade. Aproximar a ciência da informação destas três áreas é, assim, tentar compreender como uma cultura é produzida, reproduzida e modificada por meio das interferências destas instituições, é analisar a dinâmica dessas várias interferências, promovidas por atores institucionais ou não, nos distintos processos de criação, seleção, circulação e apropriação dos registros de conhecimento (ARAÚJO, 2017, p. 23).

Considera-se também que o PPGInfo da UDESC é vinculado à área básica da Ciência da Informação, cuja área de avaliação é Comunicação e Informação. Além disso, o PPGInfo tem como área de concentração a Gestão da Informação e um de seus propósitos é “estudar o modo como instituições e pessoas transformam, distribuem e usam a informação para a produção do conhecimento e a inovação, bem como a importância da informação oportuna para os processos produtivos e seus impactos para o desenvolvimento qualitativo da sociedade” (UDESC, 2018).

Essas duas tendências nos estudos recentes em Ciência da Informação, assim como o vínculo do PPGInfo à essa área, reiteram o meu interesse em pesquisar a leitura nas bibliotecas do IFSC sob o olhar dos bibliotecários que nelas atuam.

Ademais, o levantamento bibliográfico, apresentado na subseção 4.2 *Levantamento bibliográfico*, identificou poucas pesquisas sobre leitura nos IFs. O referido levantamento não localizou nenhum estudo sobre o tema leitura especificamente no contexto das bibliotecas do IFSC. Conforme Almeida Júnior (2007, p. 33), “apesar de ter seu espaço de análise, de pesquisa, de interesse e de preocupação dentro da área diminuído; apesar de quase ser esquecida; apesar de ser considerada secundária, a leitura se faz presente, em especial nos aspectos que dizem respeito à mediação na ambiência da informação.”

Diante desse contexto, a presente pesquisa traz, no aspecto teórico, contribuições para a área da Biblioteconomia e da Ciência da Informação, no sentido de apresentar resultados que possibilitam compreender melhor a leitura no âmbito das bibliotecas do IFSC e dos bibliotecários que nelas atuam. No aspecto institucional, a pesquisa contribui com o produto da dissertação, que é o curso de capacitação em mediação da leitura para os bibliotecários. E no aspecto pessoal e profissional, a pesquisa possibilita preencher uma lacuna decorrente da minha inquietação em relação ao tema. Por ser servidor do IFSC, instituição reconhecida pelo ensino público, gratuito e, acima de tudo, de qualidade, o conhecimento adquirido me permite ascender profissionalmente e contribuir para a melhoria dos serviços prestados a comunidade.

1.4 ESTRUTURA DO TRABALHO

Esta dissertação está organizada em seis seções. A seção 1, Introdução, descrita acima, na qual é apresentado tema, problema de pesquisa, objetivos, o estudante pesquisador em formação. A seção 2 aborda o Instituto Federal de Santa Catarina e os câmpus da região da Grande Florianópolis. Discorre sobre as bibliotecas nos institutos federais e os bibliotecários que nelas atuam, assim como sobre a organização do Sistema de Bibliotecas da instituição, que são temas de discussão. Na seção 3, Leitura: um referencial teórico, aborda-se conceitos sobre a temática leitura e mediação da leitura. A seção 4 é destinada a descrever os caminhos metodológicos percorridos neste estudo. A leitura sob a ótica dos bibliotecários é tema da seção 5, na qual se discute os dados obtidos na pesquisa realizada com os bibliotecários do IFSC que atuam nas bibliotecas dos câmpus da Grande Florianópolis. E, na última seção, são apresentadas as considerações

decorrentes desta dissertação. Completam este texto de dissertação os elementos pós-textuais: Referências; Apêndice A – Curso de Capacitação em Mediação da Leitura, um produto que compõe exigência do mestrado profissional; Apêndice B – Modelo de questionário; e Anexo A – Termo de consentimento livre e esclarecido.

2 O INSTITUTO FEDERAL DE SANTA CATARINA

A Escola de Aprendizes Artífices de Santa Catarina, criada pelo Decreto 7.566, de 23 de setembro de 1909, pelo então presidente Nilo Peçanha, dá os primeiros passos para o atual Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia de Santa Catarina, objeto dessa pesquisa. No início, seu objetivo era oferecer formação profissional aos filhos de classes socioeconômicas menos favorecidas.

O supramencionado Decreto criou Escolas de Aprendizes Artífices em todas as capitais dos Estados da República, para o ensino profissional primário e gratuito.

A ementa do Decreto 7.566 considerava:

Que o aumento constante da população das cidades exige que se facilite às classes proletárias os meios de vencer as dificuldades sempre crescentes da luta pela existência; Que para isso se torna necessário, não só habilitar os filhos dos desfavorecidos da fortuna com o indispensável preparo técnico e intelectual, como fazê-los adquirir hábitos de trabalho profícuo, que os afastará da ociosidade ignorante, escola do vício e do crime; Que é um dos primeiros deveres do Governo da República formar cidadãos úteis à Nação (BRASIL, 1909, *online*).

Em Santa Catarina, a primeira sede foi instalada em Florianópolis no dia 1º de setembro de 1910, em um prédio cedido pelo governo do estado. Além do ensino primário, a escola oferecia formação em desenho, oficinas de tipografia, encadernação e pautação, cursos de carpintaria da ribeira, escultura e mecânica (ALMEIDA, 2010).

Desde a sua criação, a escola passou por diversas alterações de nomes: em 1937 passou a se chamar Liceu Industrial de Florianópolis; em 1945, Escola Industrial de Florianópolis; em 1965, Escola Industrial Federal de Santa Catarina; em 1968, Escola Técnica Federal de Santa Catarina (ETFSC); em 2002, Centro Federal de Educação Tecnológica de Santa Catarina (CEFET/SC).

No ano de 2005, o governo federal lançou o Plano de Expansão da Rede Federal de Educação Profissional, Científica e Tecnológica. Como consequência, foram criadas várias unidades em outras cidades, como Chapecó, Joinville e Contimente, em 2006, e Araranguá, em 2008.

Por meio da Lei 11.892, de 29 de dezembro de 2008, sancionada pelo presidente Luiz Inácio Lula da Silva, a Rede Federal de Educação Profissional,

Científica e Tecnológica passa por uma reestruturação e as instituições federais de educação profissional e tecnológica passam a denominarem-se Institutos Federais de Educação, Ciência e Tecnologia (IF).

Os Institutos Federais nasceram então a partir da integração e/ou transformação de Escolas Técnicas Federais, Escolas Agrotécnicas Federais e Centros Federais de Educação Profissional e Tecnológica, configurando-se no contexto da Educação Brasileira como um modelo de instituição de ensino singular. São 38 Institutos Federais distribuídos por todo o território nacional, com estrutura organizada em Reitoria e Campus, além de autonomia administrativa e dotação orçamentária, especializados na oferta de educação profissional e tecnológica nas diferentes modalidades e níveis de ensino e com a missão intrínseca de contribuir para o desenvolvimento regional, cujas atividades são pautadas na tríade: ensino, pesquisa e extensão (SANTOS; GRACIOSO; AMARAL, 2018, p. 28).

Atualmente, o IFSC conta com 22 câmpus distribuídos por todo o estado de Santa Catarina, além do Centro de Referência em Formação e Educação a Distância (CERFEAD), localizado no Centro de Florianópolis. A reitoria está situada à Rua 14 de Julho, nº 150, bairro Coqueiros, em Florianópolis.

Figura 1 - Câmpus do IFSC.



Fonte: IFSC (2018a, *online*).

Destes 22 câmpus, para esta pesquisa optou-se por analisar as bibliotecas dos câmpus da região da Grande Florianópolis: Câmpus Florianópolis, Câmpus Florianópolis-Continente, Câmpus Palhoça e Câmpus São José, dos quais se

apresenta breve descrição no próximo tópico.

2.1 CÂMPUS DA REGIÃO DA GRANDE FLORIANÓPOLIS

O Câmpus Florianópolis do IFSC está situado à Avenida Mauro Ramos, 950, no Centro da capital catarinense. É o maior e o mais antigo câmpus da instituição.

Como dito no capítulo anterior, sua primeira sede foi inaugurada em 1 de setembro de 1910, na Rua Almirante Alvim, 17, no centro de Florianópolis. Era um prédio que, na época, foi cedido pelo Governador Cel. Gustavo Richard. O primeiro diretor foi José Cândido da Silva.

Em 1914, formam-se as primeiras turmas nos cursos de Carpintaria, Encadernação, Tipografia e Mecânica. Em 1918, foram criados cursos noturnos destinados a operários que trabalhavam durante o dia. Nos primeiros dias de dezembro de 1920, instalava-se, provisoriamente, em um prédio da Rua Presidente Coutinho, de propriedade do Cel. Antônio Pereira e Oliveira, adquirido pelo governo do estado, na gestão do governador Hercílio Pedro da Luz (IFSC, 2018c, *online*).

Em 13 de janeiro de 1937, pela Lei 378, passou a denominar-se Liceu Industrial de Santa Catarina, ofertando os cursos de Mecânica de Máquinas, Fundição, Tipografia e Encadernação, Cerâmica, Carpintaria, Marcenaria, Serralheria e Alfaiataria. Em 1942, foi instituído o exame vestibular para o acesso aos cursos industriais básicos, e aos de maestria. No exame vestibular de 1950 foi registrado pela primeira vez a inscrição de candidatos do sexo feminino.

A partir de agosto de 1962, começaram oficialmente as atividades escolares na nova sede da Escola Industrial de Florianópolis, na avenida Mauro Ramos. Porém, toda a estrutura administrativa e as oficinas continuavam no prédio da rua Almirante Alvim. A transferência total de toda a estrutura da escola foi feita apenas no final do ano de 1962.

Em 20 de agosto de 1965, por meio da Lei 4.759, a Escola Industrial de Florianópolis recebeu a denominação de Escola Industrial Federal de Santa Catarina e em 6 de junho de 1968, através da Portaria Ministerial 331 a Escola Industrial passou a denominar-se Escola Técnica Federal de Santa Catarina ETFSC (IFSC, 2018c, *online*).

Por meio de um Decreto Presidencial, publicado no Diário Oficial da União em 27 de março de 2002, cria-se o Centro Federal de Educação Tecnológica de Santa

Catarina CEFET/SC.

Atualmente, o Câmpus Florianópolis oferece cursos de qualificação – Formação Inicial e Continuada (FIC), técnico, de graduação e de pós-graduação até o nível de mestrado.

A biblioteca do Câmpus Florianópolis conta atualmente com seis bibliotecários, uma arquivista, um assistente em administração, um auxiliar administrativo, uma auxiliar de biblioteca, três porteiros e uma telefonista.

A Unidade São José (atual Câmpus São José) foi a primeira unidade de ensino descentralizada. Foi criada em 1988 e funcionava em uma instalação provisória alugada pela prefeitura do município. Seu primeiro concurso público foi realizado em 1990. Antes disso, seus professores e funcionários eram contratados sem vínculo empregatício. Ainda em 1990, a Unidade de São José foi transferida para a sua sede atual, localizada à Rua José Lino Kretzer, nº 608, bairro Praia Comprida, e a sua inauguração oficial ocorreu em 19 de abril de 1991 (ALMEIDA, 2010).

Atualmente, o campus São José oferece cursos nas seguintes modalidades: cursos técnicos integrados ao ensino médio; cursos técnicos subsequentes; cursos superiores (bacharelado e licenciatura); cursos de especialização; cursos de formação inicial e continuada (FIC); e Proeja (integração da educação profissional e educação básica na modalidade de educação de jovens e adultos).

O Câmpus São José conta atualmente com duas bibliotecárias lotadas na biblioteca. Também atuam na biblioteca dois assistentes em administração e dois auxiliares de biblioteca, totalizando cinco servidores no setor.

O Câmpus Florianópolis-Continente está situado à Rua 14 de julho, 150, no bairro Coqueiros. Suas atividades começaram no ano de 2006 e, atualmente, o câmpus é especializado nas áreas de gastronomia, turismo e hospitalidade. Oferece cursos de Formação Inicial e Continuada (FIC), técnicos, de graduação e pós-graduação. De acordo com o Portal do IFSC Câmpus Florianópolis-Continente, a qualidade do ensino é confirmada por meio de avaliações e do desempenho dos estudantes em exames, concursos e prêmios.

Atualmente, a biblioteca do Câmpus Florianópolis-Continente conta com dois bibliotecários e dois auxiliares de biblioteca, sendo que o cargo de um desses auxiliares está em vacância.

O Câmpus Palhoça Bilíngue, considerado o caçula entre os câmpus da

Grande Florianópolis, foi inaugurado em 2013 e está localizado na Rua João Bernardino da Rosa, s/n, no bairro Pedra Branca, município de Palhoça. O campus é a primeira unidade da Rede Federal de Educação Profissional e Tecnológica a propiciar a efetiva interação entre surdos e ouvintes, na modalidade bilíngue – LIBRAS/Português.

O campus oferece atualmente cursos multimídia: de formação inicial e continuada (FIC), técnico integrado ao ensino médio e de graduação; e cursos de educação bilíngue: de formação inicial e continuada (FIC), técnico integrado ao ensino médio, de graduação e especialização. O itinerário Multimídia corresponde aos cursos da área da visualidade e forma profissionais para atuar com diferentes modalidades de mídias: imagens, vídeos, áudios, textos, fotografia e animações. O itinerário de Cursos da Educação Bilíngue visa formar profissionais orientados a desenvolver e difundir os conhecimentos na área da educação de surdos e da Língua Brasileira de Sinais e Língua Portuguesa (IFSC, 2018b, *online*).

A biblioteca do campus conta com uma bibliotecária e dois auxiliares de biblioteca.

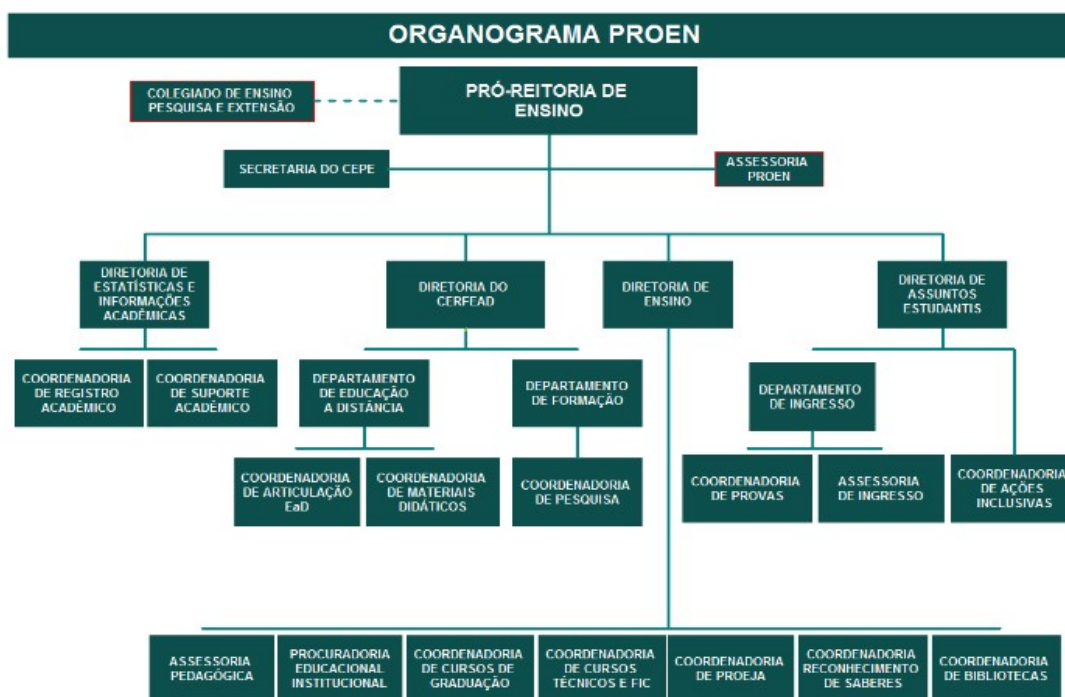
Como se pode ver, apenas nestes quatro campus da região da Grande Florianópolis, a diversidade de público é muito grande, devido aos diferentes cursos em vários níveis de ensino. O campus Palhoça, por exemplo, possui um público bem específico, que é a comunidade surda.

2.2 SISTEMA DE BIBLIOTECAS INTEGRADAS (SiBI/IFSC)

O Sistema de Bibliotecas Integradas (SiBI/IFSC) foi instituído pela Resolução CONSUP/IFSC nº 49, de 26 de novembro de 2018, e é subordinado a Pró-Reitoria de Ensino (PROEN). O SiBI/IFSC tem por objetivo coordenar a política biblioteconômica institucional, promovendo o desenvolvimento do conjunto de bibliotecas do IFSC.

O organograma da PROEN mostra onde está situada a Coordenadoria de Bibliotecas do IFSC, a qual é responsável pelo SiBI/IFSC.

Figura 2 - Organograma da Pró-Reitoria de Ensino do IFSC.



Fonte: IFSC (2018d, *online*).

O SiBI/IFSC é formado por 23 bibliotecas em funcionamento, uma em cada câmpus e a biblioteca do CERFEAD. O sistema conta, atualmente, com o total de 35 bibliotecários. Desde 2013, o SiBI/IFSC é gerido por uma coordenação sistêmica em articulação com cinco representações regionais: Grande Florianópolis; Norte; Oeste; Planalto Norte e Serrano; e Sul.

São considerados usuários do SiBI/IFSC com direito a empréstimo de material bibliográfico em qualquer biblioteca dos diversos câmpus do IFSC e do CERFEAD, alunos matriculados nos cursos presenciais ou a distância, de nível técnico, graduação e pós-graduação, docentes e servidores ativos e inativos da instituição.

O SiBI/IFSC é regido por alguns documentos institucionais, os quais são apresentados a seguir:

- Resolução CEPE/IFSC n° 165/2011 - Regulamento Único para o Sistema de Bibliotecas do Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia de Santa Catarina;
- Resolução CEPE/IFSC n° 037/2012, republicada em 2016 - altera as normas para empréstimo de material bibliográfico aos usuários do Sistema de Bibliotecas Integradas do Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia de

Santa Catarina – SiBI/IFSC;

- Resolução CEPE/IFSC nº 57/2016 - aprova a Política de Desenvolvimento de Coleções do Sistema de Bibliotecas Integradas do IFSC (SiBI/IFSC);
- Resolução CONSUP/IFSC nº 36/2017 - altera normas para cobrança de multa no atraso da devolução de materiais no Sistema de Bibliotecas Integradas do IFSC e dá outras providências;
- Resolução CONSUP/IFSC nº 49/2018 - institui o Sistema de Bibliotecas Integradas do IFSC (SiBI/IFSC).

De acordo com a Resolução CONSUP/IFSC Nº 49/2018, compete a coordenação do SiBI/IFSC:

I. Promover a interação das bibliotecas do IFSC por meio de políticas biblioteconômicas institucionais; II. Orientar o trabalho do SiBI/IFSC disseminando o conhecimento regulatório e fornecendo suporte conceitual e operacional. III. Incentivar a gestão integrada das bibliotecas do IFSC; IV. Articular programas de capacitação inicial e continuada para os servidores integrantes do SiBI/IFSC, em consonância com a Política de Formação do IFSC; V. Sistematizar demandas de assuntos de interesse do sistema e encaminhá-los visando execução de planos, programas e projetos específicos relacionados às áreas de atuação das Bibliotecas do IFSC; VI. Propor recomendações sobre políticas biblioteconômicas do Sistema de Bibliotecas, com base em discussões técnicas; VII. Propor resoluções, manuais e demais documentos que norteiem o trabalho do SiBI/IFSC, além de manter atualizado aqueles existentes e garantir seu cumprimento. VIII. Propor políticas referentes aos serviços e produtos de informação da rede; IX. Propor a realização de convênios e contratos inerentes à área de documentação e informação, entre instituições similares, objetivando o fortalecimento de serviços e produtos da rede. X. Incentivar e sugerir atividades de marketing nas Bibliotecas do Sistema; XI. Avaliar serviços e produtos oferecidos pelas bibliotecas do Sistema; XII. Publicizar as atividades do SiBI/IFSC; XIII. Coordenar o Fórum de Bibliotecas do IFSC, quando demandado pelo Diretor de Ensino da Pró-Reitoria de Ensino; XIV. Propor ao CEPE o calendário de encontros do SiBI/IFSC e a data de realização do Fórum de Bibliotecas do IFSC (IFSC, 2018e, p. 3-4).

Além de regulamentar as diretrizes do SiBI/IFSC, a Resolução CONSUP/IFSC nº 49/2018 também institui o Fórum de Bibliotecas do IFSC.

Art. 6º Fica instituído o Fórum de Bibliotecas do IFSC, evento anual organizado pelo SiBI/IFSC com o objetivo de proporcionar espaço de reflexão e formação continuada aos servidores lotados em

bibliotecas do IFSC. § 1º O Fórum de Bibliotecas do IFSC é a instância consultiva, colaborativa e de formação inicial e continuada do SiBI/IFSC (IFSC, 2018e, p. 4).

A institucionalização do Fórum de Bibliotecas do IFSC pode ser considerada uma importante conquista, pois se trata de um evento que oferece capacitação e promove a integração entre os servidores das bibliotecas do SiBI/IFSC, por meio de apresentações culturais, palestras e apresentações de trabalhos.

2.3 BIBLIOTECAS NOS INSTITUTOS FEDERAIS

Como a memória em si não é suficiente para guardar uma totalidade das experiências humanas, torna-se necessário a criação de unidades de informação como arquivos, bibliotecas, museus, entre outros centros de memória e documentação. Um exemplo é o Archives Nationales de Paris, na França, primeiro arquivo nacional do mundo, criado no século XVIII para guardar os registros que traduziam as conquistas e glórias daquele país, após a revolução. Outro exemplo é a Biblioteca Nacional, no Brasil. Esta é a instituição cultural mais antiga do país e considerada pela UNESCO como uma das bibliotecas nacionais mais importantes do mundo.

No caso das bibliotecas, sua função social está ligada à missão de preservar, organizar e disseminar o conhecimento. Por meio de seus acervos, pode-se acessar as mais diversas áreas do conhecimento. As bibliotecas são organizações em crescimento, instituições em constante evolução.

Em uma instituição de ensino, a biblioteca deve apoiar a prática docente e o cumprimento do currículo. Para ser reconhecida na instituição, ela precisa funcionar de forma que sua verdadeira finalidade esteja explícita. Ou seja, a finalidade como recurso educativo deve fazer parte da justificativa de existência da biblioteca na instituição. “Em cooperação com a direção da escola, com os administradores em geral e com o professorado, o bibliotecário deve estar envolvido no planejamento e na implementação dos programas escolares” (FEDERAÇÃO INTERNACIONAL DE ASSOCIAÇÕES E INSTITUIÇÕES BIBLIOTECÁRIAS, 2005, p. 12). Torna-se necessário buscar a mudança de mentalidade na qual se têm as bibliotecas apenas como depósito de materiais para eventuais consultas.

A biblioteca de uma instituição de ensino pode e precisa ser um atrativo e, por

essa razão, é necessário despertar, não apenas nas crianças, mas também nos jovens e adultos, o encanto em frequentar esse ambiente. Para Durban Roca (2011), a biblioteca tem a função de apoiar o desenvolvimento pessoal e social dos estudantes em aspectos intelectuais e emocionais, e possibilitar a aprendizagem e o exercício da leitura com grande diversidade de recursos materiais. No tocante a leitura, Silva, Bernardino e Nogueira (2012, p. 25) afirmam que “ao denunciar que faltam leitores, a escola traz para si essa responsabilidade, uma vez que é seu papel fundamental ser lugar de conhecimento e não há outra forma de conhecer que não seja pela leitura”. Uma vez que a figura do bibliotecário é indispensável para o bom funcionamento dos serviços desempenhados na biblioteca, essa responsabilidade passa a ser, inclusive, desse profissional.

Na história das bibliotecas foram convencionados vários tipos de bibliotecas como as bibliotecas escolares, públicas, comunitárias, universitárias, especializadas, bibliotecas especiais, entre outras.

Até a criação da RFEPCT, poucos estudos abordaram as bibliotecas das instituições que hoje formam os IFs, muito por conta das alterações que sofreram em suas estruturas ao longo das décadas.

Já com a criação dos IFs, em 2008, instituições federais de educação profissional, cada qual com uma biblioteca, unem-se para fazer parte de um mesmo Instituto, o que faz com que se inicie um diálogo entre os bibliotecários e um convergir das ações destes profissionais e dos encaminhamentos dessas bibliotecas. No ano de 2011, foi criada a Comissão Brasileira de Bibliotecas da RFEPCT - CBBI (Fórum Nacional..., 2011), com representantes de todas as regiões do país, fato que demonstrou a necessidade de se pensar e articular ações em prol dessas bibliotecas (BECKER; FAQUETI, 2015, p. 42).

A partir disso, os bibliotecários dessas instituições sentiram a necessidade de construir uma identidade para as bibliotecas da RFEPCT. Assim, passaram a dialogar e discutir propostas de terminologias para esse novo modelo de biblioteca.

Becker e Faqueti (2015) haviam observado uma proposta de Moutinho e Lustosa (2011), que caracterizam essas bibliotecas como bibliotecas tecnológicas, por atenderem usuários da educação básica, superior e profissional. Entretanto, ao traçarem um panorama das bibliotecas da RFEPCT, avaliam:

Considerando a necessidade de uma posição intermediária nesta discussão, opta-se, nesta obra, pela visão de que as bibliotecas dos

IFs são mistas, ou seja, devem ser entendidas como bibliotecas escolar e universitária, pois suas maiores demandas centram-se no universo de usuários compostos por estudantes de nível médio e superior (BECKER; FAQUETI, 2015, p. 43).

Nessa tentativa de classificar as recentes bibliotecas dos IFs, Moutinho (2014, p. 71), em sua dissertação de mestrado, faz as seguintes considerações:

Na literatura biblioteconômica, as bibliotecas são classificadas em: Públicas, Nacionais, Universitárias, Escolares e Especializadas; antes da criação dos Institutos [federais], as bibliotecas dos Cefets se enquadravam na tipologia de bibliotecas escolares e especializadas pois forneciam material informacional aos alunos do ensino médio e técnico profissionalizante. Após a criação da lei 11.892/2008, essas bibliotecas se tornaram escolares, universitárias e especializadas, pois passou a ter demandas dos níveis: ensino médio, técnico, graduações e pós-graduações tecnológicas [...]. Com essa grande quantidade de cursos e modalidades, surge uma instituição ímpar em nosso país, uma instituição multinível e multimodal, sendo necessária uma classificação para o tipo de biblioteca que essa instituição possui, a que classificaremos como bibliotecas multiníveis, pois atende a usuários de vários níveis de ensino.

Como se pode ver, Moutinho (2014) classificou as bibliotecas dos IFs como bibliotecas multiníveis, por atenderem a diferentes níveis de ensino.

Mais recentemente, Santos, Gracioso e Amaral (2018, p. 29) ressaltam que

as bibliotecas dos Institutos Federais, por atenderem a um público distribuído em diferentes níveis de ensino, recebem uma demanda informacional que somada ao compromisso social da instituição, não permite que elas se enquadrem perfeitamente nos conceitos de tipologias de bibliotecas já estabelecidos na literatura, identificados como: biblioteca escolar, universitária, especializada, pública e comunitária. O ajustamento dos produtos e serviços às peculiaridades e singularidades existentes nas bibliotecas dos Institutos Federais configuram-se como lacuna carente de entendimento para os bibliotecários. Dessa forma, subentende-se que as bibliotecas dos Institutos Federais estão em fase de organização e consolidação dentro desse novo modelo institucional, sendo necessárias, portanto, novas reflexões e estudos por parte dos bibliotecários enquanto gestores dessas unidades e cientistas da informação.

Percebe-se que as bibliotecas dos IFs são, de certa forma, distintas. Como cada câmpus atende um ou mais tipo de público, torna-se difícil definir o tipo de cada biblioteca.

No caso do IFSC, cada um dos diversos câmpus oferece diferentes cursos,

que podem ser cursos técnicos nas modalidades: integrado (técnico integrado ao ensino médio), concomitante (duas matrículas, sendo uma no IFSC e outra em outra instituição de ensino) e subsequente (para quem já tem o ensino médio completo). Oferece, ainda, cursos de ensino superior, especialização, mestrado e cursos de qualificação.

O Plano de Desenvolvimento Institucional do IFSC (2020-2024), principal instrumento de planejamento da instituição em que se definem a missão e as estratégias para atingir suas metas e objetivos, aprovado pela Resolução CONSUP/IFSC nº 7 de 04 de março de 2020, define as bibliotecas do SiBI/IFSC como

espaços interativos, de apoio às atividades letivas, de formação cultural e humanística. [...] atendem tanto ao perfil de uma biblioteca escolar, quanto ao de uma biblioteca universitária, tendo em vista que o IFSC é uma instituição de educação superior, básica e profissional, especializada na oferta de educação profissional e tecnológica nas diferentes modalidades de ensino (IFSC, 2020, p. 233).

Com tanta oferta de cursos em diferentes níveis de ensino e com tantos câmpus espalhados por todo o estado, pode-se para imaginar a variedade de público que é atendido nas diversas bibliotecas.

Como mencionado anteriormente por Santos, Gracioso e Amaral (2018), não há um consenso na literatura sobre o tipo de biblioteca no qual as bibliotecas dos IFs possam se enquadrar, e propor essa definição não é objeto dessa pesquisa. Por essa razão, para este estudo optou-se em se dirigir à essas bibliotecas como bibliotecas dos IF's ou, no caso do IFSC em específico, como bibliotecas do IFSC.

Entretanto, considerando a abrangência de público dessas bibliotecas, nunca será exagero lembrar que o bibliotecário atuante nessas unidades de informação precisa se adaptar. Como dizia Ranganathan, considerado o pai da Biblioteconomia e muito bem lembrado por Figueiredo (1992), a cada leitor o seu livro, a cada livro o seu leitor.

Vale ressaltar que, independentemente do tipo de biblioteca em que atua, o bibliotecário deve ter o cuidado de zelar sempre pela liberdade dos sujeitos. Capurro (2016, p. 1), ao debater sobre a cidadania na era digital, alerta:

uma nova civilização emerge, que precisa de um diálogo intercultural arejado, que não deve ser dirigido, como a palavra cibernético sugere, por velhos ou novos atores globais, mas que conceda mais liberdade de informação e comunicação, e que as pessoas controlem a si mesmas. Deixar as pessoas pensarem livremente está no núcleo de uma futura ética intercultural da informação [...].

Nesse contexto de ética e informação na era digital, o bibliotecário tem um papel fundamental: guiar o interagente para fazer reflexões, mas ter o cuidado de não censurar. É imprescindível que o indivíduo aprenda a pensar e refletir, para tirar suas conclusões por conta própria. Capurro (2009, p. 51) alerta que “é importante cultivar a arte de perguntar, dialogar e pensar criticamente por si mesmo”. A biblioteca deve ser um centro de informação e cultura e o bibliotecário deve atuar com ética e profissionalismo, promovendo a democratização da informação.

Entre tantas atividades desempenhadas na biblioteca, uma das principais que o bibliotecário deve se engajar é o fomento à leitura. Muitas pessoas, principalmente as mais pobres, têm na biblioteca da escola a única oportunidade de conhecer o mundo da leitura. O indivíduo, quando criança, nem sempre é incentivado pelos pais a ler, não são levados a outras bibliotecas ou costumam comprar livros. Tal fato ocorre não necessariamente por negligência dos pais, mas, muitas das vezes, por ignorância no assunto. Diante do contexto das bibliotecas dos institutos federais, criar e desenvolver ações de incentivo à leitura torna-se uma tarefa ainda mais delicada, tamanha a diversidade de seu público, que vem de diferentes realidades sociais.

Além das diferenças sociais, tem a questão das tecnologias. A sociedade em que vivemos atualmente tem uma visão diferente em relação às brincadeiras, pois os próprios brinquedos, os jogos, tudo isso tem mudado em consequência do avanço tecnológico. Com a leitura não é diferente. Grande parte dos interagentes das bibliotecas de hoje nasceram na era da informação, são considerados nativos digitais e tem novas expectativas em relação às bibliotecas, principalmente no uso das tecnologias.

De fato, as tecnologias de informação e comunicação avançaram muito nas últimas décadas. Atualmente, existe a Internet, bases de dados, fontes de informação digitais e virtuais e até mesmo o livro eletrônico. Torna-se necessário repensar o papel das bibliotecas do IFSC no que tange à promoção da leitura e formação de leitores.

2.4 BIBLIOTECÁRIOS NOS INSTITUTOS FEDERAIS

Vivemos em uma sociedade na qual a informação é um insumo muito importante. Na sociedade contemporânea, as atividades giram em torno da geração e disseminação de informações. Com o rápido desenvolvimento dos recursos tecnológicos, especialmente com o advento da Internet, a informação passou a ser transmitida de forma muito rápida e em grande quantidade. Porém, muita informação não é garantia de êxito.

Primeiro, pelo fato de que nem todos têm acesso à informação de forma igualitária. Segundo, porque, quem tem acesso à informação, nem sempre é capaz de utilizá-la de maneira produtiva e eficaz. Entretanto, para que o indivíduo seja livre, conheça seus direitos e deveres e exerça a cidadania, ele precisa estar bem informado. Neste sentido, o bibliotecário aparece como o mediador da informação.

O bibliotecário é o profissional que atua na gestão da informação. Vale ressaltar que a informação pode estar registrada em diversos tipos de suportes, como o impresso, digital, *online*, etc. Com tantas possibilidades de acesso à informação, muitas vezes o interagente sente-se perdido. Isso porque, através da própria Internet, recuperam-se muitas informações sem relevância.

Essa preocupação com a informação já foi sentida em outras épocas. Na Europa, em meados do século XIX, o excesso de livros causou grande impacto porque, naquela época, não estavam preparados para lidar com tanta informação. Ninguém é capaz ler tudo o que se publica em determinada área, tampouco ler todos os livros. Reunir a bibliografia sobre determinado assunto não pode ser um problema, pois isso pode atrapalhar e atrasar o avanço das pesquisas e da ciência. Ortega y Gasset (2006) aponta que o bibliotecário poderá ser incumbido pela sociedade de atuar como regulador de livros, para que livros desnecessários não sejam publicados e para que livros essenciais não falem. Ainda segundo o autor, o bibliotecário faz o “filtro” entre o leitor/pesquisador e o livro, liberando as pessoas de esforços inúteis. Em outras palavras, o bibliotecário é o mediador da informação.

O bibliotecário tem a função de contribuir para o cumprimento dos objetivos da instituição. Deve utilizar suas habilidades para gerenciar a biblioteca, criar e aperfeiçoar os serviços de informação de acordo com a demanda da comunidade na qual a biblioteca está inserida.

Em uma biblioteca escolar, por exemplo, local onde muitos jovens têm o primeiro contato com os livros, as tarefas do bibliotecário são relacionadas pela IFLA (2005, p.14), por meio do documento *Diretrizes para a Biblioteca Escolar*:

- analisar os recursos e as necessidades de informação da comunidade escolar;
- formular e implementar políticas para o desenvolvimento de serviços;
- desenvolver políticas de aquisição e sistemas para os recursos da biblioteca;
- catalogar e classificar materiais da biblioteca;
- oferecer instrução no uso da biblioteca;
- capacitar professores e alunos no conhecimento e uso da informação;
- prestar atendimento a estudantes e professores no uso dos vários recursos da biblioteca e das tecnologias da informação;
- responder a questões de referência e informação, utilizando materiais apropriados;
- promover programas de leitura e eventos culturais;
- participar do planejamento de atividades relacionadas à implementação do programa escolar;
- participar do preparo, da implementação e avaliação de atividades de ensino;
- promover a avaliação dos serviços da biblioteca escolar, como parte integrante do sistema geral de avaliação da escola;
- efetuar parcerias com organizações externas;
- preparar e implementar orçamentos;
- desenvolver planejamento estratégico;
- gerenciar e promover treinamentos da equipe da biblioteca.

Percebe-se que o bibliotecário deve atuar de forma dinâmica no fomento à leitura, em atividades culturais, no ensino e pesquisa e no planejamento da unidade.

Devido ao avanço da tecnologia, a informação tem sido disseminada de forma muito ampla e a quantidade de informações que se pode acessar é cada vez maior. “A explosão informacional, as inovações tecnológicas e a velocidade dessas mudanças influenciaram profundamente a cadeia produtiva, requerendo assim mais “mentes brilhantes” e menos “músculos” para a acumulação de capital” (SANTOS; DUARTE; PRATA, 2008, p. 210). Essa mudança faz com que se crie uma expectativa maior em relação aos bibliotecários.

Os profissionais da informação e especialmente os bibliotecários, necessitam saber transitar neste novo cenário, aceitar as mudanças impostas pelo desenvolvimento tecnológico e ocupar um papel destacado por sua experiência acumulada no uso e no trato com informação. Esses profissionais têm a obrigação e a necessidade de preparar-se para esta realidade. Devem entender as novas

necessidades que surgem e as novas formas de responder a estas necessidades, desenvolvendo novas competências (CUNHA, 2009, p. 103).

As tecnologias da informação vieram para facilitar o dia a dia das pessoas. Em uma biblioteca, vários recursos podem ser utilizados para facilitar o acesso à informação. Com a informatização, surgiram *softwares* sofisticados que permitem que o interagente consulte o acervo e gerencie sua conta através da Internet, entre outras facilidades. Além disso, o interagente pode consultar o acervo e fazer pesquisas em qualquer ambiente.

O bibliotecário é treinado para capacitar os interagentes de modo que estes possam suprir as suas necessidades informacionais. Além disso, deverá orientar os estudantes na pesquisa, de modo que utilizem a tecnologia de forma coerente e as fontes de informação adequadas às suas necessidades.

As tecnologias avançam rapidamente e o bibliotecário precisa estar atualizado para desempenhar bem as suas funções. Cunha (2009, p. 103) destaca que “para enfrentar esta nova realidade, é necessário formar cidadãos e profissionais imbuídos de valores éticos que, com competência técnica, atuem no seu entorno de modo comprometido com uma sociedade mais inclusiva”.

Os bibliotecários dos institutos federais precisam ter em mente que seu público é muito diversificado. Uma instituição de ensino pública, como o IFSC, atende estudantes de classes sociais, etnias e religiões diferentes. Nesse sentido, precisa ter cuidado ao abordá-los, fazendo da biblioteca um lugar agradável e convidativo para a leitura. Na seção 3 é discutido um referencial teórico acerca do tema leitura.

3 LEITURA – UM REFERENCIAL TEÓRICO

Ao pensar em leitura, geralmente se imagina uma simples atividade de decodificar símbolos ou decifrar textos, ou seja, uma atividade mecânica.

Tradicionalmente, a aprendizagem é associada a essa capacidade de saber ler e escrever textos. A leitura da palavra e a escrita são consideradas os meios de se instrumentalizar e, por muitos séculos, conforme Martins (2006, p. 23) “o aprendizado se baseava em disciplina rígida, por meio de método analítico caracterizado pelo progresso passo a passo: primeiro, decorar o alfabeto; depois, soletrar; por fim, decodificar palavras isoladas, frases, até chegar a textos contínuos”. No entanto, nenhum método de alfabetização por si só garante a formação de leitores efetivos. “Uma vez alfabetizada, a maioria das pessoas se limita à leitura com fins eminentemente pragmáticos, mesmo suspeitando que ler significa inteirar-se do mundo, sendo também uma forma de conquistar autonomia” (MARTINS, 2006, p. 23).

O ato de ler vai muito além dessa leitura mecânica e ultrapassa a decodificação da palavra escrita. De acordo com Silva, Bernardino e Nogueira (2012, p. 21), “ler é atribuir um sentido ao texto, seja ele apresentado de forma verbal ou não, uma vez que a produção de sentido se constrói na interação entre o autor/texto e leitor, pois a leitura é uma forma de percepção, é a dimensão cognitiva sobre o fazer do outro”. Compreendido isso, percebe-se que a leitura é algo muito mais amplo. Para Guimarães Rosa (apud SANTOS; SOUZA, 2004, p. 80),

[...] o ato de ler implica um mergulho na própria existência – esta considerada como produto das determinações não apenas internas, mas externas aos sujeitos – no resgate dos significados já produzidos ao longo da vida e no confronto destes com a proposta feita pelo autor. No processo que se concretiza, o sujeito-leitor recupera seus conhecimentos e crenças, implementa seu raciocínio e se reorganiza internamente, marcado por uma nova interação.

A leitura não se constitui apenas de um meio de se alcançar o conhecimento, nem se reduz a um mero instrumento de comunicação. No ato de ler há uma troca entre leitor e texto e, antes de fazermos algo com a leitura, ela é que faz algo conosco.

[...] trata-se de pensar a leitura como algo que nos forma (ou nos de-forma ou nos trans-forma), como algo que nos constitui ou nos põe

em questão naquilo que somos. A leitura, portanto, não é só um passatempo, um mecanismo de evasão do mundo real ou do eu real. E não se reduz, tampouco, a um meio de se conseguir conhecimento (LARROSA, 2002, p. 133).

Ao praticar a leitura, o leitor atua com uma habilidade que não depende apenas do seu potencial de decodificar sinais, mas de sua capacidade de atribuir sentido a eles, compreendê-los, dar-lhes um significado.

Para Martins (2006, p. 17), “o leitor preexiste à descoberta do significado das palavras escritas; foi-se configurando no decorrer das experiências de vida, desde as mais elementares e individuais às oriundas do intercâmbio de seu mundo pessoal e o universo social e cultural circundante”. A autora acredita que a leitura não acontece apenas com o conhecimento da língua. Ler efetivamente implica em compreender as situações que a realidade impõe e estabelecer relações entre as experiências e as leituras realizadas; saber organizar os conhecimentos adquiridos e, assim, procurar resolver os problemas que surgem (MARTINS, 2006).

Paulo Freire atuava com uma proposta de educação popular, na qual a alfabetização tinha como um dos objetivos educar para a liberdade. Essa educação libertadora encaminhava o leitor para uma leitura crítica. Freire (2003) partia do pressuposto que o indivíduo aprendia a ler o mundo antes mesmo de aprender o alfabeto.

A leitura do mundo precede a leitura da palavra, daí que a posterior leitura desta não possa prescindir da continuidade da leitura daquele. Linguagem e realidade se prendem dinamicamente. A compreensão do texto a ser alcançada por sua leitura crítica implica a percepção das relações entre o texto e o contexto (FREIRE, 2003, p. 11).

As pessoas constroem sentidos ao longo da vida, não somente pela leitura aprendida na escola, mas pela leitura de mundo, e essa leitura de mundo, somada a leitura da palavra, é leitura que transforma. Logo, ainda que uma anteceda a outra, ambas são necessárias, pois, como aponta Martins (2006, p. 32) “decodificar sem compreender é inútil; compreender sem decodificar, impossível”.

Segundo Freire (2003), a memorização mecânica da descrição do objeto não se constitui em conhecimento do objeto. Assim, a leitura de um texto, tomado como pura descrição de um objeto no sentido de memorizá-la, nem é real leitura, nem dela resulta o conhecimento do objeto de que o texto fala. É nesse sentido que Freire ressalta a importância de se evitar, no caso dos professores, bibliografias extensas a

serem “devoradas” em vez de leituras aprofundadas, realmente lidas e estudadas.

No processo de alfabetização, Freire (2003) destaca a necessidade de se utilizar um vocabulário de acordo com a realidade e com as vivências dos educandos, para uma alfabetização efetiva. As palavras e os textos devem ser elaborados de modo que os estudantes possam se identificar, se enxergar no contexto. O método de ensino de Paulo Freire busca produzir os materiais didáticos adaptados à realidade dos estudantes. Na alfabetização de adultos, por exemplo, se se tratar de uma turma com muitos pedreiros ou serventes de pedreiro, os materiais devem ter textos que abordem situações práticas dessa profissão. Martins (2006) alerta que, quando se promove uma leitura fora da nossa realidade, é muito provável que não acrescentaremos ao ato de ler algo mais de nós, além do gesto mecânico de decifrar os sinais.

A tendência natural é ignorá-las ou rejeitá-las como nada tendo a ver com a gente. Se o texto é visual, ficamos cegos a ele, ainda que nossos olhos continuem a fixar os sinais gráficos, as imagens. Se é sonoro, surdos. Quer dizer: não o lemos, não o compreendemos, impossível dar-lhe sentido porque ele diz muito pouco ou nada sobre nós (MARTINS, 2006, p. 10).

É importante e necessário respeitar a linguagem, o vocabulário do educando, pois esse estudante traz consigo uma história de vida, tem um modo de falar, de agir, de se comportar diante de diferentes situações.

Na maioria das escolas, a alfabetização não se dá dessa forma. Muitas escolas apenas se preocupam em ensinar, de maneira que o professor ensina porque sabe tudo e o estudante tenta aprender porque não sabe nada. Freire (2003, p. 19) destaca que não se pode “reduzir a alfabetização ao ensino puro da palavra, das sílabas ou das letras. Ensino em cujo o processo o alfabetizador fosse enchendo com suas palavras as cabeças supostamente vazias dos alfabetizandos”. Para Paulo Freire, o professor não sabe tudo, ele ensina, mas também aprende. O professor não fala para o aluno, ele fala com o aluno. E com a leitura não é diferente, funciona na base do diálogo. Martins (2006, p. 33) acrescenta que essa relação deve ser repensada, “se, da postura professoral lendo *para e/ou pelo* educando, ele passar a ler *com*, certamente ocorrerá o intercâmbio das leituras, favorecendo a ambos, trazendo novos elementos para um e para outro.”

O estudante precisa ser sujeito do processo de aprendizagem, não apenas

um espectador, um agente passivo. No processo de ensino e aprendizagem, o estudante precisa ser o protagonista. “O fato de ele [educando] necessitar da ajuda do educador, como ocorre em qualquer relação pedagógica, não significa dever a ajuda do educador anular a sua criatividade e a sua responsabilidade na construção de sua linguagem escrita e na leitura desta linguagem” (FREIRE, 2003, p. 19). É neste sentido que Freire sempre reforçou a ideia de que os estudantes precisam ser curiosos, não sujeitos passivos, mas que questionem o mundo à sua volta.

A leitura de mundo na perspectiva de Freire (2003) é realizada a todo instante. Não se estuda apenas na escola, mas também fora dela. Muito do nosso conhecimento é construído com a vivência, na prática. Com o trabalho também se aprende, mesmo que seja um trabalho braçal. É importante ressaltar que Freire não se coloca contra o ensino da linguagem culta, salienta que é preciso, sim, instrumentalizar os estudantes, mas respeitar a sua cultura.

Tudo isso nos leva a reflexões para se pensar novas formas de abordar um leitor, partindo da leitura de textos escritos para a leitura de mundo, na qual cada um tem a sua realidade, e a partir daí procurar lidar com os estudantes/leitores, de modo que os permita serem sujeitos da sua própria história, primando sempre pelo diálogo.

Outro ponto importante enfatizado por Freire em suas obras é o mito da neutralidade. Para Freire (2003), na educação não existe neutralidade. Quando se ensina, se aprende ou se lê, tudo isso faz parte de um sistema que funciona por meio de uma cadeia de produção. Quando se pensa na leitura da palavra, tudo o que está impresso em um livro, por exemplo, faz parte de uma cadeia produtiva na qual as editoras publicam, as gráficas imprimem, as pessoas, as escolas ou as bibliotecas compram o livro e, finalmente, alguém o lê. Quem compra um livro também está praticando um ato e este ato faz parte dessa cadeia produtiva, pois, para comprar um livro é preciso ter dinheiro.

Todo esse processo está naturalizado, muitas vezes acontece sem que se perceba, sem que se tenha consciência. Por essa razão, não basta apenas aprender a decodificar as letras. Paulo Freire procurava ensinar por meio da palavra e da realidade dos educandos, visando encaminhá-los à prática da leitura crítica, de modo que fosse possível perceber o mundo além do que está impresso nos livros. Quando se faz parte desse sistema, seja comprando um livro, lendo-o para si ou lendo para uma criança, está-se praticando um ato político. Nossas escolhas e

nossas decisões, tomadas a partir das leituras realizadas, jamais serão neutras. Portanto, o ato de ler também é um ato político.

Da mesma forma acontece com as bibliotecas e com os bibliotecários que nelas atuam. Ninguém é totalmente neutro no exercício da sua profissão. No processo de aquisição de livros, por exemplo, por mais que se tenha o cuidado de ser imparcial no momento da aquisição de livros, a neutralidade não existe.

A forma como atua uma biblioteca popular, a constituição do seu acervo, as atividades que podem ser desenvolvidas no seu interior, e a partir dela, tudo isso, indiscutivelmente tem que ver com técnicas, métodos, processos, previsões orçamentárias, pessoal auxiliar, mas, sobretudo, tudo isso tem que ver com uma certa política cultural (FREIRE, 2003, p. 35).

Freire cita o exemplo da biblioteca popular, mas serve também para todas as outras. Ou seja, todo processo de educação, principalmente educação pública, tem a ver com uma política cultural do Estado. O que será prioridade para o ensino e aprendizagem, quais serão as prioridades para o uso dos recursos públicos, como as bibliotecas serão geridas, essas decisões nunca são neutras, sempre serão decisões políticas.

A leitura tem grande influência no desenvolvimento do indivíduo, desde criança até a fase adulta.

Por meio da leitura, é possível desenvolver uma série de operações cognitivas, dedutivas e lógicas. É possível estabelecer relações entre o que somos e o que pensamos com o que outros – tantos outros – imaginaram, pensaram e escreveram! E a partir disso, confrontar ideias, discutir conceitos, rever teorias, ampliar descobertas! (FLECK; PEREIRA, 2007, p. 286).

Fleck e Pereira (2007, p. 286), destacam que “a leitura nos oferece uma série de possibilidades, desde buscar informações determinadas que possibilitem a solução de pequenos problemas do cotidiano até deparar com teorias mirabolantes que podem mudar por completo nosso entendimento sobre as coisas do mundo”.

Por vivermos numa era de tecnologias e meios digitais pode-se pensar que a leitura perde o seu espaço para a imagem. Porém, para Andrade (1994), apesar de se estar no século da informação, via imagem, a leitura ainda é o meio mais importante para a transmissão da história, da cultura e das ciências, sem mencionar,

claro, a função recreativa desse ato. De acordo com Bamberger (2000, p. 98), “a leitura ainda representa um papel importante nos processos de comunicação, informação e esclarecimento (apesar do progresso irresistível dos meios de comunicação de massa e, muitas vezes, em razão desse progresso)”. Durante a adolescência, a leitura é muito significativa para a construção de si mesmo. Petit (2009, p. 20) acredita que “para os jovens, o livro desbanca o audiovisual na medida em que permite sonhar, elaborar um mundo próprio, dar forma à experiência”.

A leitura é capaz de ensinar a observar, a investigar e a experimentar, de estimular a curiosidade e a imaginação do leitor, despertando-lhe iniciativa e a criatividade. “Isso sem falar nas inúmeras portas que um bom livro pode abrir, transportando-nos a lugares inimagináveis até então, ou simplesmente nos levando para dentro de nós mesmos, o que pode representar uma aventura ainda mais espetacular!” (FLECK; PEREIRA, 2007, p. 286).

A leitura tem bastante influência na vida das pessoas, em qualquer idade. Porém, alguns cuidados devem ser tomados para que se possa tirar um bom proveito dela. Conforme Silva (2006), a leitura de um jornal pode ser equivalente a uma boa aula de língua portuguesa. Isto decorre das características linguísticas do veículo, mas, desde que o jornal dialogue objetivamente com os jovens; prime pela qualidade em cultura impressa; não imite a televisão ou a Internet; aprofunde as matérias pela análise; fuja da fofoca e do espetáculo; apresente pautas e conteúdos de qualidade; seja realmente um instrumento para o adensamento das decisões do leitor nas suas práticas de cidadania.

Estudos apontam que a leitura também influencia positivamente a vida de pessoas que vivem em regiões de conflito. A antropóloga francesa Michèle Petit, já citada nesta pesquisa, desenvolve estudos voltados à leitura há mais de vinte anos, percorreu vários países da América Latina, inclusive o Brasil, e entrevistou jovens e adultos que relataram a importância que a leitura teve em suas vidas.

Em suas obras, Petit apresenta vários relatos de pessoas em situação de vulnerabilidade, seja em decorrência de guerras, migrações forçadas ou desastres naturais. Apesar dos depoimentos coletados, tanto de leitores quanto de profissionais que atuam com mediação da leitura, Petit (2011) aponta que os mediadores os quais ela acompanhou não são ingênuos a ponto de pensar que a leitura e a literatura vão resolver todos os problemas sociais do mundo. Porém, acredita que a leitura serve como um apoio, uma forma de colocar a cabeça para

pensar, de modo que o leitor se autoquestione, tenha desejos e busque outras coisas. Em outras palavras, a autora acredita que, apesar de a leitura em si não salvar o mundo, pode amenizar as dores de pessoas que estão em situações delicadas.

A autora argumenta, ainda, que os discursos de glorificação da leitura espantam os jovens.

Seja pai ou professor, quem diz que uma criança tem que ler (ou pior: que tem que gostar de ler!) faz da leitura um fardo ao qual ela precisa se submeter para satisfazer os adultos. O impasse está garantido se quem diz que “ler é um prazer” não tem nenhum gosto pela leitura: a criança vai sentir que a pessoa não está sendo sincera (PETIT, 2011, p. 4).

Por isso a importância de os pais lerem para as crianças desde cedo, antes mesmo da alfabetização. Dentro de casa os pais são os exemplos. Se a criança vê o pai ou a mãe praticando a leitura, é quase certo que a criança despertará a curiosidade e provavelmente terá interesse em experimentar a leitura. Adquire-se o hábito da leitura mais naturalmente quando desenvolvido de forma gradual, desde cedo. Assim, a criança tem grandes chances de se tornar um jovem e um adulto leitor, consciente do seu papel na sociedade.

Pitz, Souza e Boso (2011, p. 406) afirmam que “para exercer a cidadania convenientemente, é fundamental que o cidadão esteja bem informado e conheça os seus direitos e deveres. Para isso, torna-se necessário e importante que ele se interesse pela leitura desde a infância”. A leitura é importante na busca de novos conhecimentos, para exercitar a memorização, despertar a iniciativa e a criatividade. A leitura “enriquece” o indivíduo, e uma sociedade que não lê é uma sociedade “pobre”, ineficiente na geração e transformação do conhecimento.

3.1 A LEITURA NA CONSTRUÇÃO DE SI

Petit (2009) conta que, na França, na década de 1980, os filhos das classes populares foram incentivados a continuar os estudos no ensino superior para conter o desemprego e a violência entre os jovens. No entanto, afirma que essa massificação do ensino foi conduzida sem um planejamento adequado para receber esses jovens, que chegavam despreparados às universidades. Muitos acabavam

desistindo antes de concluir o curso, e saíam com a sensação de que a universidade os havia iludido.

Em suas pesquisas, a autora descobriu que os jovens daquela época, especialmente os meninos do ensino secundário, “pouco trabalharam em casa ou na biblioteca, para não se passarem por traidores do bairro ou por pretensiosos, junto aos colegas – enquanto as meninas, ao contrário, faziam de tudo para escapar do bairro e da vigilância mútua que ali reinava, e frequentaram assiduamente as bibliotecas” (PETIT, 2009, p. 10).

A marginalização levava os meninos a crerem que ser responsável com os estudos era uma desonra perante os colegas, uma traição. “Extremamente prejudicial é o bloqueio em relação aos livros, a hostilidade à leitura que muitos demonstram. [...] Os que ultrapassam esse bloqueio o fazem graças a um encontro feliz com um professor ou com uma garota. Ou, eu acrescentaria, com uma bibliotecária” (PETIT, 2009, p. 10-11).

Esse cenário não é muito diferente do Brasil. Recordo-me bem da minha época de escola, mais especificamente na década de 1990, em que os jovens passavam por situações semelhantes. A escola em que estudei durante todo o ensino básico situa-se em um bairro tradicional do município de Florianópolis, estado de Santa Catarina. Uma escola pública estadual, em que grande parte dos estudantes era de famílias de classes populares.

Durante a minha trajetória na escola, vivenciei muitos momentos parecidos com os citados por Petit, ocorridos na França. Os estudantes, rapazes, criavam grupos. Esses grupos tinham um “cabeça”, uma espécie de líder, geralmente um estudante repetente, mais velho, que exercia certo poder de convencimento sobre os demais do grupo. Práticas de *bullying* eram muito comuns, tudo o que fosse diferente dos padrões do grupo era hostilizado. Quem tirasse boas notas era o “cdf”, termo pejorativo usado na época para designar os bons alunos, que, na visão deles eram os pretensiosos. Para esses grupos, o comum era se sentar no fundão (fundo da sala), ser engraçado (muitas vezes com piadas de mal gosto) e jogar futebol. Tudo, menos estudar.

Esses grupos constrangiam muito os outros rapazes, ao ponto de alguns colegas sentirem vergonha de admitir que liam um livro, que faziam as tarefas de casa ou que estudavam para as provas. Quem entrava na biblioteca da escola, por exemplo, era visto com desconfiança. Definitivamente, a biblioteca não era um lugar

interessante para esses grupos. Fora da sala de aula, os encontros geralmente eram realizados nas quadras de esportes, no pátio ou na cantina.

Felizmente, esses grupos eram minoria. Havia muitos outros jovens estudantes que tinham boas práticas na escola e que, frequentemente, e por ironia do destino, acabavam auxiliando os demais nos momentos de dificuldades, principalmente final de ano, quando era preciso atingir a média para ser aprovado.

Esse tipo de vínculo criado por esses grupos pode parecer inofensivo, no entanto, pode ser perigoso. Parte dos jovens que adota conduta de risco e apresenta distúrbios de comportamento tem, além do problema de exclusão econômica, fragilidade do sentimento de identidade. A violência ou o ódio que destilam muito tem a ver com o ódio de si mesmo. E os mais desprovidos de referências culturais são os mais propensos a se deixar seduzir por aqueles que oferecem próteses para a identidade. Para não se sentirem reduzidos a se pensar e a se definir em termos negativos, acabam incorporando uma identidade com característica agressiva, na tentativa de reverter a exclusão (PETIT, 2009).

“Quando se é privado de palavras para pensar sobre si mesmo, para expressar sua angústia, sua raiva, suas esperanças, só resta o corpo para falar: seja o corpo que grita com todos seus sintomas, seja o enfrentamento violento de um corpo com outro, a passagem para o ato” (PETIT, 2009, p. 71).

Daí a importância de se conhecer um pouco melhor, pensar em sua subjetividade, para não cair nessas armadilhas, desse tipo de relação totalizadora com um grupo, usada como proteção para as crises de identidade.

Neste sentido, a leitura e a biblioteca têm papéis importantes,

a leitura e a biblioteca podem contribuir na elaboração de uma representação mais complexa, mais rica, de si mesmos, que protege um pouco de se lançarem neste tipo de ilusão, de ficarem paralisados diante de uma imagem. Ao contrário de outras práticas de lazer que tendem a contribuir para que seus adeptos se fechem em suas tribos, e a confundir a identidade pessoal com o lugar onde vivem, a leitura pode ser uma via privilegiada para inventar um caminho singular, para construir uma identidade aberta, em evolução, não a excludente (PETIT, 2009, p. 73).

Voltando ao caso da França, Petit (2009) destaca o quanto é difícil essa libertação do espírito de grupo, dos vínculos. Apesar de a maioria da sua população viver na cidade, a França é um país muito rural. E por lá, na zona rural há uma

dualidade muito forte entre o trabalho braçal e o intelectual. A autora desvendou que para grande parte dessa população rural a leitura é uma atividade arriscada. O lema parece ser não ficar desocupado ou não perder tempo, ou seja, se a pessoa está fazendo uma leitura não está trabalhando, não é bem vista. Ao que parece, é uma cultura secular nesse meio rural, onde a leitura é tratada como algo sem utilidade. Há relatos de que, até hoje, as pessoas dedicam grande parte do seu tempo livre aos lazeres “úteis”: construir ou reformar a casa, fazer trabalhos manuais, jardinagem, caçar, costurar ou tricotar (PETIT, 2009).

[...] enquanto lê, a pessoa se afasta do grupo, fica distante, distraída, no sentido mais forte da palavra, isolada. Esse tipo de deserção não era bem-vindo num mundo rural que se identificava tradicionalmente pela homogeneidade de suas crenças, representações e valores; um mundo em que “bançar o esperto”, “acreditar ser alguém”, se distinguir pela expressão de opiniões ou de sentimentos pessoais não era bem visto. Inclusive hoje, esse tipo de “preocupação consigo mesmo”, caso se exponha à luz do dia, pode ser julgado inconveniente, grosseiro, ali onde a preferência é dada às atividades compartilhadas, às fidelidades familiares e comunitárias, se não nos fatos, ao menos nos valores (PETIT, 2009, p. 106).

Por essa razão, muitas pessoas afirmam ler à noite, em seu quarto ou na cama, quando ninguém pode observar. Em um dos relatos, a esposa de um agricultor revelou: “É a mentalidade daqui: não se perde tempo lendo ou fazendo palavras cruzadas. Sempre tem gente que passa e diz: “É incrível, ela não faz nada enquanto o seu marido se acaba no trabalho!”. Quando vejo alguém chegando, escondo o livro. Vejo quem vem. Estou sempre alerta. Ao menor ruído... me aprumo”.

Ao ouvir muitos jovens em suas entrevistas, Petit (2009, p. 19) compreende que,

por meio da leitura, mesmo esporádica, (os jovens) podem estar mais preparados para resistir aos processos de marginalização. Os ajuda a se construir, a imaginar outras possibilidades, a sonhar. A encontrar um sentido. A encontrar mobilidade no tabuleiro social. A encontrar a distância que dá sentido ao humor. E a pensar, nesses tempos em que o pensamento se faz raro. Estou convencida de que a leitura, em particular a de livros, pode ajudar os jovens a serem mais autônomos e não apenas objetos de discursos repressivos ou paternalistas.

Entretanto, Petit (2009) alerta para que não sejamos ingênuos, “o espaço íntimo que a leitura descobre, os momentos de compartilhar que ela não raro

propicia, não irão reparar o mundo das desigualdades ou da violência. [...] Mas contribui para que crianças, adolescentes e adultos encaminhem-se no sentido mais do pensamento do que da violência” (PETIT, 2009, 12-13).

Petit (2009, p. 72) destaca que “a leitura pode ser, em todas as idades, justamente um caminho privilegiado para se construir, se pensar, dar um sentido à própria experiência, à própria vida; para dar voz a seu sofrimento, dar forma a seus desejos e sonhos”.

3.2 MEDIAÇÃO DA LEITURA

Moro e Estabel (2012) explicam que o termo “mediador” é derivado do latim *mediatore*, que significa aquele que “medeia” ou “intervém”. A mediação passa a ser então entendida como a relação entre o homem e o mundo, bem como com os outros homens, possibilitando que as funções psicológicas superiores, por meio de sensações, percepções, atenção, memória, pensamento, etc., se desenvolvam. A relação do homem com o mundo não é direta, uma vez que é mediada por meios.

Esses meios, conforme as autoras, serão encarados como ferramentas que auxiliam na atividade humana, bem como na capacidade de criação dessas ferramentas, sendo exclusiva da espécie humana. As autoras mencionam que Vygotsky aponta que o instrumento, cuja função é regular as ações sobre os objetos e o signo, é quem regula as ações sobre o psiquismo das pessoas. Esses são dois elementos fundamentais responsáveis pela mediação.

Para Vygotsky, a interação entre os sujeitos não se estabelece somente na dimensão intersubjetiva, isto é, a dimensão do outro, mas na dimensão da relação com o outro. O processo de internalização não é mera reprodução ou cópia e existe dependência mútua entre os planos inter e intrassubjetivos, e esses processos se realizam por meio da mediação social (MORO; ESTABEL, 2012, p. 43).

Silva (2012) explica que a mediação permite que as atividades dependentes passem a ser emancipatórias, o que ocorre graças às associações cognitivas que ampliam a competência intelectual. Nesse sentido, mediar a leitura literária é conduzir também, é ensinar. Sobre isso, menciona que ler não é natural, além disso,

conversar e falar não são atos naturais, mas sim, culturais. Para tanto, ninguém nasce sabendo falar, conversar, ler ou escrever.

Tampouco as pessoas aprendem isso sozinhas, uma vez que se tratam de habilidades e conhecimentos que requerem de transmissão e ensinamentos. A linguagem articulada não é um fenômeno da natureza, mas sim da cultura, advém do grupo social ao que o sujeito pertence. Especialmente a linguagem simbólica, que vai além da forma de indicação concreta e trabalha com abstrações, puramente cultural. Portanto, se ninguém ensina, ninguém aprende.

Conforme Silva (2012), em relação ao planejamento e execução de propostas de mediação da leitura, é fundamental que bibliotecários absorvam conhecimentos científicos relacionados ao tema, pois essa medida amplia as possibilidades de êxito relacionado às especificidades da formação do leitor. Torna-se preciso ir mais além e desenvolver estratégias de animação da leitura que, de forma lúdica, desescolarizada, aprofundam a interação com o texto, contribuindo para a aquisição de competências leitoras específicas.

A autora explica também que isso é tão necessário quando assumir que o objetivo inicial e fundamental da promoção da leitura é formar leitores competentes. Considerando isso, compreende-se que, de forma mais precisa do que se fala quando se refere às competências específicas de leitura, fala-se sobre a contribuição da promoção da leitura para seu desenvolvimento e observação das competências e a forma como podem ser treinadas.

Silva (2012) entende que na biblioteca, enquanto organismo social que lida de forma direta com leitores, reais ou potenciais, importa a atuação do bibliotecário, observando os elementos que indiquem necessidades informacionais dos leitores. Assim, a autora menciona que, ao bibliotecário, enquanto mediador da leitura, cabe:

[...] sobretudo, estar atentos a possíveis barreiras, surgidas, quer por desvios nos serviços-meios, quer nos serviços-fim. O que não cabe mais é a indiferença do mediador, pois estaria negando uma função tanto social, quanto educacional da biblioteca, ao se manter alheio às decorrências do processo que atua (BARROS, 2006 apud SILVA, 2012, p. 37).

Rasteli (2013) comenta que a apropriação do conteúdo da leitura parte da premissa de uma mudança, uma transformação do conhecimento e, conseqüentemente, uma ação de produção e não apenas de consumo. De forma

que, para que ocorra o conhecimento, se torna necessário os saberes já apropriados pelo leitor, gerando, como consequência, novos estados de conhecimento que, aplicados, causariam uma transformação social.

Dessa forma, a mediação da informação possibilita e requer a concepção de informação a fim de deslocar o interagente da categoria de simples receptor, colocando-o como um ator central do processo de apropriação. Tal concepção adquire uma consciência que direciona para uma nova perspectiva, que passa a ser o outro. Portanto, ao invés dos objetos em si, a atenção se volta agora às práticas dos sujeitos que se apropriam dos objetivos que envolvem para a construção de significados.

Segundo Rasteli (2013), a mediação envolve todas as atividades do profissional da informação, bem como a detecção da ação de mediar a leitura em espaços informacionais. Esse processo, que é iniciado com propostas que definem a mediação da informação como toda ação de interferência realizada por profissional da informação, com interferência direta ou indireta, consciente ou inconsciente, singular ou plural, individual ou coletiva, precisa propiciar a apropriação de informação a fim de satisfazer, plena ou parcialmente, uma necessidade informacional.

A mediação permite a produção, a circulação e a apropriação da informação, o que pressupõe considerar o equipamento informacional público constituindo-se em dispositivos produtores de sentidos na apropriação das informações. Os estudos na mediação da informação concebem o conceito de informação como uma estrutura que tem em seu cerne a potencialidade da significância, eclodindo ao confrontar-se com a realidade conceitual do indivíduo e que para isso necessita de um suporte (vocal, impresso, virtual) como veículo de comunicação (RASTELI, 2013, p. 37).

Zilberman (2016) explica que a leitura é fundada na mediação, uma vez que é suscitada pelo distanciamento entre o ser humano e o mundo que o envolve. Portanto, não há possibilidade de mediação e conhecimento do mundo sem que haja a aceitação da condição natural e irreversível do ser humano enquanto leitor desde o momento em que se utiliza da linguagem – tanto gestual, performática, verbal, visual, etc. – pela primeira vez.

A autora defende que a escola se torna um agente participante da vida do sujeito quando ele já é um leitor, transformando-o em um letrado, uma vez que dá

privilégio à forma escrita. Contudo, a escola não é a iniciadora, tampouco a fundadora desse processo. Portanto, bem como as políticas públicas, a escola não pode ignorar o patamar radical da leitura a fim de se apresentar de forma competente e profícua na existência das pessoas.

Conforme Zilberman (2016), a leitura é consolidada pela aprendizagem da escrita, assimilando, a essa última, o acesso às palavras que são veiculadas pelo suporte impresso, o que muitas vezes leva ao esquecimento de seu fundamento, assim como aos sujeitos que a inauguram.

Yunes (2009) explica que ao mediador da leitura cabe aproximar novos leitores do texto eleito, tendo em mente que a literatura é um território livre em que cada leitor tece suas redes de interpretação. Assim, em uma proposta curricular de leitura, alcança-se as “segundas” histórias, isto é, um momento em que a recepção do texto não reflui a uma interioridade emotiva e de perplexidade somente, calcando-se na voz do outro, mas se desdobra em uma interatividade de natureza mais ampla entre o texto e diversos receptores, de maneira simultânea.

Almeida Júnior e Bortolin (2007) defendem que, quanto mais imaturo for o leitor, mais precisará do mediador da leitura. Destacam que este é um colaborador na construção de um leitor, e suas ações propiciam a interação texto-leitor, encaminhando o leitor às novas descobertas e aventuras. É neste sentido que Caldin (2010) ressalta que se o indivíduo for um leitor iniciante pode apresentar algumas dificuldades, em virtude de pouco conhecimento prévio ou pela impossibilidade de elaborar hipóteses. Falta-lhe a capacidade de avaliar a relevância, pertinência ou o sentido das informações apresentadas. Dessa forma, o bibliotecário mediador irá utilizar suas competências para auxiliar o leitor nesse processo e desenvolver nesse indivíduo a capacidade de pensar por conta própria e fazer reflexões. Esse é um processo lento, mas extremamente importante na formação do indivíduo. Petit (2009) dialoga com essa concepção e aponta que, quando compartilha a leitura, cada pessoa se torna capaz de experimentar um sentimento de pertencimento a algo, à humanidade do tempo presente ou de tempos passados, do seu lugar ou de outro qualquer, podendo sentir-se próxima. Se o ato de ler permite abrir-se ao outro, não é apenas pelas formas de sociabilidade e pelas conversas que são tecidas em torno dos livros que isso ocorre.

Isso acontece também devido ao fato de que, ao experimentar em um texto, tanto sua verdade mais íntima como a humanidade compartilhada, a relação com o

próximo é transformada. Ler não isola o sujeito do mundo, mas o insere no mundo de forma diferente, pois o elemento mais íntimo se torna capaz de alcançar, nesse ato, o elemento mais universal.

Segundo Petit (2009), cada mediador possui uma forma própria de trabalhar com as reações do leitor diante de um texto, essa é a interação que será fundadora da circulação de ideias e trocas que formam as rodas de leitura. Para tanto, deve existir, entre professor e estudantes, uma cumplicidade a fim de que os estudantes se sintam à vontade para expressar suas interpretações. Não é uma biblioteca, uma escola ou outro espaço qualquer que despertará o gosto pela leitura, pela aprendizagem, pela imaginação ou pela descoberta. O que motivará isso é o professor, o bibliotecário, o mediador da leitura que, conduzido por sua paixão, a transmitirá por meio de uma relação individual (PETIT, 2013), especialmente em casos daqueles que não se sentem muito seguros para se aventurar por essa via, por conta de sua origem social.

Petit (2009, p. 167) descreve o papel dos mediadores na formação de novos leitores, apontando que o mediador será: “[...] aquele que lhe dá uma oportunidade de alcançar uma nova etapa”. Logo, o ponto mais crucial, para dar início à prática de uma mediação da leitura, é disponibilizar-se a inovar, independente dos métodos, pois se tornar um mediador e contribuir para a formação de novos leitores é a premissa central dessa atuação.

Pautados no referencial teórico é possível avançar para a quarta seção que apresenta a metodologia adotada neste estudo.

4 CAMINHOS METODOLÓGICOS

O método de pesquisa delinea a forma como a pesquisa é conduzida, a fim de evitar futuros erros e fornecer subsídios para decisões, com vista a atingir um objetivo. A técnica de pesquisa condiz à parte prática, à capacidade de utilizar os procedimentos e processos formulados no método (LAKATOS; MARCONI, 2010).

Nesta pesquisa, a abordagem utilizada, segundo a sua finalidade, é a pesquisa descritiva. Quanto à natureza dos dados, a pesquisa deu-se por meio da técnica de pesquisa qualitativa.

O universo deste estudo compreende os 35 bibliotecários vinculados ao SIBI/IFSC. A amostra da pesquisa é composta por 10 bibliotecários lotados nas bibliotecas do IFSC, nos câmpus da região da Grande Florianópolis: Câmpus Florianópolis; Câmpus Florianópolis-Continente; Câmpus Palhoça; e Câmpus São José.

A escolha por essas bibliotecas se deu pelo fato da minha atuação enquanto servidor do IFSC, lotado na biblioteca do Câmpus São José desde 2013, no cargo de auxiliar de biblioteca, e também por conta do instrumento de coleta de dados escolhido inicialmente, que era a entrevista semiestruturada. Para a realização da entrevista, seria inviável o deslocamento aos câmpus localizados fora da Grande Florianópolis. O Centro de Referência em Formação e Educação a Distância (CERFEAD), localizado no Centro de Florianópolis, possui uma biblioteca e um bibliotecário, mas não fez parte da pesquisa. A não participação do CERFEAD deve-se ao fato de o mesmo não ter as características de câmpus. O CERFEAD é uma diretoria vinculada à Pró-reitoria de Ensino que atua na implementação e consolidação da Política de Formação do IFSC. Sua biblioteca atende a um público restrito, tendo em vista que a oferta de cursos do CERFEAD é direcionada a servidores da instituição e a outros servidores públicos, tanto da esfera federal quanto estadual e municipal. Da mesma forma, não fez parte da pesquisa as duas bibliotecárias lotadas na reitoria, pois estas não atuam em biblioteca. Sendo assim, optou-se em deixá-los de fora da pesquisa, para não correr o risco de coletar informações que não representam a realidade das bibliotecas do IFSC.

O projeto desta pesquisa foi submetido ao Comitê de Ética e Pesquisa com Seres Humanos da Universidade do Estado de Santa Catarina (CEPSH), via Plataforma Brasil, e aprovado conforme Parecer Consubstanciado 3068747. No mês

de junho de 2020, foi submetida a este comitê uma alteração no projeto, em forma de emenda. A alteração foi referente ao instrumento de coleta de dados que inicialmente seria a entrevista semiestruturada. Em virtude da pandemia do coronavírus, a entrevista tornou-se inviável, mesmo que de forma virtual, pois desde o pré-teste alguns respondentes já alegavam dificuldades técnicas.

Para alcançar os objetivos a) traçar o perfil dos bibliotecários pesquisados; b) compreender a visão dos bibliotecários em relação à leitura; e c) conhecer as práticas de leitura realizadas nas bibliotecas do IFSC, foi realizada a coleta de dados por meio de questionário (APÊNDICE B) utilizando-se da ferramenta *Google Forms*.

Antes da aplicação dos questionários, um pré-teste foi realizado para identificar possíveis falhas que pudessem ocorrer durante o preenchimento do questionário, por parte dos bibliotecários, ou por mim no momento da análise dos dados. O pré-teste foi realizado no início de julho de 2020, com uma bibliotecária do IFSC, de um campus fora da região da Grande Florianópolis. Após todos os ajustes necessários, procedeu-se com a aplicação dos questionários da pesquisa.

Primeiramente, no dia 21 de julho de 2020 foi realizado um contato por *e-mail* com todos os bibliotecários dos campus da região da Grande Florianópolis. Neste contato me identifiquei, informei a natureza da pesquisa e fiz o convite para que dela participassem. Na medida que os bibliotecários respondiam informando o aceite, os questionários eram enviados por *e-mail*, individualmente. Todos os onze bibliotecários responderam ao primeiro contato e aceitaram fazer parte da pesquisa. Dessa forma, todos receberam o *link* de acesso ao questionário e ao termo de consentimento livre e esclarecido.

A primeira pergunta do questionário é, justamente, se aceita e concorda com o referido termo. Sendo assim, todos que responderam aceitaram e concordaram com o termo de consentimento livre e esclarecido. No entanto, dez bibliotecários responderam ao questionário, o que representa aproximadamente 91% dos bibliotecários da região da Grande Florianópolis. Esses números estão relacionados abaixo, no quadro 1.

Quadro 1 – Bibliotecários Grande Florianópolis e bibliotecários respondentes.

Câmpus	Bibliotecários Grande Florianópolis	Bibliotecários respondentes	Percentual
Florianópolis	6	5	83%
Florianópolis-Continente	2	2	100%
São José	2	2	100%
Palhoça	1	1	100%
TOTAL	11	10	91%

Fonte: dados da pesquisa (2020).

Como se pode ver no quadro acima, apenas um bibliotecário, lotado no câmpus Florianópolis, não respondeu ao questionário. Entretanto, essa ausência não prejudicou a pesquisa, visto que o câmpus Florianópolis é o câmpus que tem mais bibliotecários. Os câmpus que têm menos bibliotecários tiveram 100% de retorno. Isso mantém um bom nível de representatividade em todos os câmpus pesquisados.

Para analisar os dados coletados, utilizou-se da análise de conteúdo, proposta por Laurence Bardin. A autora define a análise de conteúdo como:

um conjunto de técnicas de análise das comunicações visando obter por procedimentos sistemáticos e objetivos de descrição do conteúdo das mensagens indicadores (quantitativos ou não) que permitam a inferência de conhecimentos relativos às condições de produção/recepção (variáveis inferidas) destas mensagens (BARDIN, 2009, p. 44).

Para Valentim (2005), pesquisas na área da Biblioteconomia e Ciência da Informação, aplicadas sob a análise de conteúdo, são enriquecidas por conter as características quantitativas e qualitativas. Dessa forma, se tem mais detalhes do objeto pesquisado, sendo possível fazer inferências com mais segurança e obter melhores resultados. Por essa razão, elegeu-se a análise de conteúdo como método de análise dos resultados.

Bardin divide a análise de conteúdo em três etapas: pré-análise, exploração do material e tratamento dos resultados.

A pré-análise é a fase de organização, de forma a “sistematizar as ideias iniciais, de maneira a conduzir a um esquema preciso do desenvolvimento das operações sucessivas, num plano de análise” (BARDIN, 2009, p. 121). Para essa etapa são seguidos os seguintes passos determinados pela autora:

a) leitura flutuante: “consiste em estabelecer contato com os documentos a analisar e em conhecer o texto deixando-se invadir por impressões e orientações”;

b) escolha dos documentos: “o universo de documentos de análise [...]”, no qual o *corpus* da presente pesquisa é formado pelas respostas dos questionários. De acordo com Bardin (2009), a constituição desse *corpus* implica em escolhas, seleções e regras. Para a formação do *corpus* desta pesquisa, levou-se em consideração as regras de pertinência e de homogeneidade. A regra de pertinência destaca que os documentos “devem ser adequados, enquanto fonte de informação, de modo a corresponderem ao objetivo que suscita a análise”. Para esta pesquisa, as respostas dos questionários foram o melhor meio obter informações/matéria-prima para atender aos objetivos propostos. Já a regra de homogeneidade diz que “os documentos retidos devem ser homogêneos, quer dizer, devem obedecer a critérios precisos de escolha”. Neste caso, a presente pesquisa utilizou a mesma técnica de coleta e análise de dados para todos os respondentes;

c) formulação de hipóteses e dos objetivos: “uma hipótese é uma afirmação provisória que nos propomos verificar recorrendo aos procedimentos da análise”. Por outro lado, a própria autora reconhece que nem sempre são estabelecidas hipóteses na pré-análise. “Algumas análises efetuam-se às cegas e sem ideias preconcebidas” (BARDIN, 2009, p. 124). Por esta razão, nesta pesquisa optou-se em não formular hipóteses, a fim de permitir que as próprias mensagens analisadas fossem reveladoras.

d) A referenciação dos índices e a elaboração de indicadores: esse passo segue com a finalidade de auxiliar a interpretação do material coletado. Por exemplo,

“o índice pode ser a menção explícita de um tema numa mensagem. Se se parte do princípio de que este tema possui tanto mais importância para o locutor quanto mais frequentemente é repetido, o indicador correspondente será a frequência deste tema de maneira relativa ou absoluta, relativamente a outros” (BARDIN, 2009, p. 126).

e) Preparação do material: consiste em reunir todo o material coletado em uma preparação formal, de modo que se possa identificar e marcar os contrastes das respostas obtidas pelo questionário, por exemplo.

A segunda etapa é a exploração do material, definida por Bardin (2009, p. 127) como uma fase “longa e fastidiosa, consiste essencialmente em operações de codificação, decomposição ou enumeração, em função de regras previamente formuladas.”

A terceira etapa contempla o tratamento dos resultados obtidos e interpretação. Nesta fase, “tendo à sua disposição resultados significativos e fiéis, o analista pode então propor inferências e adiantar interpretações a propósito dos objetivos previstos, ou que digam respeito a outras descobertas inesperadas (BARDIN, 2009, p. 127).

É nesta etapa que se procede com a codificação, na qual se faz os recortes para a escolha das unidades de registro e, posteriormente, a formação de categorias. Segundo Bardin (2009, p. 130) a unidade de registro é a “unidade de significação a codificar e corresponde ao segmento de conteúdo a considerar como unidade de base, visando a categorização e a contagem frequencial.”

Seguindo essa orientação teórica da análise de conteúdo foram organizados os dados para uma apresentação, análise e sua interpretação à luz do referencial teórico.

A organização dos dados permitiu construir categorias a partir das questões apresentadas e estas por sua vez traduzem a compreensão dos bibliotecários participantes da pesquisa acerca do tema leitura.

4.1 O PRODUTO DO ESTUDO

O objetivo d), inicialmente, seria propor um repertório de práticas de leitura para as bibliotecas do IFSC. No entanto, diante dos resultados da pesquisa, julgou-se mais relevante e oportuno propor uma capacitação para os bibliotecários sobre a temática leitura. A oferta de capacitação sobre o tema justifica-se pelos resultados da pesquisa, que indicam que os bibliotecários atuantes nas bibliotecas do IFSC – Câmpus da Grande Florianópolis têm pouca habilidade para trabalhar a leitura com o diversificado público das suas bibliotecas.

A proposta é um Curso de Capacitação em Mediação da Leitura (APÊNDICE A) para os bibliotecários e demais técnicos das bibliotecas do IFSC com o objetivo de aperfeiçoar e formar novos mediadores da leitura.

Sendo esta pesquisa realizada com os bibliotecários dos câmpus da Grande Florianópolis, considera-se a possibilidade de existência, nas demais bibliotecas, de bibliotecários capacitados na área da leitura. Visando valorizar os profissionais da instituição, a prioridade para ministrar o curso será dos bibliotecários do SiBI/IFSC. Não havendo a disponibilidade dos bibliotecários, um ministrante de fora da

instituição deverá ser convidado.

Diante do cenário da pandemia do coronavírus, torna-se inviável a realização do curso na modalidade presencial. Portanto, a primeira edição deverá acontecer de forma virtual, no mês de agosto de 2021.

A tecnologia utilizada será a ferramenta *Google Meet* que permite a comunicação por vídeo entre várias pessoas. O uso dessa tecnologia justifica-se por ser conhecida dos servidores do IFSC, sendo utilizada em reuniões durante o período de isolamento social decorrente da pandemia.

Nesta primeira edição, o Curso de Capacitação em Mediação da Leitura terá a duração de três horas e disponibilizará dez vagas para bibliotecários e demais técnicos administrativos das bibliotecas do IFSC.

A proposta é que o curso seja realizado semestralmente, contemplando, assim, o maior número de servidores. Ao final da primeira edição do curso será realizada uma avaliação dos resultados para que se possa fazer o planejamento das próximas edições.

A proposta do Curso de Capacitação em Mediação da Leitura será encaminhada à coordenação do SiBI/IFSC, juntamente com os resultados da presente pesquisa, para apreciação. Como sugestão, quando do retorno das atividades presenciais, o curso poderá ser incluído na programação do Fórum de Bibliotecas do IFSC, conforme sugestão de um dos bibliotecários: *“A temática é de extrema importância para as bibliotecas e bibliotecários. Precisa certamente ser tratada com mais seriedade, pois a leitura é a chave e caminho do conhecimento. Uma sugestão é trabalhar esse tema nos Fóruns de Bibliotecas do IFSC. E sempre que possível desenvolver o tema entre os bibliotecários visando elaborar atividades de leitura no âmbito das bibliotecas envolvendo suas comunidades de leitores” (B.5).*

O Fórum de Bibliotecas do IFSC é um evento anual organizado pelo SiBI/IFSC e tem o objetivo de proporcionar espaço de reflexão e formação continuada aos servidores que atuam nas bibliotecas da instituição.

O evento é realizado em dois dias e reúne servidores das bibliotecas do IFSC de todas as regiões do estado. No primeiro dia do evento é realizada a reunião técnica dos bibliotecários. No segundo dia, a programação contempla os bibliotecários e os demais servidores, com a socialização de trabalhos realizados nas bibliotecas, palestras e oficinas.

Incluir o Curso de Capacitação em Mediação da Leitura na programação do

Fórum de Bibliotecas do IFSC é uma estratégia que visa alcançar grande número de servidores das bibliotecas, aproveitando, assim, o maior espaço de formação continuada do SiBI/IFSC.

Os conteúdos abordados e a bibliografia apresentados no apêndice A são sugestões, podendo ser alterados pelo ministrante.

4.2 LEVANTAMENTO BIBLIOGRÁFICO

No mês de agosto de 2020 foi realizada uma atualização do levantamento bibliográfico que havia sido realizado em abril de 2019. Esse levantamento teve como objetivo localizar estudos sobre o tema leitura no contexto das bibliotecas dos IFs.

As bases de dados utilizadas foram a Base de Dados Referencial de Artigos de Periódicos em Ciência da Informação (BRAPCI) e a Biblioteca Digital Brasileira de Teses e Dissertações (BDTD).

Para a pesquisa nas bases de dados foi considerado um recorte temporal entre os anos 2009 e 2020. Esse recorte se deu por conta da criação da RFEPCT e dos IFs, que ocorreu com a Lei 11.892 de 29 de dezembro de 2008. Sendo assim, o foco desse levantamento bibliográfico foram os estudos sobre leitura exclusivamente no contexto desse novo modelo de biblioteca.

As buscas foram realizadas de acordo com os filtros e recursos disponíveis em cada base de dados.

Como estratégia de busca foram utilizadas algumas palavras-chave e combinações com operadores lógicos, como exemplificado a seguir:

Quadro 2 – Termos de busca nas bases de dados.

TERMOS DE BUSCA	BRAPCI		BDTD	
	Rec.	Sel.	Rec.	Sel.
leit* AND bibliotec* AND “instituto federal”	15	06	--	--
leit* AND “instituto federal de educação”	--	--	10	02

Fonte: dados da pesquisa (2020).

Após esse levantamento, foi realizada a leitura de alguns itens dos materiais recuperados como título, resumo, palavras-chave e, em alguns casos, uma leitura

mais aprofundada de alguns capítulos. Esse procedimento teve como finalidade localizar materiais relevantes sobre a temática.

O quadro 3 apresenta as referências selecionadas da base BRAPCI e o quadro 4 apresenta as referências selecionadas da base BDTD.

Quadro 3 – Referências selecionadas da base BRAPCI.

Termos combinados: leit* AND bibliotec* AND “instituto federal”
REFERÊNCIAS
MOUSQUER, P. Biblioteca como espírito do lugar. Revista ACB: Biblioteconomia em Santa Catarina , v. 21, n. 3, p. 651-659, 2016. Disponível em: http://hdl.handle.net/20.500.11959/brapci/74072 . Acesso em: 17 ago. 2020.
NASCIMENTO, M. G. E. S.; ALMEIDA, J. R. M.; BERNARDINO, M. C. R. Entre silêncios e rupturas: ação cultural na biblioteca do Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia do Maranhão - Campus Timon. Informação@Profissões , v. 8, n. 2, p. 42-63, 2019. Disponível em: https://brapci.inf.br/index.php/res/download/125618 . Acesso em: 17 ago. 2020.
VIANA, G. M.; CAVALCANTE, F. O. F.; PIMENTA, J. S. Caminhos da leitura: a experiência da tenda de leitura no Instituto Federal de Rondônia Campus Cacoal. Revista Fontes Documentais , v. 2 n. 3, n. 3, p. 59-74, 2019. Disponível em: http://hdl.handle.net/20.500.11959/brapci/135250 . Acesso em: 17 ago. 2020.
SANTOS, M. A. B.; GRACIOSO, L. S.; AMARAL, R. M. As bibliotecas dos institutos federais de educação, ciência e tecnologia: uma análise de literatura científica. Revista Brasileira de Biblioteconomia e Documentação , v. 14, n. 2, p. 26-43, 2018. Disponível em: http://hdl.handle.net/20.500.11959/brapci/4226 . Acesso em: 17 ago. 2020.
VERONEZE, C. C.; JAVAREZ, J. G.; NADAL, L. M. K. Clubes de leitura em movimento: integração nas bibliotecas do IFPR. Revista Brasileira de Biblioteconomia e Documentação , v. 15, p. 314-326, 2019. Disponível em: http://hdl.handle.net/20.500.11959/brapci/127492 . Acesso em: 17 ago. 2020.
SANTOS, C. A. S.; SANTOS, M. P. A atividade de “indicação de leitura” realizada no IFSP: promoção de práticas de incentivo à leitura. Biblioteca Escolar em Revista , v. 2 n. 1, n. 1, p. 55-68, 2013. DOI: 10.11606/issn.2238-5894.berev.2013.106586. Acesso em: 16 ago. 2020.

Fonte: dados da pesquisa: (2020).

Quadro 4 – Referências selecionadas da base BDTD.

Termos combinados: leit* AND “instituto federal de educação”
REFERÊNCIAS
BANDEIRA, Francisca Vera Célida Feitosa. Concepções e práticas de leitura na educação de jovens e adultos: o que revelam os memoriais de estudantes do IFPB - Campus Cajazeiras . 2011. 93 f. Dissertação (Mestrado em Educação) - Universidade Federal da Paraíba, João Pessoa, 2011. Disponível em: https://repositorio.ufpb.br/jspui/bitstream/tede/4607/1/arquivototal.pdf . Acesso em 16 ago. 2020.
PEREIRA, Dimas Andriola. Práticas de Leitura na Educação de Jovens e Adultos: (re)

pensando compreensões e possibilidades para a Escola Técnica de Saúde de Cajazeiras - ETSC. 2010. 115 f. Dissertação (Mestrado em Educação) - Universidade Federal da Paraíba, João Pessoa, 2010. Disponível em: <https://repositorio.ufpb.br/jspui/bitstream/tede/4932/1/arquivototal.pdf>. Acesso em: 16 ago. 2020.

Fonte: dados da pesquisa: (2020).

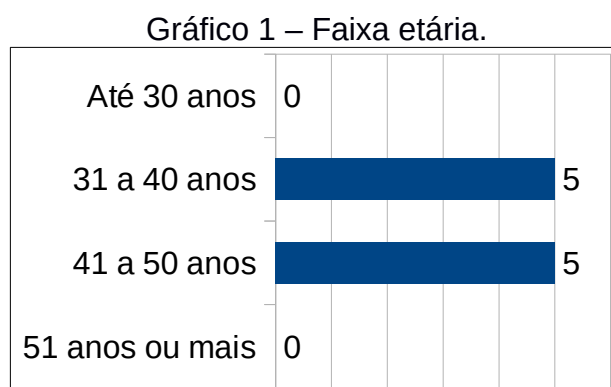
5 A LEITURA SOB A ÓTICA DOS BIBLIOTECÁRIOS DO INSTITUTO FEDERAL DE SANTA CATARINA

Nesta seção, apresenta-se a análise dos dados coletados dos dez bibliotecários que responderam ao questionário. A seção é estruturada da seguinte forma: 5.1 Os bibliotecários do IFSC: um perfil. Apresenta o perfil dos bibliotecários pesquisados; 5.2 Compreensão sobre leitura. Envolve questões acerca da leitura no entendimento dos bibliotecários; e 5.3 Práticas de incentivo à leitura. Refere-se a questões sobre práticas de leitura, no sentido de apresentar o que os bibliotecários afirmaram ter feito em prol da leitura e formação de leitores nas bibliotecas do IFSC.

5.1 OS BIBLIOTECÁRIOS DO IFSC: UM PERFIL

Quanto ao perfil dos bibliotecários foi possível identificar: faixa etária, gênero, instituição e ano da graduação em Biblioteconomia, outras possíveis formações de nível superior, assim como o nível de formação, os respectivos cursos de pós-graduação e as instituições onde cursaram.

Analisando a faixa etária e o gênero dos bibliotecários pesquisados, percebe-se a predominância feminina.

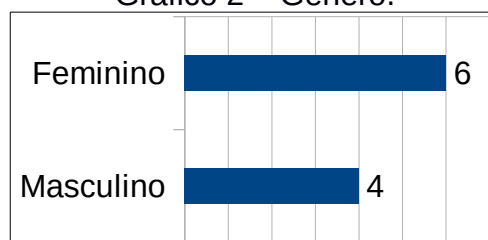


Fonte: dados da pesquisa (2020).

De acordo com o gráfico 1, dos dez respondentes, 50% se concentram na faixa etária entre 31 e 40 anos e os outros 50% na faixa entre 41 e 50 anos.

Nota-se que estes bibliotecários estão em uma faixa intermediária de idade, concentrada totalmente entre 31 e 50 anos, o que leva a crer que são bibliotecários com certa experiência, porém, ainda com muitos anos de trabalho pela frente.

Gráfico 2 – Gênero.

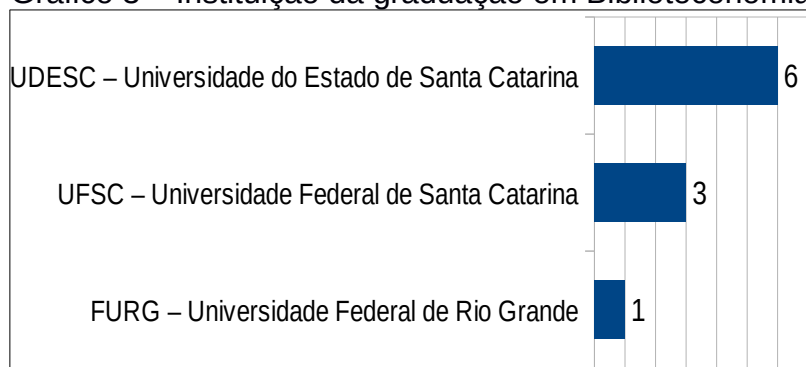


Fonte: dados da pesquisa (2020).

No gráfico 2, observa-se que 60% dos respondentes são do gênero feminino e 40% do gênero masculino. Percebe-se a predominância do gênero feminino, característica da profissão bibliotecária. No entanto, o número de bibliotecários do gênero masculino vem aumentando nas últimas décadas e essa diferença parece estar diminuindo.

Analisando a instituição e o ano da graduação em Biblioteconomia, representados nos gráficos 3 e 4, percebe-se que todos os bibliotecários pesquisados obtiveram graduação em universidades do sul do Brasil e tiveram sua diplomação entre os anos 1998 e 2013, ou seja, em um intervalo de 15 anos.

Gráfico 3 – Instituição da graduação em Biblioteconomia.



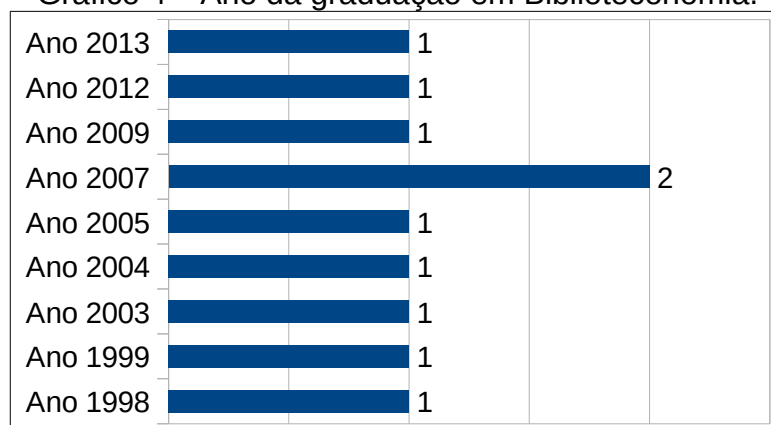
Fonte: dados da pesquisa: (2020).

De acordo com o gráfico 3, percebe-se que a maior parte dos respondentes graduou-se em Biblioteconomia em duas universidades no estado de Santa Catarina, 60% graduaram na Universidade do Estado de Santa Catarina (UDESC), 30% na Universidade Federal de Santa Catarina (UFSC) e um respondente, correspondente a 10% colou grau em Biblioteconomia na Universidade Federal de Rio Grande (FURG), no estado do Rio Grande do Sul.

O gráfico a seguir apresenta o ano em que cada respondente se graduou em

Biblioteconomia.

Gráfico 4 – Ano da graduação em Biblioteconomia.



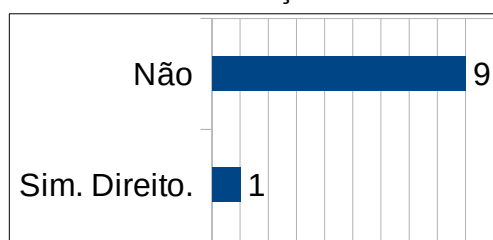
Fonte: dados da pesquisa (2020).

Ao observar o gráfico 4, nota-se que dois respondentes, se formaram em Biblioteconomia antes do ano 2000, sendo um em 1998 e outro em 1999; seis respondentes, se formaram na década de 2000, sendo 2003, 2004, 2005 e 2009 (um em cada ano) e dois respondentes graduados no ano 2007; e outros dois respondentes, se formaram na década de 2010, sendo um no ano 2012 e outro no ano 2013. Desse modo, observa-se que das três últimas décadas, 60% dos bibliotecários pesquisados teve a sua graduação na década intermediária, ou seja, na década de 2000.

Associando essa informação à informação da faixa etária, que também está concentrada nas faixas intermediárias, conclui-se que se tratando de idade e tempo de formação, são experientes na profissão e têm pela frente muitos anos de trabalho até se aposentarem. Isso pode ser interessante para o IFSC, visto que podem utilizar suas experiências já acumuladas para contribuir em muito com o desenvolvimento de atividades nas bibliotecas ainda por muitos anos.

Ao perguntar se possuem alguma formação superior além de Biblioteconomia, nove respondentes afirmaram não ter nenhuma, enquanto um declarou ter outra formação, graduação em Direito.

Gráfico 5 - Possui outra formação de nível superior? Qual?

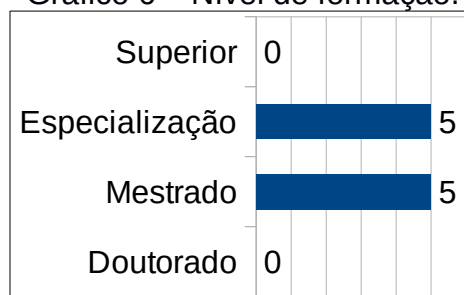


Fonte: dados da pesquisa: (2020).

Ao observar o gráfico 5, percebe-se o que foi dito no parágrafo anterior em relação à formação superior dos bibliotecários. Dessa forma, pode-se deduzir que 90% dos bibliotecários pesquisados dedicam-se exclusivamente à profissão bibliotecária, pelo menos no que diz respeito a sua formação. Isso não quer dizer que ter outra formação é prejudicial, pelo contrário. Ter outra formação pode ser um fator positivo, visto que agrega mais conhecimento ao profissional.

No que diz respeito ao nível de formação, o IFSC tem a vantagem de ter um quadro de bibliotecários bem capacitado.

Gráfico 6 – Nível de formação.

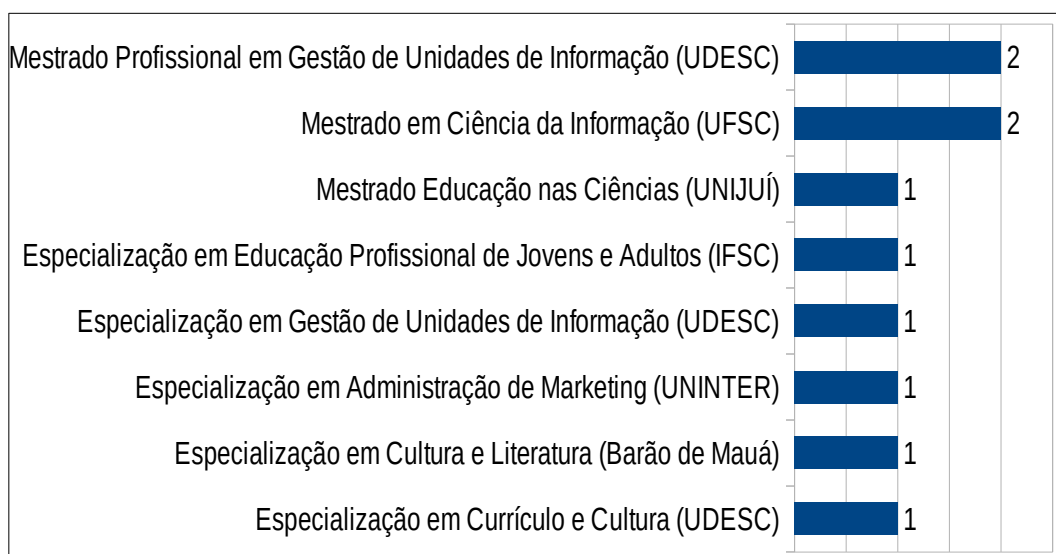


Fonte: dados da pesquisa (2020).

De acordo com o gráfico 6, verifica-se que 50% dos respondentes informaram ter especialização, enquanto os outros 50% afirmaram ter curso de mestrado. Os percentuais apontam que estes profissionais vêm investindo em sua formação continuada.

Nesta direção, parte-se do pressuposto que, dos cursos de pós-graduação realizados pelos bibliotecários, praticamente todos podem ter aplicação prática nas bibliotecas do IFSC, como mostra o gráfico 7 que elenca os cursos de pós-graduação realizados.

Gráfico 7 - Qual curso de pós-graduação realizou?



Fonte: dados da pesquisa (2020).

Observa-se que dois respondentes cursaram mestrado profissional em Gestão de Unidades de Informação na UDESC, dois respondentes cursaram mestrado em Ciência da Informação na UFSC, um respondente cursou mestrado em Educação nas Ciências na UNIJUÍ, um respondente cursou especialização em Educação Profissional de Jovens e Adultos no IFSC, um respondente cursou especialização em Gestão de Unidades de Informação na UDESC, um respondente cursou especialização em Administração de Marketing no Centro Universitário Internacional (UNINTER), um respondente cursou especialização em Cultura e Literatura no Centro Universitário Barão de Mauá e um respondente cursou especialização em Currículo e Cultura na UDESC.

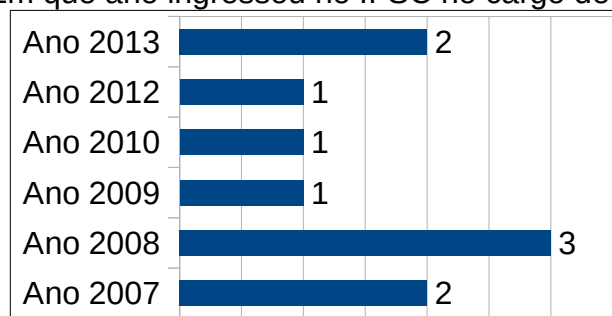
A maioria dos cursos (70%) foi realizado em instituições de ensino públicas situadas em território catarinense: UDESC, UFSC e IFSC. Portanto, quatro respondentes cursaram pós-graduação em uma universidade estadual (UDESC) e três respondentes cursaram a pós-graduação em instituições federais (UFSC e IFSC), todas públicas.

Uma universidade comunitária pública não estatal foi mencionada por um respondente: Universidade Regional do Noroeste do Estado do Rio Grande do Sul (UNIJUÍ), situada no estado do Rio Grande do Sul. E duas universidades privadas também foram mencionadas: Centro Universitário Internacional (UNINTER), com sede na cidade de Curitiba, estado do Paraná; e Centro Universitário Barão de Mauá, com sede no estado de São Paulo. Essas três instituições, uma comunitária e

duas privadas, completam os outros 30%.

O gráfico abaixo detalha o ano em que os bibliotecários pesquisados ingressaram no IFSC.

Gráfico 8 - Em que ano ingressou no IFSC no cargo de bibliotecário?



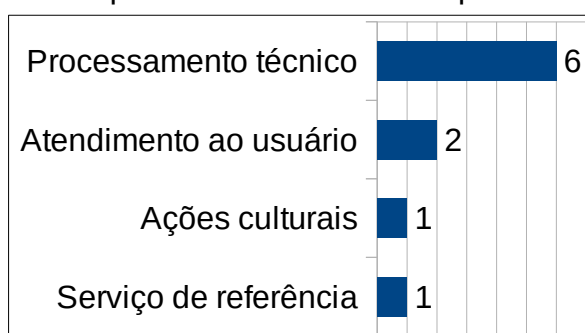
Fonte: dados da pesquisa (2020).

Ao observar o gráfico 8, percebe-se que dois respondentes ingressaram na instituição no ano 2007; três respondentes ingressaram no ano 2008; nos anos 2009, 2010 e 2012 ingressou um bibliotecário em cada ano; e dois respondentes ingressaram no ano 2013.

Constata-se que 70% dos bibliotecários pesquisados têm dez anos ou mais de trabalho no IFSC, ou seja, ingressaram na instituição até o ano 2010. Os dois últimos bibliotecários a entrar no IFSC ingressaram no ano 2013, têm sete anos de experiência no cargo de bibliotecário atuando nas bibliotecas do IFSC. Isso revela que os câmpus da região da Grande Florianópolis têm uma equipe de bibliotecários que conhece bem a instituição.

Ainda sobre o perfil dos bibliotecários, com o intuito de identificar as atividades que mais se ocupam nas bibliotecas, foi perguntado: **Qual a atividade que você realiza com mais frequência na biblioteca do seu câmpus?**

Gráfico 9 - Atividade que realiza com mais frequência na biblioteca.

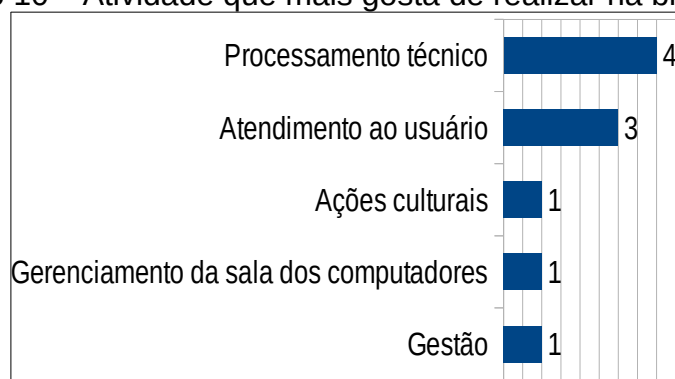


Fonte: dados da pesquisa (2020).

Como se pode ver no gráfico 9, 60% dos bibliotecários atuam mais com processamento técnico: catalogação, classificação e indexação. Dois bibliotecários, equivalente a 20%, afirmaram que a atividade que mais realizam é o atendimento ao usuário, apenas um bibliotecário informou trabalhar mais com ações culturais e um bibliotecário mencionou o serviço de referência como a atividade que mais realiza na biblioteca do seu câmpus.

Para completar o perfil dos bibliotecários, com o intuito de verificar se estes bibliotecários estão trabalhando com o que mais gostam, perguntou-se: **Qual a atividade que você mais gosta de realizar na biblioteca?**

Gráfico 10 – Atividade que mais gosta de realizar na biblioteca.



Fonte: dados da pesquisa (2020).

Ao observar o gráfico 10, percebe-se que 40% dos bibliotecários informaram que o processamento técnico é a atividade que mais gostam de realizar na biblioteca; três bibliotecários, correspondente a 30%, afirmaram gostar mais da atividade de atendimento ao usuário; apenas um deles afirmou gostar mais de trabalhar com ações culturais na biblioteca; um bibliotecário mencionou gerenciamento da sala dos computadores; e um bibliotecário informou a atividade de gestão como a sua preferida.

Ao analisar os gráficos 9 e 10, nota-se que as duas atividades mais citadas são as mesmas: processamento técnico e atendimento ao usuário. No entanto, para entender melhor e saber se os bibliotecários estão atuando com as atividades de sua preferência, foi elaborado o quadro 5.

Quadro 5 – Comparativo entre frequência e preferência das atividades.

Respondente	Atividade que realiza com mais frequência	Atividade que tem preferência
B.2	Processamento técnico	Atendimento ao usuário
B.3	Processamento técnico	Atendimento ao usuário
B.5	Processamento técnico	Atendimento ao usuário
B.7	Processamento técnico	Processamento técnico
B.9	Processamento técnico	Processamento técnico
B.10	Processamento técnico	Processamento técnico
B.1	Atendimento ao usuário	Gestão
B.8	Atendimento ao usuário	Gerenciamento sala de computadores
B.6	Ações culturais	Ações culturais
B.4	Serviço de referência	Processamento técnico

Fonte: dados da pesquisa (2020).

Como se pode ver no quadro 5, para melhor visualização colocou-se em destaque os quatro bibliotecários que realizam com mais frequência a sua atividade de preferência. Dos dez bibliotecários respondentes, 60% informaram atuar com mais frequência em atividade que não é a sua preferida. E apenas um bibliotecário, correspondente a 10%, tem preferência por trabalhar com ações culturais. Essas informações podem ser um indicativo de que os bibliotecários dos câmpus da Grande Florianópolis têm o perfil mais tecnicista. Almeida Júnior (2007, p. 34) defende que “com a necessidade de se dizer “ciência da informação” e de se enquadrar dentro das fronteiras que limitam a ciência da informação, a biblioteconomia relegou a um plano inferior de interesse tudo aquilo que aparentemente não se refere à informação. A leitura foi entendida dessa forma e, portanto, considerada como prescindível na ânsia de galgar um enganoso *status* dentro da ciência da informação.

5.2 COMPREENSÃO SOBRE LEITURA

Martins (2006) acredita que se nos perguntarmos o que é, o que significa a leitura para nós mesmos, certamente cada um chegará a uma resposta diferenciada. Isso porque se trata, antes de mais nada, de uma experiência individual, cujos limites não estão demarcados pelo tempo em que nos detemos nos sinais ou pelo espaço ocupado por eles. Por essa razão, essa pesquisa não tem a pretensão de testar os conhecimentos dos bibliotecários, tampouco fazer-lhes perguntas para saber quem sabe mais ou menos sobre o tema, mas estimular o debate e promover

reflexões.

Para que pudessem ficar à vontade e discorrer sobre o tema de forma espontânea, optou-se em fazer uma pergunta bem genérica: **O que é leitura para você?** Dessa forma, os respondentes puderam fazer uso da sua imaginação e, com as suas próprias palavras, expor o que pensam sobre o tema sem que ficassem “presos” a respostas acadêmicas.

As respostas obtidas nessa questão serviram como matéria-prima para a criação de 14 categorias. Portanto, esta pesquisa não iniciou a análise dos resultados com categorias preestabelecidas, foram os próprios respondentes que forneceram subsídios para a sua criação. Essas categorias foram essenciais para compreender como os bibliotecários pesquisados compreendem a leitura em um sentido mais amplo.

Primeiramente são elencadas no quadro 6 todas as respostas na íntegra. Em seguida, o quadro 7 apresenta os recortes (unidades de registro) e as categorias padronizadas. Visando manter o anonimato da pesquisa, os bibliotecários são representados pelos códigos B.1 a B.10.

Quadro 6 – Íntegra das respostas sobre leitura.

B.1	<i>“Leitura é interpretar textos; pode ser para entretenimento, estudo ou informação”</i>
B.2	<i>“É silenciar os pensamentos e mergulhar no imaginário desconhecido”</i>
B.3	<i>“É a base para o conhecimento, lazer e imaginação”</i>
B.4	<i>“É a ação em que o indivíduo se apropria de determinada informação ou conjunto de informações registrada em um dado suporte, por meio de um ou mais sentidos: visão, audição ou tato. A leitura pode ser por recreação, estudo, trabalho ou outras atividades cotidianas”</i>
B.5	<i>“Leitura é uma janela que dá acesso ao conhecimento, cultura, informações e torna possível novas vivências ao leitor”</i>
B.6	<i>“É viajar e conhecer outros mundos; é aprender novas informações; é transformar nossa realidade”</i>
B.7	<i>“Habilidade de identificar uma mensagem ao ver uma imagem, texto, entre outros”</i>
B.8	<i>“Leitura é vida, conhecimento e liberdade”</i>
B.9	<i>“É uma atividade imprescindível a ser incentivada e praticada regularmente, seja para lazer ou trabalho. Pois amplia nossos horizontes tanto pessoais quanto profissionais”</i>
B.10	<i>“Possibilitou a minha formação pessoal, acadêmica e principalmente profissional”</i>

Fonte: dados da pesquisa (2020). (Grifo nosso).

Os trechos em destaque são os recortes selecionados para a escolha das unidades de registro, apresentadas no quadro 7 em conjunto com as categorias padronizadas.

Quadro 7 – Unidades de registro e categorias.

RESPONDENTE	UNIDADES DE REGISTRO	CATEGORIAS
B.1	<i>interpretar textos</i>	Interpretação
	<i>entretenimento</i>	Entretenimento
	<i>estudo</i>	Conhecimento
	<i>informação</i>	Informação
B.2	<i>silenciar os pensamentos</i>	Concentração
	<i>mergulhar no imaginário desconhecido</i>	Imaginação
B.3	<i>conhecimento</i>	Conhecimento
	<i>lazer</i>	Entretenimento
	<i>imaginação</i>	Imaginação
B.4	<i>informação</i>	Informação
	<i>sentidos: visão, audição ou tato</i>	Sentido
	<i>recreação</i>	Entretenimento
	<i>estudo</i>	Conhecimento
B.5	<i>trabalho</i>	Trabalho
	<i>conhecimento</i>	Conhecimento
	<i>cultura</i>	Cultura
	<i>informações</i>	Informação
B.6	<i>novas vivências</i>	Vida
	<i>viajar e conhecer outros mundos</i>	Imaginação
	<i>aprender novas informações</i>	Conhecimento
B.7	<i>transformar nossa realidade</i>	Transformação
	<i>identificar uma mensagem</i>	Decodificação
B.8	<i>vida</i>	Vida
	<i>conhecimento</i>	Conhecimento
	<i>liberdade</i>	Liberdade
B.9	<i>lazer</i>	Entretenimento
	<i>trabalho</i>	Trabalho
B.10	<i>formação pessoal, acadêmica e profissional.</i>	Formação

Fonte: dados da pesquisa (2020).

Após a formação das categorias, foi possível mensurar a frequência que cada uma foi mencionada pelos respondentes, as quais são apresentadas no quadro abaixo.

Quadro 8 – Frequência das categorias.

Categorias	Frequência	Percentual
Conhecimento	6	21,4%
Entretenimento	4	14,3%
Imaginação	3	10,7%
Informação	3	10,7%
Trabalho	2	7,1%
Vida	2	7,1%
Concentração	1	3,6%
Cultura	1	3,6%
Decodificação	1	3,6%
Formação	1	3,6%
Interpretação	1	3,6%
Liberdade	1	3,6%
Sentido	1	3,6%
Transformação	1	3,6%
Total	28	100%

Fonte: dados da pesquisa (2020).

Ao observar o quadro 8, percebe-se que a categoria mais citada foi **conhecimento** (21,4%), seguida de **entretenimento** (14,3%). Logo após apareceram as categorias **imaginação** (10,7%); **informação** (10,7%); **trabalho** (7,1%); e **vida** (7,1%). Oito categorias foram citadas uma vez cada (3,6%): **concentração**; **cultura**; **decodificação**; **formação**; **interpretação**; **liberdade**; **sentido**; e **transformação**. Esse quadro é bastante significativo, pois retrata como os bibliotecários veem a leitura no seu sentido mais amplo.

Os termos conhecimento e informação muitas vezes são confundidos. Para compreender a diferença entre um e outro torna-se importante olhar para a tríade *dado, informação e conhecimento*, pois os três estão relacionados. Ressalta-se que não é o objetivo desta pesquisa aprofundar estudos conceituais destes termos, até porque isso levaria a um estudo muito mais amplo. Para essa discussão, buscou-se apenas esclarecer a distinção entre os termos, de maneira clara e objetiva.

Grosso modo, pode-se dizer que dados são elementos primários, apresentados na sua forma bruta, que podem servir como insumo para a informação. Informação são dados trabalhados, geralmente registrados em suporte físico ou digital e servem de matéria-prima para se produzir conhecimento. Conhecimento é a informação contextualizada, de maneira que, ao se fazer o uso desta última, esta poderá se transformar em conhecimento. O conhecimento poderá

ser utilizado para a tomada de decisões.

A leitura, por sua vez, tem uma relação muito forte com a informação e o conhecimento. “[A leitura] É a ação em que o indivíduo se apropria de determinada informação ou conjunto de informações registrada em um dado suporte” (B.4). Nessa direção, Almeida Júnior (2007) defende que a leitura está no cerne da apropriação da informação. Para este autor, a informação não existe antecipadamente. Por ser intangível, a informação precisa do documento para ser veiculada e apropriada, e só se concretiza com o processo da mediação da informação. Almeida Júnior (2007) denomina esse processo – da comunicação via documento até a transformação do conhecimento de uma pessoa – de mediação da informação. Para Barreto (2015, p. 3), “a apropriação da informação revela um ritual de interação entre um sujeito e uma determinada estrutura de informação, que gera (no sujeito) uma modificação de suas condições de entendimento e de saber acumulado”. De acordo com o autor, a informação assimilada modifica o estoque mental de saber do indivíduo e traz benefícios para o seu desenvolvimento pessoal e da sociedade em que ele vive. Entretanto, é por meio da leitura que acontece essa apropriação da informação e, conseqüentemente, a aquisição de conhecimento por parte do leitor.

A leitura pode ocorrer “por meio de um ou mais sentidos: visão, audição ou tato” (B.4). Almeida Júnior (2007) concorda com essa afirmação quando destaca que a leitura pode se utilizar de qualquer tipo de documento e a informação também pode ser veiculada uma única vez, como é o caso do teatro, de uma apresentação musical, um recital, uma leitura dramática, um sarau, etc. Dessa forma, além da apropriação da informação e geração do conhecimento, a leitura, que pode ser feita de várias formas, também proporciona entretenimento.

“Leitura é interpretar textos; pode ser para entretenimento, estudo ou informação” (B.1). A leitura realmente envolve interpretação e atribuição de sentido, não necessariamente ao texto, mas à informação, independente da forma como esta última se apresenta. Caldin (2003) destaca que a leitura tem uma dimensão social, pois permite diferentes interpretações, encaminha a reflexões e pode enriquecer um debate. A autora considera que a diversidade de interpretação por si só já é uma forma de democracia, na medida que permite que o texto literário, por exemplo, seja o lugar da discordância de múltiplas vozes e leituras. A mesma informação pode ser interpretada de forma diferente por uma pessoa e outra. Isso ocorre porque cada

leitor tem uma história de vida, uma trajetória de vivências e lembranças, o que torna uma roda de leitura, por exemplo, ainda mais interessante. Para Almeida Júnior (2007, p. 35), “a leitura é realizada a partir do acervo de conhecimentos de cada pessoa. Cada leitura, dessa forma, é individual, diferente de outra leitura, pois não pode prescindir dos referenciais de quem a realiza.”

“*[A leitura] É silenciar os pensamentos e mergulhar no imaginário desconhecido*” (B.2). Nesse caso, o respondente dá ênfase à concentração e momento íntimo que a leitura pode proporcionar. Almeida Júnior (2007) reflete que a leitura nos leva a uma viagem pelo imaginário, permite caminhar pelos espaços do sonho, possibilita a vivência momentânea dos desejos, das vontades e dos anseios reprimidos ou impossíveis de serem concretamente realizados. Em uma de suas obras, Petit (2013, p. 49) aponta que “a leitura de obras literárias, nos introduzem também em um tempo próprio, distante da agitação cotidiana, em que a fantasia tem livre curso e permite imaginar outras possibilidades”. E conclui que “sem sonho, sem fantasia, não há pensamento nem criatividade.” Nesse sentido, outro respondente acredita que leitura “*é viajar e conhecer outros mundos; é aprender novas informações; é transformar nossa realidade*” (B.6). Apesar de curta, essa resposta é bastante significativa, pois contempla a imaginação, que pode-se atribuir à leitura literária; o conhecimento, adquirido por meio da apropriação de “novas informações”; e a transformação, que pode ocorrer na medida em que o leitor faz uso do conhecimento adquirido com a leitura e modifica a sua realidade à partir da sua atuação sobre ela. Para Silva, Bernardino e Nogueira (2012, p. 23), “a leitura deve ser um instrumento de transformação para o homem, pois ele, a partir da prática da leitura, passa a ter liberdade e autonomia, podendo ser capaz de construir sua própria realidade social.” Essa transformação acontece quando o indivíduo se torna capaz de compreender a realidade da sociedade em que vive, de fazer uso do seu próprio entendimento e tomar decisões com base nas suas reflexões.

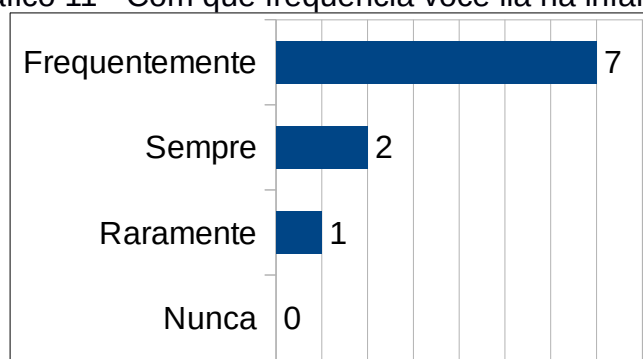
Para além dessas concepções, outro bibliotecário afirma que “*leitura é vida, conhecimento e liberdade*” (B.8). Ao relacionar a leitura à palavra liberdade, pode-se imaginar a leitura como uma prática libertadora. Foi neste sentido que Paulo Freire atuou em diversos países, entre eles, São Tomé e Príncipe. No ano 1975, após a independência, mais de 60% da população desse país era analfabeta. Em parceria com o governo local, Freire coordenou um trabalho de alfabetização de adultos e, em pouco tempo, reduziu esse número para aproximadamente 30%. Com um

programa de educação popular, a alfabetização tinha como princípio uma educação libertadora, na qual os habitantes não apenas aprendiam a ler e a escrever, mas a pensar por conta própria e a fazer parte da reconstrução do país, com participação crítica e democrática. “Quanto mais conscientemente faça a sua História, tanto mais o povo perceberá, com lucidez, as dificuldades que tem a enfrentar, no domínio econômico, social e cultural, no processo permanente da sua libertação” (FREIRE, 2003, p. 41). Os materiais utilizados na alfabetização de Paulo Freire estimulam a leitura crítica e a participação política diante do processo de reconstrução do país, com uma educação pautada na libertação.

Em suma, para os bibliotecários que participaram da pesquisa, a leitura tem uma relação muito estreita com a informação e o conhecimento. De maneira geral, entendem que a leitura não é apenas a decodificação de textos, mas a interpretação e atribuição de sentido. Compreendem que a leitura é mais que uma forma de entretenimento, mas uma possibilidade de transformação. Relacionam a leitura com liberdade e compreensão de mundo e reconhecem a sua importância para a formação pessoal, acadêmica e profissional. Almeida Júnior (2007, p. 33) nos lembra que “inúmeras são as definições e conceitos articulados e elaborados pelo homem para a leitura, quer pendendo para um caráter mais político, mais social, quer para um caráter mais instrumental ou mais técnico”. A pergunta *O que é leitura para você?* teve, justamente, a intenção de deixar os respondentes à vontade para dissertarem livremente sobre o tema, fundamental para compreender a visão dos bibliotecários em relação à leitura.

Com o intuito de entender melhor como se desenvolveu o hábito da leitura nos bibliotecários, pensou-se em levá-los de volta ao passado para recordar como era a leitura na infância. Neste sentido foi perguntado: **Com que frequência você lia na infância?**

Gráfico 11 - Com que frequência você lia na infância?



Fonte: dados da pesquisa (2020).

Ao observar o gráfico 11, percebe-se que, ao responder sobre a frequência de leitura na infância, 70% dos bibliotecários afirmaram que liam frequentemente; 20% afirmaram que liam sempre; e 10% lia raramente. Nenhum dos bibliotecários respondeu que nunca lia na infância.

Desenvolver o hábito da leitura na infância é um fator determinante para se formar um bom leitor. Um ambiente familiar que proporciona o contato com os livros desde cedo estimula curiosidade da criança.

Aproveitando esse momento de reflexões sobre o passado, com a finalidade de descobrir como os bibliotecários percebem os contributos da leitura para a sua formação, foi perguntado: **Você acredita que a leitura contribuiu para a sua formação? De que forma?**

Nessa questão, a leitura foi novamente associada ao conhecimento por alguns bibliotecários.

[...] Lendo estudei, aprendi, desenvolvi senso crítico (B.1).

Sim. Aperfeiçoamento, atualização e conhecimento (B.3).

Sim. A leitura possibilita adquirir novas habilidades, principalmente na fase de formação (do infantil ao nível superior). Quanto mais interesse e curiosidade tiver em relação ao assunto, mais instiga a ler e conhecer coisas novas. A leitura proporciona isso (B.4).

A leitura individualizada dos materiais e resumos permitiu conhecimentos em que não consegui captar oralmente dos professores devido aos ruídos e poluição sonora durante o ensino (B.10).

Em outras respostas, também foi possível identificar a importância que os bibliotecários atribuem à leitura para a percepção de mundo. Denota compreensão da leitura de mundo, defendida por Paulo Freire.

Sim, pois possibilitou a compreensão de textos e de mundo (B.1).

Sempre me senti estimulado com a leitura, através dela que tive acesso a quase tudo que conheço sobre a vida e o mundo (B.5).

Com certeza sim. A leitura dinamiza minhas percepções de mundo, tanto no aspecto profissional, quanto no pessoal (B.9).

Embora a leitura seja relacionada ao conhecimento, não se pode atribuir todo o conhecimento adquirido à leitura de textos ou leitura informativa. A leitura de mundo, associada à leitura da palavra escrita, é que vai permitir fazer uso do seu próprio entendimento e agir por conta própria.

Quando começamos a organizar os conhecimentos adquiridos, a partir das situações que a realidade impõe e da nossa atuação nela; quando começamos a estabelecer relações entre as experiências e a tentar resolver os problemas que se nos apresentam – aí estamos procedendo leituras, as quais nos habilitam basicamente a ler tudo e qualquer coisa (MARTINS, 2006, p. 17).

Dessa forma, na medida em que se incorpora experiências de leitura à sua realidade, pode-se compreender melhor o mundo, conviver com ele e transformá-lo. É nesta direção que Almeida Júnior (2007, p. 33) destaca que “ler é o processo que permite a relação entre nós e o mundo; a leitura nos proporciona o conhecimento; a realidade só se apresenta integralmente por meio da leitura [...]”.

Ainda nessa questão, um dos respondentes lembrou da necessidade de não promover leituras forçadas e ressaltou a importância da mediação da informação.

[...] Se a leitura for algo forçado, perde-se o interesse e a leitura se torna algo ruim, desagradável. Por isso é importante desde cedo a orientação do que você mais gosta, e indicar leituras a respeito desse assunto. É dessa maneira que a leitura contribui para a formação do indivíduo (B.4).

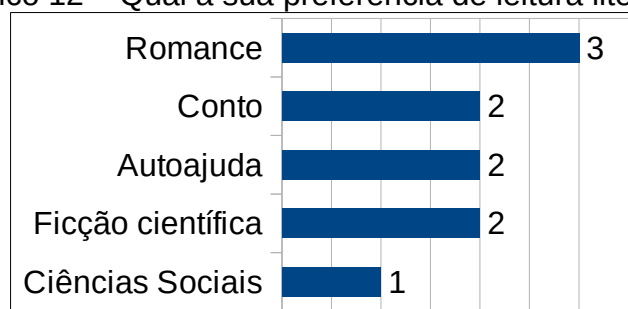
Apenas um respondente afirmou que a leitura não teve contribuição para a

sua formação. Porém, percebe-se na sua fala que se refere exclusivamente à formação acadêmica.

Com relação a formação acadêmica não teve contribuição, considerando que não frequentava muito bibliotecas, não tenho lembranças dos profissionais desse setor e por considerar que o ato de ler não era frequente na minha rotina (B.7).

Com o propósito de verificar os tipos de literatura preferidos pelos bibliotecários, foi indagado: **Qual a sua preferência de leitura literária?** O gráfico abaixo apresenta os resultados:

Gráfico 12 – Qual a sua preferência de leitura literária?



Fonte: dados da pesquisa (2020).

Como se pode ver no gráfico 12, em relação à leitura literária, 30% dos respondentes afirmaram que preferem a leitura de romance; 20% preferem a leitura de conto; 20% dos respondentes a leitura de autoajuda; 20% preferem a leitura de ficção científica; enquanto 10% dos respondentes afirmaram que têm preferência pela leitura de ciências sociais.

Silva (2009) destaca que utilizamos de duas perspectivas fundamentais para compreendermos a realidade: a perspectiva racional e a intuitiva.

Com referência à leitura, verifica-se que intuitiva é a linguagem da arte, e racional é a linguagem da ciência. Os textos informativos, científicos ou não, privilegiando a linguagem denotativa, apelam para o lado racional do leitor; os textos literários, privilegiando a linguagem conotativa, mobilizam o seu lado intuitivo (SILVA, 2009, p. 69).

De acordo com a autora, a perspectiva racional é muito estimulada na escola, quando se põe em prática o que propõe o currículo escolar, com o acúmulo de disciplinas e grande volume de informações. A leitura de textos literários, voltada

para o emocional e intuitivo, raramente é feita sem estar atrelada a um propósito instrucional e sem ser medida pelos mesmos padrões matemáticos de avaliação das disciplinas informativas. E conclui que a formação ideal do ser humano não é apenas o desenvolvimento de seu lado racional. “Razão e emoção são as nossas duas portas de acesso para o mundo. [...] Só se atinge um desenvolvimento integral se estimularmos as duas vias de que dispomos para interpretar a realidade” (SILVA, 2009, p. 69-70).

A leitura literária proporciona momentos de devaneio para o leitor. Ao realizar a leitura de um romance ou de um conto, o leitor pode adentrar em um mundo particular, diferente da sua realidade, e experimentar novas sensações. Silva (2009, p. 131) lembra que “sendo alguém diferente de si mesmo durante o tempo da leitura, ele [leitor] se torna capaz de abarcar melhor a pluralidade, a diversidade que preside as relações sociais.”

De acordo com Silva (2009, p. 131), a leitura literária estimula o leitor “a imaginar cenários e situações, a entrar na pele dos personagens e a sentir o que eles sentem, o leitor experimenta novos ângulos, novas perspectivas na sua forma de ver o mundo.”

Ao refletir sobre o texto literário, Silva (2009, p. 69) considera que “serve para despertar o imaginário, serve para alertar os sentidos, serve para tocar a emoção, serve para aguçar a perspicácia do leitor.”

Dessa forma, entende-se que a literatura não pode ficar de fora do processo de formação do indivíduo. A literatura estimula o leitor e o encaminha para o efetivo exercício da cidadania, de maneira livre e mais consciente.

Buscando compreender melhor a trajetória dos bibliotecários e a sua relação com a leitura durante a sua formação, outra questão importante foi colocada da seguinte forma: **Relate como foram as suas experiências em bibliotecas durante a sua vida, enquanto leitor (a).**

As experiências relatadas pelos bibliotecários envolvem três tipos de bibliotecas: biblioteca escolar, biblioteca pública e biblioteca universitária.

Segundo a IFLA (1999, p. 1) “a biblioteca escolar promove serviços de apoio à aprendizagem e livros aos membros da comunidade escolar, oferecendo-lhes a possibilidade de se tornarem pensadores críticos e efetivos usuários da informação, em todos os formatos e meios”. Essa é a missão da biblioteca escolar descrita no Manifesto da IFLA/UNESCO para biblioteca escolar. Durban Roca (2011) salienta

que as bibliotecas escolares têm a função de apoiar o desenvolvimento pessoal e social dos estudantes em aspectos intelectuais e emocionais, possibilitar a aprendizagem e o exercício da leitura com grande diversidade de recursos materiais.

Vejamos o que dizem os bibliotecários a respeito das suas experiências em bibliotecas escolares.

Quando penso em biblioteca na infância lembro de ficar em uma enquanto meu pai dava aulas, lembro que ficávamos meu irmão e eu e era divertido. Recordo, ainda, das atividades na biblioteca da escola em que fiz os ensinamentos fundamental e médio. A biblioteca para mim esteve presente como espaço de estudos. Não lembro de sentar na biblioteca para fazer leituras literárias; costumava fazer empréstimo dos livros e lê-los em casa (B.1).

[...] já as Bibliotecas das escolas que estudei, realizava empréstimos de livros de literatura (B.2).

Sempre foram experiências muito prazerosas, onde aprendi muito com os livros, e ficava encantado com as histórias descobertas. Frequentei muitas bibliotecas desde o ensino fundamental; a biblioteca era o lugar de preferência na escola (B.5).

Foram positivas; tanto em bibliotecas escolares (com professoras reabilitadas) tanto em bibliotecas públicas e universitárias. Adorava ir para a biblioteca (B.6).

Lembro de sempre visitar a biblioteca da escola que estudei do pré até a quarta série do ensino fundamental como atividade proposta em aula e também por iniciativa própria, e ambas para empréstimo de livros de literatura infantil, não recordo a figura do bibliotecário nessa fase [...] (B.7).

Do ensino fundamental ao médio, na maior parte estadual, não havia uma estrutura adequada (ambiente pouco atrativo e desconfortável para estudo e pesquisa) e com o profissional bibliotecário; a organização e os atendimentos (quando tinham uma estrutura mínima) eram realizadas por professores "reformados", geralmente com problemas de saúde ou relacionamento com os alunos [...] (B.9).

Ao observar os relatos acima, percebe-se que três respondentes indicaram a ausência do bibliotecário nas bibliotecas das escolas em que estudaram: "professoras reabilitadas" (B.6); "não recordo a figura do bibliotecário nessa fase"

(B.7); “professores reformados, geralmente com problemas de saúde ou relacionamento com os alunos” (B.9).

Infelizmente, essa é a realidade de muitas escolas do Brasil. Em escolas públicas, a situação é ainda pior, pois a maior parte dos estados e municípios não contempla o cargo de bibliotecário no quadro de servidores. São muitas as escolas que não possuem biblioteca e, muitas das que possuem, não têm bibliotecário atuando. Diante dessa realidade, a biblioteca da escola não consegue cumprir o seu papel no contexto escolar, gerando uma série de consequências negativas.

Em 2010, no governo de Luiz Inácio Lula da Silva, foi aprovada a Lei 12.244, que dispõe sobre a universalização das bibliotecas nas instituições de ensino do país. A referida lei prevê que no prazo de 10 anos toda instituição de ensino pública e privada tenha biblioteca respeitando a profissão do bibliotecário. No entanto, em pleno ano 2020 esse prazo se esgota sem muita perspectiva de um efetivo cumprimento da lei.

Em relação às bibliotecas públicas, a IFLA (1994, p. 1), por meio do Manifesto da IFLA/UNESCO sobre bibliotecas públicas, declara que “a biblioteca pública é o centro local de informação, tornando prontamente acessíveis aos seus utilizadores o conhecimento e a informação de todos os gêneros”. Por ter essa característica, a biblioteca pública é muito procurada por pessoas com as mais diversas necessidades, mas com um objetivo em comum, o acesso à informação.

Para Bernardino e Suaiden (2011), a partir do momento que assumimos que o papel social da biblioteca pública está no acesso e disponibilidade à informação, definimos claramente um objetivo crucial dessas instituições, e este objetivo poderá ser alcançado por meio de projetos culturais que visem à disseminação da leitura.

Abaixo, os relatos dos bibliotecários sobre o uso desse tipo de biblioteca.

[...] Lembro também de idas à Biblioteca Pública Barreiros Filho e na Biblioteca Pública do Estado para fazer pesquisas escolares (B.1).

Frequentei muito a Biblioteca Pública de SC para a realização de trabalhos escolares [...] (B.2).

[...] Já na fase da quinta a oitava série era comum reunir com colegas na biblioteca pública do Estado, lembro de não ter acesso às estantes (circulação fechada). No ensino médio frequentei pouco a biblioteca da escola, ficava num espaço

isolado e sem horário regular de atendimento. Quando precisava realizar uma pesquisa buscava a biblioteca pública (B.7).

Como se pode ver nos relatos dos respondentes, as bibliotecas públicas são muito procuradas para a realização de trabalhos escolares. É um comportamento não muito diferente do perfil do usuário de bibliotecas públicas no Brasil.

Almeida Júnior (2013) relata que aproximadamente 90% do público que frequenta as bibliotecas públicas brasileiras são estudantes de ensinos fundamental e médio que procuram a biblioteca pública para realizar pesquisas solicitadas pelos professores. Segundo o autor, os outros 10% se constitui de pessoas de todos os segmentos, sendo que uma pequena parcela destes procuram a biblioteca para a retirada de livros de ficção. São os poucos que desenvolveram o gosto pela leitura.

A observação feita por B.7 sobre a biblioteca da escola “*sem horário regular de atendimento*” denuncia um dos problemas recorrentes das bibliotecas escolares e mostra um dos motivos desses estudantes procurarem a biblioteca pública. Muitas bibliotecas escolares, além de não terem o profissional bibliotecário, também não funcionam em horário regular, o que acaba afastando ainda mais o público. A biblioteca é um serviço essencial e, como um supermercado ou uma farmácia, precisa ter horário para abrir e fechar. Se precisar comprar um remédio e tiver que escolher entre uma farmácia que funciona em horário regular e uma que não funciona, certamente o cliente irá na que tem horários definidos, pois não vai querer se deparar com as portas fechadas.

Ao analisar os relatos dos respondentes e pesquisas sobre bibliotecas públicas, dois fatores ficam evidentes: o interagente dessas bibliotecas não tem o perfil de leitor e essas bibliotecas não estão preparadas para cumprir uma de suas principais funções sociais, que é promover a cultura por meio disseminação da leitura. Bernardido e Suaiden (2011, p. 30) alertam que “pensar a leitura como uma ação efetiva da biblioteca é necessário. Pensar como uma ação específica da biblioteca pública é uma ordem.”

Dois respondentes mencionaram experiências em bibliotecas universitárias:

[...] A fase em que procurei mais a biblioteca foi na graduação, nessa época usava a biblioteca setorial (CED) e a biblioteca central da UFSC. Desde a quinta série até a graduação buscava a biblioteca para realização de trabalhos, dificilmente

realizava empréstimo de livros de literatura ou qualquer outra leitura que não acadêmica (B.7).

[...] No ensino superior, a estrutura era adequada, com acervo bem estruturado e diversificado. Com estrutura física e equipe mínima de biblioteca adequada (bibliotecário, bolsistas, servidores administrativos) para atendimento e orientação ao usuário (B.9).

Ao analisar os relatos sobre o uso da biblioteca universitária, destaca-se o seguinte trecho: “[...] *dificilmente realizava empréstimo de livros de literatura ou qualquer outra leitura que não acadêmica*” (B.7).

No ensino superior, essa constatação realmente é frequente. Os estudantes relatam que dedicam grande parte do seu tempo para leitura das bibliografias das disciplinas do curso e acabam deixando de lado a leitura de literatura.

Freire (2003) assume que, muitas vezes, os próprios professores têm uma compreensão errônea do ato de ler ao insistirem que os estudantes leiam num semestre um determinado número de capítulos de livros. “Em minha andarilhagem pelo mundo, não foram poucas as vezes em que jovens estudantes me falaram de sua luta às voltas com extensas bibliografias a serem muito mais “devoradas” do que realmente lidas ou estudadas” (FREIRE, 2003, p. 17). E complementa, “a insistência na quantidade de leituras sem o devido adentramento nos textos a serem compreendidos, e não mecanicamente memorizados, revela uma visão mágica da palavra escrita. Visão que urge ser superada” (FREIRE, 2003, p. 17).

Já a fala de B.9 retrata pontos positivos sobre o uso da biblioteca universitária, com destaque para a estrutura adequada, acervo diversificado e equipe qualificada.

Como se pode ver, ao indagar os bibliotecários acerca das suas experiências em bibliotecas ao longo da vida, os relatos não foram muito otimistas em relação à leitura. Ainda assim, as revelações mais positivas foram sobre o uso das bibliotecas escolares.

Como aspectos negativos, em relação às bibliotecas escolares foram observados: localização e estrutura inadequada; falta de horário regular de atendimento; ausência de profissional bibliotecário. Como aspectos positivos: a maioria dos respondentes revelou ter boas lembranças da biblioteca da escola; gostava de frequentar a biblioteca, achava um local divertido e realizava

empréstimos de livros de literatura.

Sobre as bibliotecas públicas, como pontos negativos foram observados: a sua quase que exclusiva utilização para atividades escolares, servindo basicamente como suporte para pesquisas solicitadas pelos professores; e o desinteresse do usuário em procurar esse tipo de biblioteca para a leitura literária, o que nos leva a crer que são realizados poucos projetos culturais voltados para o incentivo à leitura, ou que pelo menos não há a devida divulgação dos mesmos. Como ponto positivo, o fato de suprir as necessidades para a realização das atividades escolares. Não houve menção à atividade relacionada à leitura literária neste tipo de biblioteca.

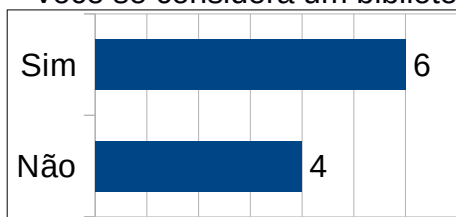
Na fase adulta, enquanto estudantes universitários, alguns pontos negativos foram revelados sobre o uso das bibliotecas: exigência de muitas leituras técnicas sem o tempo necessário para o devido aprofundamento e, conseqüentemente, pouca disponibilidade de tempo para a leitura literária ou para aquela leitura não obrigatória realizada pelo simples prazer de ler. Como aspecto positivo: estrutura adequada; acervo diversificado; e pessoal qualificado e preparado para atender as necessidades informacionais de seus usuários.

Como se pode ver, o uso da biblioteca para a leitura de forma direta não está muito presente nos relatos dos respondentes. A leitura aparece de forma indireta, considerando o uso da biblioteca para trabalhos escolares ou, em alguns casos, a realização de empréstimos de livros. Não houve menção à participação em atividades como hora do conto ou contação de histórias nas bibliotecas escolares, por exemplo. Nem à participação em atividades culturais nas bibliotecas públicas. E a referência feita às bibliotecas universitárias é apenas no sentido de utilização para fins acadêmicos.

Essas experiências em bibliotecas durante a vida podem ter influência na formação desses bibliotecários como leitores.

Buscando descobrir como os bibliotecários se veem como leitor, foi perguntado: **Você se considera um bibliotecário leitor?**

Gráfico 13 – Você se considera um bibliotecário leitor?



Fonte: dados da pesquisa (2020).

De acordo com o gráfico 13, percebe-se que 60% dos bibliotecários declaram-se bibliotecários leitores, enquanto 40% dos bibliotecários afirmam não se considerarem como tal. Primeiramente, torna-se importante destacar que a importância da leitura não se mede apenas pelo número de obras lidas ou emprestadas. Para Petit (2009, p. 77),

é possível ser um leitor pouco ativo em termos estatísticos, e ter conhecido a experiência da leitura em toda a sua extensão – quero dizer, ter tido acesso a diferentes registros, e ter encontrado, particularmente, em um texto escrito, palavras que o transformaram, algumas vezes muito tempo depois de tê-las lido.

Pode-se dizer que um bom leitor tem o hábito da leitura e a faz regularmente. No entanto, não é somente a quantidade de livros lidos que vai determinar a qualidade e o aproveitamento dessas leituras.

Entretanto, Caldin (2005) lembra que em um país que pouco investe em educação, as pessoas têm poucas chances de desenvolver um senso crítico mais apurado. Nesse contexto, o bibliotecário tem a responsabilidade ainda maior em fazer da biblioteca da escola um centro de promoção da leitura. Mas, pontua que, para isso, o bibliotecário precisa gostar de ler.

Para Barros (1986, p. 34 apud FERREIRA; BONOTTO; VAN DER LAAN, 2007, p. 91-92), “o bibliotecário que não lê se castra consciente ou inconscientemente. Não avança e não promove conhecimento. Não se arma para os imprevistos do dia a dia”. É possível, sim, que o bibliotecário não tenha esse hábito, esse gosto pela leitura. Ou que tenha o hábito da leitura, mas não goste de trabalhar com ela. Como já foi mostrado nesta pesquisa, há bibliotecário que prefira trabalhar com processamento técnico em vez de trabalhar com ações culturais, por exemplo.

Mas, vale lembrar que, muitas vezes, esse afastamento da leitura não se dá simplesmente por questões de preferência. Pode ser que esse distanciamento seja

reflexo da sua formação, como mostra a questão anterior sobre a experiência em bibliotecas durante a vida, na qual foi revelado o pouco uso das bibliotecas para atividades de leitura. Mas isso pode ser revertido, se o bibliotecário assim o desejar.

Para que tal aconteça, precisa esquecer, nesses momentos, a leitura técnica realizada todos os dias para a catalogação, classificação, indexação. Deixar de lado a folha de rosto, a orelha do livro, o sumário, o índice. Precisa saber concentrar-se no texto. Passear pelas suas folhas, acompanhar as personagens em suas peripécias, os filósofos em seus argumentos, os cientistas em suas descobertas. E um novo mundo irá se descortinar: de poesia, lirismo, conhecimento, informação (CALDIN, 2005, p. 167).

Procedendo dessa forma, o bibliotecário poderá mudar gradualmente a sua rotina, inserir a leitura no seu dia a dia e desenvolver o hábito de ler.

Vale ressaltar que a preferência do bibliotecário em trabalhar com processamento técnico em vez de ações culturais não significa que a leitura tem menos importância para a profissão. Pelo contrário, estudos apontam que a leitura contempla um processo cognitivo no qual o leitor, com base em seu conhecimento de mundo, reflete, elabora hipóteses e atribui sentido ao que está lendo. Conforme Neves (2007, p. 5),

no que diz respeito ao profissional da informação, o momento da leitura torna-se único e dele depende a elaboração de um conceito que fará parte da representação de um documento no sistema de informação. Nesse momento, o mínimo desvio da atenção na leitura poderá ter como resultado a elaboração de um descritor equivocado, que poderá comprometer a recuperação da informação.

Durante o processamento técnico, ao realizar a indexação de um documento, o bibliotecário fará uso não apenas da técnica, mas do seu conhecimento acumulado. Para Fujita (2007, p 104), “a informação anterior do leitor armazenada na memória e o conhecimento de mundo e da vida são, para o indexador, fatores fundamentais para a compreensão de um texto”.

Dessa forma, a leitura torna-se essencial para qualquer bibliotecário. Além disso, ao se tornar um bibliotecário leitor, aumentam as possibilidades de promover a leitura e contribuir diretamente na formação de novos leitores.

5.3 PRÁTICAS DE INCENTIVO À LEITURA

O estudo revelou que 40% dos bibliotecários respondentes já participaram de cursos relacionados à leitura e formação de leitores, como mostra o quadro abaixo.

Quadro 9 – Você já participou de cursos relacionados à área de leitura e/ou formação de leitores? Quais?

SIM	<i>“Curso para Contador de Histórias pela biblioteca Pública de SC” (B.2).</i>
	<i>“Formação de leitores, incentivo a leitura, contação de história” (B.3).</i>
	<i>“Seminário Estadual Leitura levada a sério (2002); Encontro de professores e autores: contando histórias na escola (1999); Seminário Estadual de Literatura Infanto-juvenil (1999) todos eventos do Sesc de Ijuí/RS” (B.5).</i>
	<i>“Mediação da Leitura da Fundação Demócrito Rocha” (B.10).</i>
NÃO	<i>(B.1); (B.4); (B.7); (B.8); (B.9).</i>
NÃO LEMBRA	<i>(B.6).</i>

Fonte: dados da pesquisa (2020).

Nota-se o curso mais mencionado foi sobre contação de história, realizado por três respondentes; um bibliotecário mencionou ter participado de seminários de leitura e literatura, e encontro com autores; um respondente afirmou ter participado de curso que envolve a formação de leitores e incentivo à leitura; e um bibliotecário mencionou o curso de mediação da leitura. Ao informar as datas dos cursos realizados, o respondente B.5 deixa claro que realizou esses cursos antes do seu ingresso no IFSC. Quanto aos demais, pode-se inferir que a maior parte também realizou esses cursos antes de ingressar na instituição, pois, curso como contador de história, por exemplo, tem o perfil de bibliotecário escolar.

Diante dessa constatação, acredita-se que falta algum incentivo ou alguma motivação institucional para que os bibliotecários do IFSC realizem com mais frequência cursos relacionados à leitura e formação de leitores. No entanto, destaca-se que 70% dos bibliotecários já participaram de alguma prática de incentivo à leitura nas bibliotecas do IFSC. Esse é um dado interessante, pois, como visto anteriormente, apenas 40% já haviam participado de cursos na área de leitura e formação de leitores. Mesmo não tendo formação ou capacitação específica, alguns bibliotecários participaram, na prática, de ações relacionadas ao tema.

O quadro abaixo elenca as práticas mencionadas pelos bibliotecários.

Quadro 10 – Práticas de incentivo à leitura realizadas.

Práticas de incentivo à leitura
WC Leitura
Arte e Cultura na Biblioteca: Releitura de obras
Young Actvity
Livros, cinema, leitura e debates
Roda de leitura
Sarau Literário
Exposição de livros
Indicação de obras literárias
Troca-troca de livros
Varal literário
Estante expositiva
Estante permanente de destaque de obras literárias

Fonte: dados da pesquisa (2020).

Vale ressaltar que das 12 práticas mencionadas pelos bibliotecários, 50% delas foram realizadas em câmpus fora da região da Grande Florianópolis. Isso aconteceu porque alguns bibliotecários participantes da pesquisa já foram lotados em outros câmpus e foram removidos. Dito de outro modo, uma vez que o bibliotecário realize uma formação continuada para desenvolver práticas de leitura, essa sua experiência pode contribuir com novas práticas de incentivo à leitura nas bibliotecas dos câmpus em que estão lotados atualmente.

Nem todas as práticas foram descritas pelos respondentes, e algumas foram narradas de forma bem sucinta. Porém, algumas merecem destaque, como o **Sarau Literário**.

Organizamos o Sarau Literário com os alunos da turma da professora de português do câmpus para a declamação de poesia ou algum texto literário para apresentar. Fizemos um varal literário com diversos contos e poesias para quem quisesse escolher na hora um e declamar. As servidoras da Biblioteca, faziam a seleção e impressão dos textos escolhidos. Posteriormente mudamos para Sarau Cultural, pois além de declamação de poemas e leituras, incluímos música, dança, teatro (B.2).

Ao examinar materiais sobre experiências de mediadores em contextos de crise, Petit (2010, p. 204) ficou impressionada com o fato de que pessoas de diversas formações, como antropólogos, psiquiatras, bibliotecários entre outros,

“redescobriam, em diferentes pontos do mundo, que a leitura de um conto, de uma lenda, de um poema, de um livro ilustrado podia permitir falar as coisas de outra maneira, a uma certa distância.” É o que a autora chama de força da metáfora. Quando se utiliza livros com a intenção de que o leitor chegue a conclusões predeterminadas pelo autor ou pelo mediador, impede-se que o leitor se refugie em outros mundos, que viaje pelos pensamentos. A metáfora muitas vezes contida nos contos e nas poesias permite a superação de um trauma e possibilita a reconstrução de sentido por parte do leitor, justamente por não tocar diretamente na “ferida”. Petit (2010, p. 206) destaca que “uma metáfora permite dar sentido a uma tragédia e evita, ao mesmo tempo, que ela seja evocada diretamente; permite também transformar experiências dolorosas, elaborar a perda, assim como restabelecer vínculos sociais.” Ao incluir a música, a dança e o teatro, o Sarau Literário proporciona um momento de entretenimento no qual os participantes terão a oportunidade de produzir cultura e não apenas consumi-la.

Outra prática mencionada que envolve literatura é a **Arte e Cultura na Biblioteca: Releitura de obras**.

Foram realizadas releituras dos livros “A Revolução dos Bichos” de George Orwell e a leitura em cena de “Othelito” com intuito de que os estudantes percebessem a importância da literatura como ferramenta para solução de problemas cotidianos (B.1).

A leitura de obras com teor conotativo mobiliza o leitor e o encaminha a uma atividade de reflexão. Esse tipo de linguagem literária, como a citada *A revolução dos bichos*, de George Orwell, permite que o leitor faça uma análise crítica da realidade ao associar a ficção à vida real. Muitas vezes acontece a identificação por parte do leitor com algum personagem e, de acordo com Silva (2009, p. 72), “o exercício que o leitor é levado constantemente a fazer de vivenciar emoções alheias, de compartilhar angústias e dilemas com os personagens das narrativas é um exercício de cidadania.” Para a autora, na medida que o leitor consegue sair do seu círculo pessoal e pensar além da sua realidade torna-se mais apto a criticar, a julgar, a exigir, a definir-se como verdadeiro cidadão. Para Petit (2010), a literatura, a cultura e à arte não são uma futilidade, mas algo de que nos apropriamos e que deveria estar à disposição de todos, desde a mais jovem idade. Levando-se em conta a diversidade de público atendido pelas bibliotecas do IFSC, acredita-se que

os resultados de ações como essas podem ser muito positivas, pois contribuem com a democratização da cultura.

A pesquisa revelou que nas bibliotecas do IFSC há diversos fatores motivacionais que podem influenciar a realização dessas práticas pelos bibliotecários, e, em qualquer organização, seja ela pública ou privada, a identificação das motivações dos seus colaboradores é muito importante, pois, por meio desse indicativo, os gestores podem obter subsídios para a tomada de decisões. Jones e George (2012, p. 275) definem motivação como “o conjunto das forças psicológicas que determinam a direção do comportamento de uma pessoa em uma organização e seus níveis de esforço e de persistência diante dos obstáculos.” Ao identificar os fatores motivacionais para a realização de práticas de incentivo à leitura, os próprios bibliotecários poderão refletir e pensar em novas formas de abordar os leitores em suas bibliotecas. Neste sentido, vários aspectos foram mencionados pelos bibliotecários, tanto positivos quanto negativos.

A composição do acervo foi lembrada como um fator crucial para o desenvolvimento de práticas de incentivo à leitura nas bibliotecas. De acordo com os bibliotecários, um acervo limitado prejudica diretamente a realização dessas atividades, pois, segundo eles, os estudantes geralmente estão em busca de novidades em termos de literatura. *“O que sempre motiva a leitura são as ofertas de novas obras literárias na biblioteca. O usuário sempre procura por novas histórias, novas emoções. O que desmotiva é certamente um acervo limitado” (B.5).* Manter um acervo atualizado e bem equipado com livros de literatura é essencial para qualquer biblioteca. Das práticas de incentivo à leitura mencionadas pelos bibliotecários, algumas foram realizadas neste sentido, como a **Exposição de Livros**, relatada abaixo.

Compra de livros de literatura e divulgação destas obras por meio de exposições e fanpage. Consistia em utilizar o dinheiro recebido de multas para adquirir obras atuais e proporcionar o acesso a essas obras (B.3).

Na maioria das vezes, os acervos das bibliotecas do IFSC são compostos prioritariamente por livros relacionados nas bibliografias dos cursos, sendo a maior parte dos recursos destinado à aquisição desses livros. Essa iniciativa de destinar os recursos arrecadados com as multas para a aquisição de livros de literatura é

bastante louvável, pois ajuda as bibliotecas a suprirem essa necessidade do acervo.

O SiBI/IFSC dispõe de um documento desenvolvido para contribuir com as tomadas de decisões pertinentes à formação e ao desenvolvimento de coleções de suas bibliotecas. Trata-se da Política de Desenvolvimento de Coleções do SiBI/IFSC, aprovada pela Resolução CEPE/IFSC nº 57 de 10 de outubro de 2016.

No que tange ao desenvolvimento do acervo, a Política de Desenvolvimento de Coleções do IFSC destaca que “para a formação do acervo a biblioteca deverá contemplar os recursos informacionais, independente do suporte físico, servindo de apoio às atividades de ensino, pesquisa, extensão e atividades administrativas do IFSC” (IFSC, 2016, p. 10). No entanto, o documento não faz menção à livros de literatura de forma direta. Ou seja, na Política de Desenvolvimento de Coleções do SiBI/IFSC não constam os termos “literatura” ou “obra literária”, por exemplo. Por outro lado, o Plano de Desenvolvimento Institucional do IFSC (2020-2024), aprovado pela Resolução CONSUP/IFSC nº 7 de 04 de março de 2020, enfatiza:

As bibliotecas do SiBI/IFSC são espaços interativos, de apoio às atividades letivas, de formação cultural e humanística. Nesse sentido, além de acervo técnico relacionado às bibliografias arroladas no projeto pedagógico dos cursos ofertados nos câmpus, é imprescindível que as bibliotecas disponibilizem, em seu acervo, obras literárias e de formação geral (IFSC, 2020, p. 233).

O Plano de Desenvolvimento Institucional (PDI) é o principal instrumento de planejamento da instituição em que se definem a missão e as estratégias para atingir suas metas e objetivos. Como visto, o PDI do IFSC (2020-2024) menciona de forma mais clara e direta a necessidade da incorporação de obras literárias em seu acervo, diferentemente da Política de Desenvolvimento de Coleções do SiBI/IFSC.

Outros bibliotecários também mencionam o acervo e acrescentam o público como um fator motivacional a ser considerado. *“São dois os fatores de motivação, o público e o acervo. O público em sua maioria é formado por adolescentes e o acervo tem um considerável número de títulos de literatura, porém a maior parte ainda são livros técnicos”* (B.7). A diversidade de público atendido nas bibliotecas do IFSC se confirma por meio dos relatos dos bibliotecários, como um aspecto relevante a ser considerado na realização de práticas de incentivo à leitura. *“Público muito variado, pessoas jovens que se preocupam com tudo, menos a leitura. Outra parte que estuda mas é comprometida com o trabalho e família”* (B.3). Essa relação entre

estudo, trabalho e família, realmente é um fato a ser considerado, visto que o Brasil tem uma história marcada por uma dualidade social, típica do sistema de produção capitalista, que reflete na educação. O acesso ao conhecimento sempre foi reservado para as elites, enquanto os filhos dos trabalhadores da classe operária precisavam aprender o trabalho árduo para ajudar no sustento da família. Ao dedicar grande parte do seu tempo para o trabalho, pouco tempo sobra para se dedicar a escola. Essa realidade ainda é muito visível em instituições como o IFSC, e provavelmente o bibliotecário deve ter sentido isso na prática.

Outro fator motivacional revelado pelos bibliotecários foi a falta de tempo dos bibliotecários para a realização de atividades culturais como as práticas de incentivo à leitura. Segundo os bibliotecários, a leitura não é uma atividade tratada como prioridade nas bibliotecas do IFSC, *“o fato de ter que desenvolver muitos “papeis” dentro da biblioteca, não conseguindo com isso uma dedicação adequada para projetos estruturados” (B.9)*. Ao analisar o relato acima e confrontá-lo com as respostas dos bibliotecários em questões anteriores, infere-se que o processo técnico toma a maior parte do tempo dos bibliotecários. Eles próprios reconhecem que a leitura é um tema pouco trabalhado nas bibliotecas e muitas são as justificativas. *“Gostaria muito de realizar um projeto ou ação de leitura na nossa biblioteca. Talvez seja a hora de colocar como atividade principal e não pensar em realizar quando “sobrar” um tempo” (B.2)*. Essa é outra confirmação de que a leitura não é prioridade nas bibliotecas. E essa prática de trabalhar com a leitura quando sobra tempo parece muito comum, não somente nas bibliotecas do IFSC. No entanto, Almeida Júnior (2007) considera que, apesar de ser considerada secundária por muitos profissionais da área, a leitura deve ser um dos principais objetivos da biblioteca, qualquer que seja o tipo desta última. Além da falta de tempo e do excesso de outras atividades, outro bibliotecário afirma que *“não é a questão de motivação, e sim a falta de habilidade e/ou desinteresse na realização dessa atividade (B.4)*. Essa justificativa pode ser confirmada se compararmos com a outra questão que abordou a realização de cursos voltados para o incentivo à leitura, a qual revelou que apenas 40% dos bibliotecários haviam participado. A falta de conhecimento aliada à falta de capacitação na temática pode ser, de fato, um fator comprometedor na realização desse tipo de atividade.

Quando se fala nas bibliotecas do IFSC como espaços para formação de leitores, novamente é possível identificar a preocupação dos bibliotecários com

aspectos relacionados ao acervo como, por exemplo, a sua atualização, diversificação e divulgação. Outro ponto levantado foi a necessidade da interação entre bibliotecários e professores. O perfil dos bibliotecários e o quantitativo deste profissional nas bibliotecas também foram mencionados pelos respondentes como fatores importantes a serem considerados para a formação de leitores nas bibliotecas do IFSC.

Em um pequeno trecho de seu relato, um dos respondentes contempla os três aspectos relacionados ao acervo: *“divulgação e conter obras atuais e diversificadas para atrair o público”* (B.3). Nesta direção, outro respondente complementa, *“[...] oferecer um acervo diversificado e com muitas novidades em termos de leitura. O leitor quer conhecer novas histórias, ter acesso a maior diversidade de gêneros literários, livros novos e formatos diferentes”* (B.5). É importante que o bibliotecário tenha essa percepção, esse entendimento, pois dele depende a formação de um acervo rico e amplo, de modo que atenda às necessidades informacionais de seus interagentes. Para Caldin (2005, p. 165), *“o bibliotecário é o profissional que tem contato com os leitores, conhece seus gostos, interesses e necessidades. Está perfeitamente gabaritado para atuar como crítico na seleção do acervo”*. Um dos bibliotecários acredita que se o estudante jovem ou adulto teve uma formação com pouco ou nenhum contato com as bibliotecas e os livros, a sua formação em um leitor se torna mais difícil. Acrescenta, ainda, *“os cursos ofertados no IFSC em sua maioria são técnicos, assim é inevitável a busca maior por livros técnicos e ainda limitados aos indicados pelos professores”* (B.7). Sobre isso, Caldin (2005, p. 165) alerta, *“trabalhar em parceria com os professores – sim, delegar a tarefa de selecionar as obras exclusivamente aos professores – jamais”*. Para as bibliotecas do IFSC esse é mais um desafio. Manter um acervo minimamente adequado para atender às expectativas do leitor e permitir o acesso a obras que não sejam apenas (ou a maioria) livros técnicos. A literatura precisa estar presente nessas bibliotecas.

Demonstrando preocupação com a divulgação do acervo, um bibliotecário afirma ser importante investir na aproximação dos leitores com a biblioteca e os livros, de modo que os leitores se sintam atraídos. *“Muitas vezes os livros são adquiridos mas não são divulgados e acabam esquecidos nas estantes. É preciso que o bibliotecário conheça seu acervo e faça sua divulgação constante, não apenas quando são novos”* (B.1). E neste sentido as ações de incentivo à leitura têm grande

contribuição, pois são nesses momentos que os livros saem das estantes para se tornarem mais conhecidos e alcançarem as mãos dos leitores.

No intuito de atender a essa necessidade, foi realizada a **Estante Permanente de Destaque Dinâmico de Obras Literárias**, descrita abaixo:

Foi criada na Biblioteca uma estante permanente de destaque dinâmico de obras literárias. “A estante permanente com obras literárias fica em local estratégico na entrada da biblioteca e com duas poltronas diferenciadas. Não houve um projeto instituído de forma detalhada, assim oficialmente não há como mensurar resultados, mas desde que foi implementada, por observação, percebe-se a exploração dos usuários da biblioteca deste tipo de material (B.9).

Alguns bibliotecários entendem que, para propiciar a formação de leitores, é necessário que se tenha mais interação entre biblioteca e professores, como mostra o seguinte relato, “[...] a formação de leitores no contexto das bibliotecas do IFSC depende muito da parceria biblioteca e corpo docente” (B.7). Essa questão parece ser bem evidente para os bibliotecários, tanto que na presente pesquisa outros respondentes fazem relatos neste sentido, “acredito que deva começar em sala de aula e em parcerias com professores trazer os alunos para o contexto da biblioteca” (B.6). Outro respondente sugere que se verifique a possibilidade de “articulação dentro do campus (parcerias interdisciplinares), a fim do efetivo desenvolvimento de um projeto, com objetivos claros, temporalidade de execução e condução, responsáveis e avaliação do impacto” (B.9). A importância dessa interação entre biblioteca e professores já foi constatada na dissertação de mestrado de Moreno (2015). Na oportunidade, o autor fez um estudo sobre os serviços oferecidos pelas bibliotecas do IFSC com foco nas necessidades informacionais dos docentes do ensino superior. Um dos aspectos relevantes discutido na referida pesquisa foi a interação entre bibliotecários e docentes, posto que Moreno (2015) relata que boa parte dos bibliotecários nunca desenvolveu algum produto ou serviço para as bibliotecas em parceria com os docentes. A IFLA (2002, p. 2), por meio do Manifesto IFLA/UNESCO para biblioteca escolar, destaca a importância dessa interação,

Está comprovado que bibliotecários e professores, ao trabalharem em conjunto, influenciam o desempenho dos estudantes para o alcance de maior nível de literacia na leitura e escrita, aprendizagem,

resolução de problemas, uso da informação e das tecnologias de comunicação e informação.

As autoras Pereira e Campello (2017), ao falarem sobre o trabalho colaborativo entre bibliotecários e professores no meio escolar, apontam que a formação dos profissionais das áreas de educação e de biblioteconomia devem proporcionar mais experiências em colaboração. “É relevante ter como requisito o ensino de práticas educativas para o aluno de biblioteconomia, e conteúdos de biblioteconomia devem ser articulados nas disciplinas dos cursos de Pedagogia” (PEREIRA; CAMPELLO, 2017, p. 17).

Outro fator levantado pelos bibliotecários foi o perfil do profissional. Um dos respondentes acredita que *“o perfil dos bibliotecários do IFSC, bem como a diversidade de público atendida por nossas bibliotecas seja um fator limitante a realização de ações de fomento à leitura na instituição” (B.1)*. Tratando do perfil profissional, outro bibliotecário complementa que *“o bibliotecário precisa gostar, se interessar, ter a habilidade em cativar os usuários para a formação de leitores” (B.4)*. De acordo com este respondente, cada profissional possui habilidades que tem mais facilidade, *“se ele tiver o interesse e gostar da atividade de formação de leitores, isso se torna algo natural a ser feito” (B.4)*. Entretanto, reflete que na realidade das bibliotecas do IFSC, *“principalmente àquelas em que possui um ou dois bibliotecários por câmpus, possivelmente a formação de leitores será uma das últimas atividades na lista de prioridades que o bibliotecário tem de exercer no cotidiano” (B.4)*. Ou seja, na opinião deste respondente, o quantitativo de bibliotecários por câmpus afeta diretamente a realização de práticas de leitura e formação de leitores. Indo ao encontro deste pensamento, outro bibliotecário pontua, *“penso que para esta formação [de leitores], de repente, devesse fazer um mapeamento das condições reais das bibliotecas e sua equipe disponível” (B.9)*. Nesta afirmação, o respondente não deixa explícito, mas, quando fala em “equipe disponível”, deduz-se que esteja se referindo tanto ao quantitativo quanto ao perfil dos bibliotecários para exercer tal atividade.

Com a análise dos dados coletados dos dez bibliotecários foi possível traçar o perfil desses profissionais, entender o que pensam em relação à leitura e conhecer as práticas de incentivo à leitura que desenvolvem nas bibliotecas da instituição. Na próxima seção apresenta-se as considerações sobre este estudo.

6 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Essa investigação foi realizada com os bibliotecários que atuam no Instituto Federal de Santa Catarina (IFSC) nos câmpus da Grande Florianópolis e, como anunciado, o objeto de pesquisa foi leitura e as práticas de incentivo à leitura nessa instituição pública de ensino. Se esta instituição de ensino funciona com 23 bibliotecas em câmpus distribuídos por todas as regiões do estado, os resultados aqui apresentados não pretenderam sua generalização, mas antes mostrar a leitura na voz destes dez bibliotecários integrantes desse estudo.

Os resultados permitiram compreender a leitura no âmbito das bibliotecas do IFSC desses câmpus sob a ótica dos bibliotecários. O bibliotecário é o profissional responsável por gerenciar a biblioteca do câmpus e atua em conjunto com os demais técnicos administrativos em educação. Por essa razão, torna-se imprescindível que o bibliotecário tenha voz para dissertar sobre uma temática tão importante que é a leitura.

No que tange ao perfil dos bibliotecários, contactou-se que são, em sua maioria, mulheres com idade entre 31 e 50 anos. São bibliotecários jovens, porém experientes na profissão. São todos pós-graduados e formados em Biblioteconomia em universidades do sul do Brasil, a maioria nas universidades catarinenses UDESC e UFSC, respectivamente. A maior parte dos bibliotecários conhece bem a instituição, pois teve o seu ingresso no IFSC há pelo menos dez anos. O estudo mostrou que os bibliotecários têm o perfil tecnicista, não demonstram preferência por atividades culturais, estando a maioria atuando com mais frequência em atividades que não são de sua preferência.

A pesquisa revelou que, para os bibliotecários, a leitura está diretamente ligada à informação e ao conhecimento. Mostraram-se conscientes que o ato de ler não compreende apenas a decodificação de textos, mas a interpretação e atribuição de sentido à informação que pode estar registrada em diferentes suportes ou até mesmo não ser registrada, como no caso de apresentações de uma peça de teatro, na qual a informação é veiculada apenas uma vez. Compreendem que a leitura é mais que uma forma de entretenimento ou de se informar, mas uma possibilidade de transformação. Relacionam a leitura com liberdade e compreensão de mundo e reconhecem a sua importância para a formação pessoal, acadêmica e profissional.

A maioria dos bibliotecários traz da infância o gosto pela leitura, o que pode

ter contribuído em suas formações como leitores. Os bibliotecários mostraram ter diferentes gostos literários. Esse contato com a literatura, além de favorecer o desenvolvimento humano do indivíduo, permite que se tenha a mente mais aberta para desenvolver as atividades inerentes à profissão.

Enquanto leitores, os bibliotecários demonstraram que as suas experiências em bibliotecas durante a sua vida se deram praticamente em três tipos de bibliotecas: escolares, públicas e universitárias. No contexto da biblioteca escolar, muitos denunciaram a ausência do bibliotecário, a estrutura inadequada e a falta de horários regulares também foram mencionados, o que muitas vezes os levava a procurar as bibliotecas públicas para a realização de tarefas escolares. As bibliotecas públicas, como dito, foram utilizadas mais como suporte para pesquisa escolar, pouco recorriam a essas bibliotecas com a finalidade praticar a leitura literária ou participar de alguma ação cultural. Já adultos, no que tange ao uso das bibliotecas universitárias, destacam a boa estrutura, a diversidade do acervo e a presença de bibliotecário e equipes qualificadas. Por outro lado, relatam que exigência de muitas leituras técnicas decorrentes das bibliografias do curso superior resultava em pouca disponibilidade de tempo para a leituras não obrigatórias, como a leitura literária. Como revelaram os dados, os bibliotecários se consideram bibliotecários leitores e deste modo pode-se assumir que um bibliotecário leitor tem mais chance de promover a leitura e contribuir diretamente na formação de novos leitores.

O estudo apontou que os bibliotecários realizaram poucos cursos, isto é, 40% realizaram cursos voltados à leitura antes ou depois de ingressarem no IFSC. Ainda assim, mesmo não tendo participado de cursos relacionados à leitura e formação de leitores, 70% já desenvolveram alguma prática de incentivo à leitura na biblioteca. Atividades culturais como o sarau literário e a releitura de obras com o objetivo de promover o debate são algumas práticas que estimulam o uso da biblioteca como centro de promoção cultural. As demais práticas realizadas, como o troca-troca literário e a exposição de livros adquiridos com recursos arrecadados com pagamentos das multas das bibliotecas, são atividades que divulgam o acervo e estimulam o uso da biblioteca pela comunidade acadêmica. Pautados nestes dados, apresenta-se no APÊNDICE A – Curso de Capacitação em Mediação da Leitura destinado ao quadro de bibliotecários e técnicos das bibliotecas dos câmpus da Grande Florianópolis, como piloto, para que, após a implementação e avaliação do

curso, se possa oferecer capacitação continuada aos bibliotecários e *staff* das bibliotecas do IFSC.

Os bibliotecários revelaram diversos fatores motivacionais que, segundo eles, influenciam diretamente as práticas de incentivo à leitura promovidas pelas bibliotecas do IFSC: a escassez de tempo dos bibliotecários, comprometidos com outros serviços como o processamento técnico de livros; as limitações do acervo; a falta de capacitação para lidar com a temática; o perfil dos bibliotecários; a dificuldade em trabalhar a leitura com um público diversificado, visto que as bibliotecas do IFSC atendem a jovens e adultos em diferentes níveis de ensino. É um público que abrange tanto adolescentes recém formados no ensino fundamental – como no caso dos cursos técnicos integrados ao ensino médio, quanto adultos que muitas vezes estão há um bom tempo longe das salas de aula – como nos casos dos cursos de educação de jovens e adultos e cursos de qualificação. Todos esses fatores foram relacionados como influenciadores na realização de atividades culturais nas bibliotecas e no processo de formação de leitores nesse contexto.

Vale ressaltar que o processo de formação de leitores não envolve apenas a leitura na infância, mas em toda a vida. O incentivo à leitura precisa ser uma das ações de destaque nas bibliotecas, não uma atividade de segundo plano, realizada quando sobra tempo. E tanto o acervo da biblioteca quanto o bibliotecário são primordiais neste processo. Ainda que as bibliotecas do IFSC não sejam exclusivamente escolares, boa parte dos seus estudantes são adolescentes. É muito comum em nosso país que estudantes ingressem no ensino médio ou na universidade sem que tenham desenvolvido o hábito da leitura na infância. E as bibliotecas do IFSC não podem se omitir diante dessa situação. Independente da formação que o estudante teve durante o ensino fundamental, se agora ele está no IFSC, então a responsabilidade é do IFSC. Se o estudante ainda não desenvolveu o gosto pela leitura, deve ser estimulado a partir de agora. Essa é uma ótima oportunidade para gravar o nome do IFSC na memória desses estudantes para sempre, de modo que, no futuro, possam lembrar das bibliotecas e dos seus bibliotecários como os responsáveis por terem os tornado leitores.

Ao analisar o perfil dos respondentes, a percepção sobre leitura e as práticas de incentivo à leitura desenvolvidas pelos bibliotecários nas bibliotecas dos câmpus da Grande Florianópolis, foi possível identificar as motivações que levam ao pouco incentivo institucional para o desenvolvimento de ações culturais nas bibliotecas.

Baseado nesses subsídios, como produto final foi proposto um curso de capacitação em mediação da leitura para bibliotecários e demais servidores que atuam nas bibliotecas do IFSC. Essa capacitação sobre a temática visa estimular os bibliotecários a desenvolverem com mais frequência ações culturais que fomentem a leitura nas bibliotecas e formar efetivos mediadores da leitura, possibilitando a formação de novos leitores em todos os níveis de ensino da instituição.

Os resultados da pesquisa trouxeram informações relevantes sobre o tema leitura no contexto das bibliotecas do IFSC e seus bibliotecários, contribuindo assim com uma lacuna existente na literatura específica.

Como pesquisador em formação, esta pesquisa possibilitou preencher uma lacuna decorrente da minha inquietação em relação ao tema. Enquanto servidor do IFSC, me permite a progressão na carreira e me qualifica profissionalmente para desenvolver as minhas atividades com mais eficiência no meu ambiente de trabalho.

Como sugestão para novos estudos, pode-se explorar o tema leitura nas bibliotecas dos demais câmpus da instituição, obtendo, assim, novos olhares no universo de bibliotecários do Instituto Federal de Santa Catarina.

REFERÊNCIAS

ALMEIDA, Alcides Vieira de. **Da escola de aprendizes de artífices ao Instituto Federal de Santa Catarina**. Florianópolis: IFSC, 2010. 234 p.

ALMEIDA JÚNIOR, Osvaldo Francisco de. **Biblioteca pública: avaliação de serviços**. Londrina: Eduel, 2013.

_____. **Leitura, mediação e apropriação da informação**. In: SANTOS, Jussara Pereira dos (Org.). *A leitura como prática pedagógica na formação do profissional da informação*. Rio de Janeiro: Fundação Biblioteca Nacional, 2007.

ALMEIDA JÚNIOR, Osvaldo Francisco de; BORTOLIN, Sueli. **Mediação da informação e da leitura**, 2007. In: II Seminário em Ciência da Informação - UEL, Londrina, 2007. Disponível em: <http://eprints.rclis.org/13269/>. Acesso em: 01 out. 2020.

ANDRADE, Maria Margarida de. **Língua portuguesa**. Noções Básicas para Cursos Superiores. 4 ed., São Paulo: Atlas, 1994, parte II. p. 49 e 50.

ARAÚJO, Carlos Alberto Ávila. **Arquivologia, biblioteconomia, museologia e ciência da informação: o diálogo possível**. Brasília: Briquet de Lemos, 2014.

_____. Uma história intelectual da ciência da informação em três tempos. **RACIn**, João Pessoa, v. 5, n. 2, p. 10-29, jul./dez. 2017. Disponível em: http://racin.arquivologiauepb.com.br/edicoes/v5_n2/racin_v5_n2_artigo01.pdf. Acesso em 4 jun. 2018.

BAMBERGER, Richard. **Como incentivar o hábito de leitura**. 7 ed. São Paulo: Ática, 2000.

BARDIN, Laurence. **Análise de conteúdo**. 4. ed. rev. atual. Lisboa: Ed. 70, 2009. 223 p.

BARRETO, Aldo de Albuquerque. A informação no processo do conhecimento: o texto e o hipertexto. **DataGramZero**, v. 16, n. 3, 2015. Disponível em: <http://hdl.handle.net/20.500.11959/brapci/8178>. Acesso em: 28 ago. 2020.

BECKER, Caroline da Rosa Ferreira; FAQUETI, Marouva Fallgatter. **Panorama das bibliotecas da Rede Federal de Educação Profissional, Científica e Tecnológica: um olhar sobre a gestão**. Blumenau: IFC, 2015. 108 p. Disponível em: <https://editora.ifc.edu.br/wp-content/uploads/sites/33/2017/06/Panorama-das-bibliotecas-da-Rede-Federal-de-Educa%C3%A7%C3%A3o-Profissional-Cient%C3%ADfica-e-Tecnol%C3%B3gica-um-olhar-sobre-a-gest%C3%A3o..pdf>. Acesso em: 02 out. 2020.

BERNARDINO, Maria Cleide Rodrigues; SUAIDEN, Emir Jose. O papel social da biblioteca pública na interação entre informação e conhecimento no contexto da ciência da informação. **Perspectivas em Ciência da Informação**, v. 16, n. 4, p. 29-

41, 2011. Disponível em: <http://hdl.handle.net/20.500.11959/brapci/37457>. Acesso em: 27 out. 2020.

BRASIL. Decreto nº 7.566, de 23 de setembro de 1909. Cria nas capitais dos Estados da República Escolas de Aprendizes Artífices, para o ensino profissional primário e gratuito. Disponível em: <http://www2.camara.leg.br/legin/fed/decret/1900-1909/decreto-7566-23-setembro-1909-525411-publicacaooriginal-1-pe.html>. Acesso em: 19 jun. 2018.

BRASIL. Ministério da Educação. **Instituições da Rede Federal**. 2020. Disponível em: <http://portal.mec.gov.br/rede-federal-inicial/instituicoes>. Acesso em: 20 set. 2020.

CALDIN, Clarice Fortkamp. A função social da leitura da literatura infantil. **Encontros Bibli: Revista Eletrônica de Biblioteconomia e Ciência da Informação**, v. 8, n. 15, p. 47-58, 2003. Disponível em: <https://brapci.inf.br/index.php/res/download/52181>. Acesso em: 02 set. 2020.

_____. **Leitura e literatura Infanto-juvenil**. Florianópolis: CIN/CED/UFSC, 2010. 115 p.

_____. Reflexões acerca do papel do bibliotecário de biblioteca escolar. **Revista ACB: Biblioteconomia em Santa Catarina**, v. 10, n. 2, p. 163-168, 2005. Disponível em: <http://hdl.handle.net/20.500.11959/brapci/62313>. Acesso em: 15 set. 2020.

CAPURRO, Rafael. Cidadania na Era Digital. In: Adilson Cabral & Eula Cabral (eds.) **Comunicação, Cultura, Informação e Democracia: Tensões e Contradições**. Porto: media XXI, 2016. Disponível em: <http://www.capurro.de/cidadania.html>. Acesso em: 22 fev. 2018.

_____. Ética Intercultural de la Información. In: GOMES, H. F.; BOTENTTUIT, A. M.; OLIVEIRA, M. O. E. (Org.). **A ética na sociedade, na área da informação e da atuação profissional: um olhar da Filosofia, da Sociologia, da Ciência da Informação e da Formação e do Exercício Profissional do Bibliotecário no Brasil**. Brasília-DF: Conselho Federal de Biblioteconomia, 2009, p. 43-64.

CUNHA, Miriam Vieira da. O profissional da informação e o sistema das profissões: um olhar sobre competências. **Ponto de Acesso**, Salvador, v. 3, n. 2, p. 94 -108, ago. 2009. Disponível em: <https://portalseer.ufba.br/index.php/revistaici/article/view/3263/2612>. Acesso em: 19 ago 2020.

DURBAN ROCA, Glòria. **Biblioteca escolar hoje: recurso estratégico para a escola**. São Paulo: Penso, 2011. 112 p.

FEDERAÇÃO INTERNACIONAL DE ASSOCIAÇÕES E INSTITUIÇÕES BIBLIOTECÁRIAS (IFLA). **Diretrizes da IFLA/UNESCO para a biblioteca escolar**. São Paulo, 2005. Disponível em: http://www.ifla.org/files/assets/school-libraries-resource-centers/publications/school-library-guidelines/school-library-guidelines-pt_br.pdf. Acesso em: 24 mar. 2018.

FEDERAÇÃO INTERNACIONAL DE ASSOCIAÇÕES E INSTITUIÇÕES BIBLIOTECÁRIAS (IFLA). **Manifesto da IFLA/UNESCO para biblioteca escolar**. São Paulo, 1999. Disponível em: <https://www.ifla.org/files/assets/school-libraries-resource-centers/publications/school-library-manifesto-pt-brazil.pdf>. Acesso em: 28 out. 2020.

FEDERAÇÃO INTERNACIONAL DE ASSOCIAÇÕES E INSTITUIÇÕES BIBLIOTECÁRIAS (IFLA). **Manifesto da IFLA/UNESCO sobre bibliotecas públicas**, 1994. Disponível em: <https://www.ifla.org/files/assets/public-libraries/publications/PL-manifesto/pl-manifesto-pt.pdf>. Acesso em: 15 set. 2020.

FERREIRA, Glória Isabel Sattamini; BONOTTO, Martha E. K. Kling; VAN DER LAAN, Regina Helena. **A presença da leitura na área de organização e tratamento da informação**. In: SANTOS, Jussara Pereira dos (Org.). *A leitura como prática pedagógica na formação do profissional da informação*. Rio de Janeiro: Fundação Biblioteca Nacional, 2007.

FIGUEIREDO, Nice Menezes de. A modernidade das cinco leis de Ranganathan. **Ci. Inf.** Brasília, 21 (3), p. 186-191, set./dez. 1992. Disponível em: http://www.brapci.inf.br/_repositorio/2010/04/pdf_f4374b74ba_0009047.pdf. Acesso em: 5 maio. 2018.

FLECK, Felícia de Oliveira; PEREIRA, Magda Chagas. O bibliotecário escolar de Florianópolis e sua relação com a leitura. **Revista ACB: Biblioteconomia em Santa Catarina**, v. 12. n. 12, p. 286-302, 2007. Disponível em: <https://www.brapci.inf.br/index.php/article/download/11234>. Acesso em: 21 ago. 2018.

FREIRE, Paulo. **A importância do ato de ler**: em três artigos que se completam. 45. ed. São Paulo: Cortez, 2003. 87 p.

FUJITA, Mariângela Spotti Lopes. **A abordagem cognitiva da leitura como prática pedagógica no ensino da disciplina Leitura Documentária no curso de Biblioteconomia da UNESP/Marília**: uso do protocolo verbal para metacognição do indexador aprendiz. In: SANTOS, Jussara Pereira dos (Org.). *A leitura como prática pedagógica na formação do profissional da informação*. Rio de Janeiro: Fundação Biblioteca Nacional, 2007.

INSTITUTO FEDERAL DE EDUCAÇÃO, CIÊNCIA E TECNOLOGIA DE SANTA CATARINA. **Câmpus do IFSC**. 2018a. Disponível em: <http://www.ifsc.edu.br/campus>. Acesso em: 30 ago. 2018.

_____. **Cursos do Câmpus Palhoça Bilíngue**. 2018b. Disponível em: <http://www.palhoca.ifsc.edu.br/index.php/cursos>. Acesso em 02 set. 2018.

_____. **Linha do tempo do IFSC**. 2018c. Disponível em: <http://sites.florianopolis.ifsc.edu.br/mifsc/linha-do-tempo/>. Acesso em: 10 maio. 2018.

_____. **Manual de Redação**. Florianópolis: Publicações do IFSC, 2016. 55p.

_____. **Organograma da Pró-Reitoria de Ensino**. 2018d. Disponível em: <http://www.ifsc.edu.br/campus>. Acesso em: 30 ago. 2018.

_____. **Plano de Desenvolvimento Institucional (PDI) 2020-2024**. 2020. Disponível em: <https://drive.google.com/file/d/1XiW-lox93MuAimDCT2BcZTfrGfG0nC1T/view>. Acesso em 15 out. 2020.

_____. **Política de Desenvolvimento de Coleções do Sistema de Bibliotecas Integradas do IFSC (SiBI/IFSC)**. 2016. Disponível em: http://cs.ifsc.edu.br/portal/files/Minuta_PDC___2016_atualizada_marco_2017.pdf. Acesso em 28 nov. 2020.

_____. **Resolução nº 49/2018/CONSUP de 26 de Novembro de 2018**. Institui o Sistema de Bibliotecas Integradas do IFSC (SiBI/IFSC). 2018e. Disponível em: https://sig.ifsc.edu.br/sigrh/public/colegiados/filtro_busca.jsf. Acesso em: 28 nov. 2020.

JONES, Gareth R.; GEORGE, Jennifer M. **Fundamentos da administração contemporânea**. 4. ed. Porto Alegre: AMGH, 2012. 496 p.

LACERDA JUNIOR, José Calvalcante; GASPARETTO HIGUCHI, Maria Inês. Ler para ser: a leitura na perspectiva freiriana. **Reflexão e Ação**, Santa Cruz do Sul, v. 25, n. 2, p. 101-118, ago. 2017. Disponível em: <https://online.unisc.br/seer/index.php/reflex/article/view/8935>. Acesso em: 18 set. 2020.

LAKATOS, Eva Maria; MARCONI, Marina de Andrade. **Fundamentos de metodologia científica**. 7. ed. São Paulo: Atlas, 2010.

LARROSA, Jorge. Literatura, experiência e formação. In: COSTA, Marisa Vorraber (Org.) **Caminhos investigativos: novos olhares na pesquisa em educação**. Rio de Janeiro: DP&A, 2002.

LUCKESI, Cipriano et al. **Fazer universidade: uma proposta metodológica**. 6. ed. São Paulo: Cortez, 2001.

MARTINS, Maria Helena. **O que é leitura**. 19. ed. São Paulo: Brasiliense, 2006. 93 p.

MORENO, Edinei Antônio. **Propostas e adequações de serviços nas bibliotecas do Instituto Federal de Santa Catarina (IFSC): foco nos docentes do ensino superior**. 215 p. Dissertação (Mestrado) - Universidade do Estado de Santa Catarina, Centro de Ciências Humanas e da Educação, Mestrado Profissional em Gestão de Unidades de Informação, Florianópolis, 2015.

MORO, Eliane Lourdes da Silva; ESTABEL, Lizandra Brasil. **Mediadores de leitura na família, na escola, na biblioteca, na bibliodiversidade**. In: NEVES, Iara Conceição Bitencourt; MORO, Eliane Lourdes da Silva; ESTABEL, Lizandra Brasil (org.). **Mediadores de Leitura na Bibliodiversidade**. Porto Alegre: Evangraf; SEAD; UFRGS, 2012, p. 41-64. Disponível em:

http://www.ufrgs.br/sead/servicos-ead/publicacoes-1/pdf/MEDIADORES_Leitura_na_Bibliodiversidade.pdf. Acesso em: 4 set. 2018.

MOUTINHO, Sônia Oliveira Matos. **Práticas de leitura na cultura digital de alunos do ensino técnico integrado do IFPI**: Campus Teresina Sul. São Leopoldo: UNISINOS, 2014. 183 f. Dissertação (Mestrado) – Universidade do Vale do Rio dos Sinos, Programa de Pós-Graduação em Educação. Disponível em: <http://www.repositorio.jesuita.org.br/bitstream/handle/UNISINOS/3075/00000A51.pdf?sequence=1&isAllowed=y>. Acesso em: 30 set. 2020.

NEVES, Dulce Amélia de Brito. Leitura e metacognição: uma experiência em sala de aula. **Encontros Bibli** (UFSC), v. 23, p. 11- 18, 2007. Disponível em: <https://brapci.inf.br/index.php/res/download/48608>. Acesso em: 19 out. 2020.

ORTEGA Y GASSET, José. **Missão do bibliotecário**. Brasília, DF: Lemos Informação e Comunicação, 2006. 82 p.

PEREIRA, Gleice; CAMPELLO, Bernadete dos Santos. A colaboração no contexto da função educativa do bibliotecário. **Encontro Nacional de Pesquisa em Ciência da Informação**, n. XVIII ENANCIB, 2017. Disponível em: <http://hdl.handle.net/20.500.11959/brapci/104354>. Acesso em: 15 set. 2020.

PETIT, Michèle. **A arte de ler ou como resistir à adversidade**. São Paulo: Editora 34, 2010. 304 p.

_____. **Leituras**: do espaço íntimo ao espaço público. São Paulo: Editora 34, 2013. 168 p.

_____. Leitura em regiões de conflito. **Na Ponta do Lápis**, v. 7, n. 16, p. 2-4, 2011. Disponível em: <https://www.escrevendoofuturo.org.br/arquivos/4698/npl16.pdf>. Acesso em: 21 ago. 2018.

_____. **Os jovens e a leitura**: uma nova perspectiva. São Paulo: Editora 34, 2009. 192 p.

PITZ, Juliana; SOUZA, Vanessa Aline Schweitzer; BOSO, Augiza Karla. O papel do bibliotecário escolar na formação do leitor. **Revista ACB: biblioteconomia em Santa Catarina**, Florianópolis, v. 16, n. 2, p. 405-418, jul./dez., 2011. Disponível em: http://revista.acbsc.org.br/racb/article/view/736/pdf_59. Acesso em: 5 abr. 2018.

RASTELI, Alessandro. **Mediação da leitura em bibliotecas públicas**. Marília, 2013. 169 f. Dissertação (Mestrado) – Universidade Estadual Paulista, Faculdade de Filosofia e Ciências, Programa de Pós-Graduação em Ciência da Informação. Disponível em: https://www.marilia.unesp.br/Home/Pos-Graduacao/CienciadaInformacao/Dissertacoes/rasteli_a_me_mar.pdf. Acesso em: 16 set. 2020.

ROSA, Flávia Goullart Mota Garcia; ODDONE, Nanci. Políticas públicas para o livro, leitura e biblioteca: um breve panorama da leitura no Brasil, cenário contraditório e desigual. **Ci. Inf.**, Brasília, v. 35, n. 3, p. 183-193, set./dez. 2006. Disponível em:

<http://revista.ibict.br/ciinf/article/view/1124/1266>. Acesso em: 24 mar. 2018.

SANTOS, Caroline Cassiana Silva dos; SOUZA, Renata Junqueira de. **A leitura da literatura infantil na escola**. São Paulo: DCL, 2004.

SANTOS, Elisangela Marina dos; DUARTE, Elizabeth Andrade; PRATA, Nilson Vidal. Cidadania e trabalho na sociedade da informação: uma abordagem baseada na competência informacional. **Perspectivas em Ciência da Informação**. Belo Horizonte, v. 13, n. 3, p. 208-222, set./dez. 2008. Disponível em: <https://www.scielo.br/pdf/pci/v13n3/a14v13n3.pdf>. Acesso em: 02 ago. 2020.

SANTOS, Maria Aparecida Brito; GRACIOSO, Luciana de Souza; AMARAL, Roniberto Morato do. As Bibliotecas dos Institutos Federais de Educação, Ciência e Tecnologia: uma análise de literatura científica. **RBBB. Revista Brasileira de Biblioteconomia e Documentação**, São Paulo, v. 14, n. 2, p. 26-43, maio 2018. Disponível em: <https://rbbd.febab.org.br/rbbd/article/view/668>. Acesso em: 19 maio 2018.

SILVA, Ezequiel Theodoro da. **O jovem, a leitura e a cidadania: há pedras no meio desse caminho?** 2006. Disponível em: http://extranet.anj.org.br/palestras/.../ezequiel_theodoro_dasilva.ppt. Acesso em: 22 fev. 2018.

SILVA, Maria da Conceição. **A mediação da leitura: o caso do curso SESC Vem Ler**. Salvador, 2012. 147 f. Dissertação (Mestrado) – Universidade Federal da Bahia, Instituto de Ciência da Informação, Programa de Pós-Graduação em Ciência da Informação. Disponível em: <https://repositorio.ufba.br/ri/handle/ri/12098>. Acesso em: 05 set. 2018.

SILVA, Marta Benjamim da; BERNARDINO, Maria Cleide Rodrigues; NOGUEIRA, Carine Rodrigues. Políticas públicas para a leitura no Brasil: implicações sobre a leitura infantil. **Ponto de Acesso**, Salvador, v. 6, n. 3, p. 20-46, abr. 2012. Disponível em: <http://www.portalseer.ufba.br/index.php/revistaici/article/view/6437/4789>. Acesso em: 26 ago. 2020.

SILVA, Vera Maria Tietzmann. **Leitura literária & outras leituras: impasses e alternativas no trabalho do professor**. Belo Horizonte: RHJ, 2009. 216 p.

SOUZA, Leila. A importância da leitura para a formação de uma sociedade consciente. In: Encontro nacional de ensino e pesquisa da informação. Salvador, 2007. **Anais eletrônicos...** Salvador: UFBA, 2007. Disponível em: <http://www.cinform.ufba.br/7cinform/soac/papers/f42e0a81e967e9a4c538a2d0b653.pdf>. Acesso em: 10 mar. 2018.

UNIVERSIDADE DO ESTADO DE SANTA CATARINA. **Programa de Pós-Graduação em Gestão da Informação (PGInfo)**, Centro de Ciências Humanas e da Educação (FAED). Disponível em: <http://www.faed.udesc.br/?id=674>. Acesso em: 15 jun. 2018.

VALENTIM, Marta Lúcia Pomim. Análise de conteúdo. In: VALENTIM, Marta Lúcia

Pomim (Org.). **Métodos qualitativos de pesquisa em Ciência da Informação**. São Paulo: Polis, 2005.

YUNES, Eliana. **Tecendo um leitor**: uma rede de fios cruzados. Curitiba: Aymará, 2009.

ZILBERMAN, Regina. Para uma política de mediação em leitura. **Rev. do Centro de Pesquisa e Formação**. Maio 2016, p. 126-141. Disponível em: <https://www.sescsp.org.br/files/artigo/bd884cbc-3e67-4e60-9ffb-e7743c29f9b8.pdf>. Acesso em: 08 set. 2018.

APÊNDICE A – CURSO DE CAPACITAÇÃO EM MEDIAÇÃO DA LEITURA

Curso de Capacitação em Mediação da Leitura – 1ª edição	
Ministrante	A confirmar
Modalidade	A distância
Número de vagas	10
Carga horária	03 horas
Data	13/08/2021
Horário	14h – 17h
Público-alvo	Bibliotecários, auxiliares de biblioteca e demais servidores que atuam em bibliotecas.
Objetivos	Oferecer capacitação no sentido de promover aperfeiçoamento e oportunidade para a formação de novos mediadores da leitura para atuarem em bibliotecas com os mais diversos tipos de público.
Metodologia	O Curso será realizado via <i>Google Meet</i> .
Conteúdos abordados	Apresentação do curso de capacitação Leitura de mundo e leitura da palavra Leitura literária na formação de leitores competentes O papel dos mediadores da leitura
Bibliografia	
<p>FREIRE, Paulo. A importância do ato de ler: em três artigos que se completam. 45. ed. São Paulo: Cortez, 2003. 87 p.</p> <p>MORO, Eliane Lourdes da Silva; ESTABEL, Lizandra Brasil. Mediadores de leitura na família, na escola, na biblioteca, na bibliodiversidade. In: NEVES, Iara Conceição Bitencourt; MORO, Eliane Lourdes da Silva; ESTABEL, Lizandra Brasil (org.). Mediadores de Leitura na Bibliodiversidade. Porto Alegre: Evangraf; SEAD; UFRGS, 2012, p. 41-64. Disponível em: http://www.ufrgs.br/sead/servicos-ead/publicacoes-1/pdf/MEDIADORES_Leitura_na_Bibliodiversidade.pdf. Acesso em: 01 nov. 2020.</p> <p>PETIT, Michèle. A arte de ler ou como resistir à adversidade. São Paulo: Editora 34, 2010. 304 p.</p> <p>_____. Leituras: do espaço íntimo ao espaço público. São Paulo: Editora 34, 2013. 168 p.</p> <p>_____. Os jovens e a leitura: uma nova perspectiva. São Paulo: Editora 34, 2009. 192 p.</p> <p>SILVA, Vera Maria Tietzmann. Leitura literária & outras leituras: impasses e alternativas no trabalho do professor. Belo Horizonte: RHJ, 2009. 216 p.</p> <p>YUNES, Eliana. Tecendo um leitor: uma rede de fios cruzados. Curitiba: Aymarã, 2009.</p> <p>ZILBERMAN, Regina. Para uma política de mediação em leitura. Rev. do Centro de Pesquisa e Formação. Maio 2016, p. 126-141. Disponível em: https://www.sescsp.org.br/files/artigo/bd884cbc-3e67-4e60-9ffb-e7743c29f9b8.pdf. Acesso em: 01 nov. 2020.</p>	

APÊNDICE B – MODELO DE QUESTIONÁRIO**PERFIL****1 Qual a sua faixa etária?**

- Até 30 anos
- 31 a 40 anos
- 41 a 50 anos
- 51 anos ou mais

2 Qual o seu gênero?

- Masculino
- Feminino
- Outros: _____

3 Cursou Biblioteconomia em qual instituição?**4 Em que ano se formou em Biblioteconomia?****5 Possui outra formação de nível superior? Qual?****6 Qual o seu nível de formação? (Considere apenas o nível concluído)**

- Superior
- Especialização
- Mestrado
- Doutorado

6.1 Qual curso de pós-graduação realizou? Responda indicando o nível e o curso. Por exemplo: Especialização em (nome do curso). Se não realizou, responda "não se aplica".

6.2 Em qual instituição cursou a pós-graduação? Se não cursou, responda "não se aplica".

7 Em que ano ingressou no IFSC no cargo de bibliotecário (a)?**8 Qual a atividade que você realiza com mais frequência na biblioteca do seu campus?**

- Processamento técnico (catalogação/classificação/indexação)
- Atendimento ao usuário
- Ações culturais
- Outro: _____

9 Qual a atividade que você mais gosta de realizar na biblioteca?

COMPREENSÃO SOBRE LEITURA

10 O que é leitura para você?

11 Com que frequência você lia na infância?

- Nunca
- Raramente
- Frequentemente
- Sempre

12 Você acredita que a leitura contribuiu para a sua formação? De que forma?

13 Qual a sua preferência de leitura literária?

- Conto
- Poema
- Romance
- Autoajuda
- Ficção científica
- Outro: _____

14 Relate como foram as suas experiências em bibliotecas durante a sua vida, enquanto leitor.

15 Você se considera um (a) bibliotecário (a) leitor (a)?

- Sim
- Não

PRÁTICAS DE LEITURA

16 Você já participou de cursos relacionados à área de leitura e/ou formação de leitores? Quais?

17 Enquanto bibliotecário (a) desta instituição, você desenvolve (ou desenvolveu) alguma prática de leitura na biblioteca do seu ou de outro câmpus? Quais?

17.1 Descreva pelo menos uma dessas práticas de leitura (em que consiste, quais os objetivos, resultados). Se não desenvolve responda "não se aplica".

17.2 Em relação à resposta anterior, qual a sua participação no desenvolvimento e aplicação dessa prática? Por exemplo: coordenador, ministrante, participante, outros (especifique). Se não desenvolve, responda "não se aplica".

18 Há algo que motive ou desmotive a realização de atividades voltadas para o fomento à leitura e formação de leitores na biblioteca do seu câmpus?

Descreva.

19 Na sua opinião, como formar leitores no contexto das bibliotecas do IFSC?

20 Gostaria de deixar alguma sugestão ou comentário a respeito do tema leitura no contexto das bibliotecas do IFSC? Use este espaço.

ANEXO A – TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO



Comitê de Ética em Pesquisa
Envolvendo Seres Humanos

GABINETE DO REITOR

TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO

O (a) senhor (a) está sendo convidado a participar de uma pesquisa de mestrado, intitulada **A Leitura na voz dos bibliotecários atuantes nas bibliotecas do Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia de Santa Catarina (IFSC): Câmpus da Região da Grande Florianópolis**, tendo como objetivo geral compreender a leitura no âmbito das bibliotecas do Instituto Federal de Santa Catarina (IFSC) sob a ótica dos (as) bibliotecários (as) e como objetivos específicos: a) traçar o perfil dos (as) bibliotecários pesquisados (as); compreender a visão dos (as) bibliotecários (as) em relação à leitura; conhecer as ações/projetos de práticas de leitura realizados nas bibliotecas do IFSC; propor um repertório de práticas de leitura para as bibliotecas do IFSC.

Para responder as perguntas será utilizado o questionário. Esse questionário será enviado por e-mail e respondido de forma virtual.

O (a) Senhor(a) não terá despesas e nem será remunerado pela participação na pesquisa.

Os riscos destes procedimentos serão mínimos por talvez envolver desconforto físico como cansaço ou tensão no momento de responder o questionário devido ao tempo disponibilizado para tal atividade.

A sua identidade será preservada pois cada indivíduo será identificado por um código.

Os benefícios e vantagens em participar deste estudo serão contribuir com uma pesquisa voltada à práticas de leitura em uma instituição de ensino, que terá como produto final a criação de um repertório de práticas de leitura para as bibliotecas da instituição.

As pessoas que estarão acompanhando os procedimentos serão os pesquisadores: o estudante de mestrado Cristiano Sardá da Conceição e sua orientadora, professora doutora Gisela Eggert-Steindel.

O (a) senhor (a) poderá deixar de responder ao estudo a qualquer momento, sem qualquer tipo de constrangimento.

Solicitamos a sua autorização para o uso de seus dados para a produção de artigos técnicos e científicos. A sua privacidade será mantida através da não-identificação do seu nome.

Este termo de consentimento livre e esclarecido é feito em duas vias, sendo que uma delas ficará em poder do pesquisador e outra com o sujeito participante da pesquisa.

NOME DO PESQUISADOR RESPONSÁVEL PARA CONTATO: Cristiano Sardá da Conceição

NÚMERO DO TELEFONE: (48) 9 8405-7539

ENDEREÇO: Rua Belizário Berto da Silveira, Saco dos Limões – Florianópolis-SC.

ASSINATURA DO PESQUISADOR:

Comitê de Ética em Pesquisa Envolvendo Seres Humanos – CEPESH/UDESC

Av. Madre Benvenuta, 2007 – Itacorubi – Florianópolis – SC -88035-901

Fone/Fax: (48) 3664-8084 / (48) 3664-7881 - E-mail: cepsch.reitoria@udesc.br / cepsch.udesc@gmail.com

CONEP- Comissão Nacional de Ética em Pesquisa

SRTV 701, Via W 5 Norte – lote D - Edifício PO 700, 3º andar – Asa Norte - Brasília-DF - 70719-040

Fone: (61) 3315-5878/ 5879 – E-mail: conep@saude.gov.br

TERMO DE CONSENTIMENTO

Declaro que fui informado sobre todos os procedimentos da pesquisa e, que recebi de forma clara e objetiva todas as explicações pertinentes ao projeto e, que todos os dados a meu respeito serão sigilosos. Eu compreendo que neste estudo, as medições dos experimentos/procedimentos de tratamento serão feitas em mim, e que fui informado que posso me retirar do estudo a qualquer momento.

Nome por extenso _____

Assinatura _____ Local: _____ Data: ____/____/____.